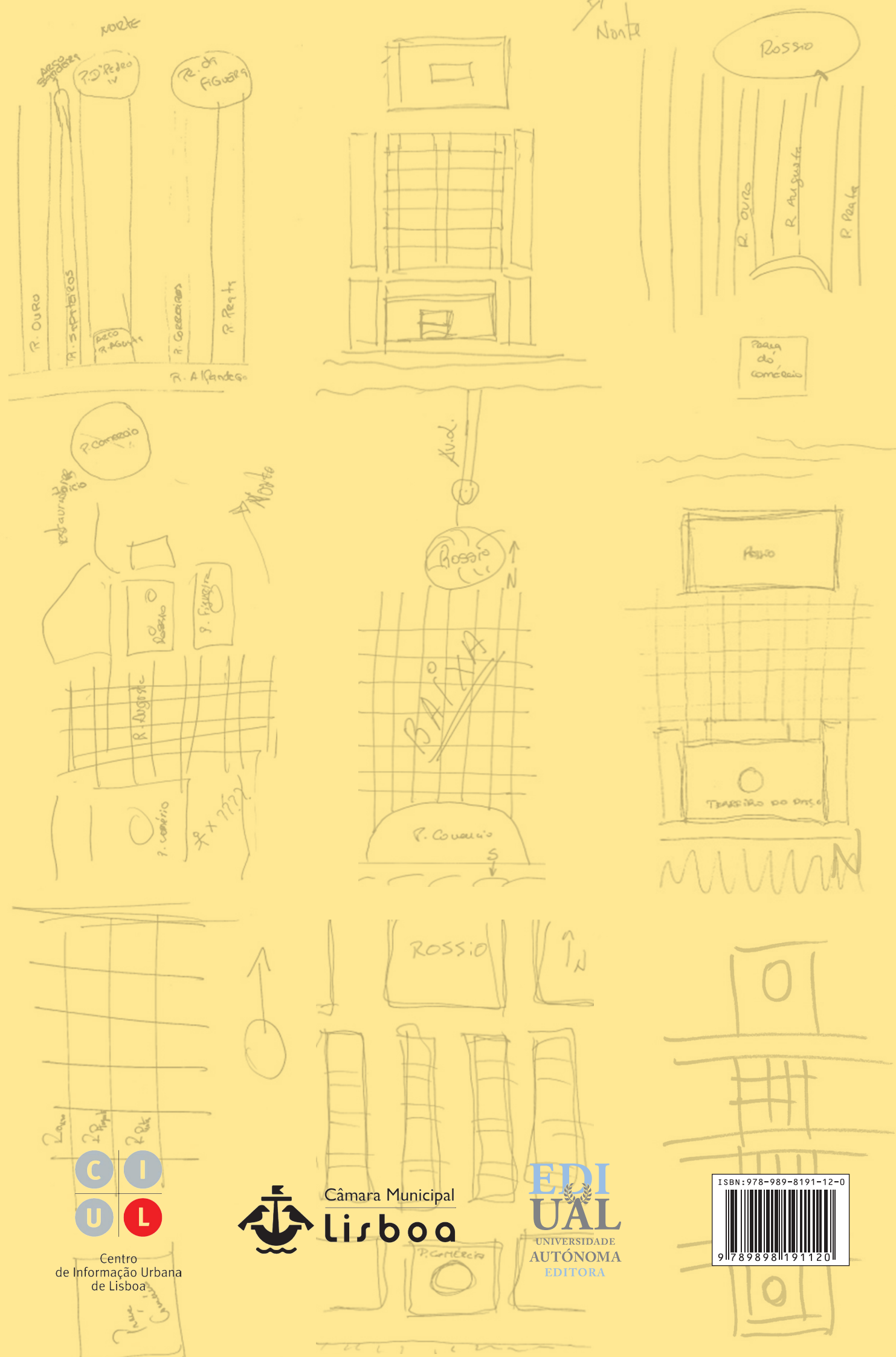




PRAÇA DO COMÉRCIO

PERCEÇÃO E REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO: PRESENTE E FUTURO

"PRAÇA DO COMÉRCIO. PERCEÇÃO E REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO: PRESENTE E FUTURO"



Centro
de Informação Urbana
de Lisboa



Câmara Municipal
Lisboa



UNIVERSIDADE
AUTÓNOMA
EDITORA



ISBN: 978-989-8191-12-0

917898981191120



UNIVERSIDADE
AUTÓNOMA
DE LISBOA



INSTITUTO DE INVESTIGAÇÃO
PLURIDISCIPLINAR



“Praça do Comércio. Percepção e representação do espaço: presente e futuro”

Universidade Autónoma de Lisboa

Outubro de 2009

Praça do comércio - percepção e representação do espaço: presente e futuro/ coord. Filipa Ramalhete; Carla Rocha Gomes; Helena Ribeiro dos Santos. Lisboa: Edual, 2009. 116 p.

ISBN 978-989-8191-12-0

CDU 71

Ficha Técnica:

PRAÇA DO COMÉRCIO - PERCEPÇÃO E REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO: PRESENTE E FUTURO

Universidade Autónoma de Lisboa. Instituto de Investigação Pluridisciplinar

CEACT/UAL – Centro de Estudos de Arquitectura, Cidade e Território da Universidade Autónoma de Lisboa

Editora:

EDIUAL - Universidade Autónoma Editora, S.A.

Rua de Sta. Marta, n.º 56

1169-023 Lisboa

Equipa:

Filipa Ramalhete (coord.)

Carla Rocha Gomes

Helena Ribeiro dos Santos

Inquéritos:

Joana Afonso; Sandra Lopes; Cláudio Gonçalves; André Catalão

Apoio:

Câmara Municipal de Lisboa. Centro de Informação Urbana de Lisboa

Depósito Legal:

Índice

Agradecimentos	6
I - Enquadramento	
1. Introdução	8
2. Metodologia	12
2.1. Inquéritos	13
2.2. Entrevistas	14
2.3. Observação no local	15
3. Enquadramento geográfico.....	16
4. Enquadramento histórico	18
II – Análise	
5. Análise dos dados recolhidos	22
5.1. Caracterização da população inquirida	22
5.2. A importância da Praça	30
5.3. Motivações e frequência de deslocação à Praça do Comércio	32
5.4. Fluxos e permanência na Praça.....	53
5.5. O espaço da Praça	67
5.6. As actividades da Praça	76
5.7. (Sobre)Viver na Praça	78
5.8. Gostos e desgostos.....	81
5.9. Ambições futuras	86
6. Perfil dos utentes da Praça do Comércio	90
III – Discussão	
7. Análise: percepção do espaço, presente e futuro	92
7.1. Mitos e realidades na percepção da Praça do Comércio	92
7.2. Espaço de trabalho ou de lazer?	96
7.3. Práticas do quotidiano e momentos de excepção.....	97
7.4. Circulação e permanência	98
7.5. A Praça como património – um valor inalienável e suporte de um discurso de continuidade histórica.....	99
7.6. A imagem mental da Praça do Comércio	100
8. Síntese, conclusões e recomendações.....	107
Bibliografia	111
Anexo – Inquérito realizado	115

Índice de figuras:

FIG. 1 - PRAÇA DO COMÉRCIO, 25.06.2008	12
FIG. 2 – METODOLOGIA ADOPTADA.....	13
FIG. 3 – INQUÉRITOS REALIZADOS NAS INSTITUIÇÕES LOCALIZADAS NA PRAÇA	14
FIG. 4 – ENTREVISTAS REALIZADAS	15
FIG. 5 – LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DA PRAÇA DO COMÉRCIO	16
FIG. 6 - A ENVOLVENTE DA PRAÇA: A BAIXA POMBALINA, VISTA A PARTIR DA COBERTURA DO ARCO DA RUA AUGUSTA.....	16
FIG. 7 - A PRAÇA DO COMÉRCIO, VISTA A PARTIR DA COBERTURA DO ARCO DA RUA AUGUSTA	16
FIG. 8 – EDIFÍCIOS DA PRAÇA DO COMÉRCIO E VIAS DE ACESSO	17
FIG. 9 - VISTA PANORÂMICA DA PRAÇA DO COMÉRCIO (DIA)	17
FIG. 10 - VISTA PANORÂMICA DA PRAÇA DO COMÉRCIO (NOITE)	17
FIG. 11 – ESQUEMA DA PRAÇA DO COMÉRCIO.....	18
FIG. 12 – TURISTAS A AGUARDAR VEZ PARA O CIRCUITO DE VISITA À CIDADE, 26.05.2008	23
FIG. 13 – PARAGEM DE AUTOCARROS E ELÉCTRICOS NA PRAÇA DO COMÉRCIO, 25.06.2008.....	29
FIG. 14 – VISTA PARCIAL DA PRAÇA, 03.04.2008	31
FIG. 15 – DESLOCAÇÕES À PRAÇA DO COMÉRCIO PARA APANHAR TRANSPORTES COLECTIVOS, SEGUNDO O LOCAL DE TRABALHO E O MOMENTO DO DIA	36
FIG. 16 – APANHAR TRANSPORTES, 25.06.2008	37
FIG. 17 – DESLOCAÇÕES À PRAÇA DO COMÉRCIO PARA PASSEIO OU TURISMO, SEGUNDO O LOCAL DE TRABALHO E O MOMENTO DO DIA.....	38
FIG. 18 – DESLOCAÇÕES À PRAÇA DO COMÉRCIO PARA PASSEIO OU TURISMO, SEGUNDO O MOMENTO DE DESLOCAÇÃO E A FAIXA ETÁRIA	39
FIG. 19 – TURISTAS A TIRAR FOTOGRAFIAS, NA PRAÇA DO COMÉRCIO, 06.05.2008.....	40
FIG. 20 – DESLOCAÇÕES À PRAÇA DO COMÉRCIO PARA FAZER COMPRAS NA BAIXA, SEGUNDO O LOCAL DE TRABALHO E A FREQUÊNCIA	42
FIG. 21 – DESLOCAÇÕES À PRAÇA DO COMÉRCIO PARA FAZER COMPRAS NA BAIXA, SEGUNDO A IDADE	42
FIG. 22 – DESLOCAÇÕES À PRAÇA DO COMÉRCIO PARA FREQUENTAR CAFÉS OU RESTAURANTES, SEGUNDO O LOCAL DE TRABALHO E O MOMENTO DO DIA	44
FIG. 23 – À ESPERA SOB O ARCO, 01.06.2008.....	45
FIG. 24 – VISITAR EXPOSIÇÕES, 25.06.2008.....	47
FIG. 25 – UM DOMINGO NA PRAÇA, 06.04.2008	49
FIG. 26 – DESLOCAÇÕES À PRAÇA DO COMÉRCIO PARA ESTAR NA PRAÇA, SEGUNDO A RESIDÊNCIA, IDADE E LOCAL DE TRABALHO OU ESTUDO	49
FIG. 27 – DESLOCAÇÕES À PRAÇA DO COMÉRCIO PARA ESTAR NA PRAÇA, SEGUNDO O TEMPO DE PERMANÊNCIA E A RESIDÊNCIA.....	50
FIG. 28 - USOS PREDOMINANTES NOS EDIFÍCIOS CONTÍGUOS À PRAÇA DO COMÉRCIO, 2008.....	50
FIG. 29 – MARCOS DE CORREIO NA PRAÇA (JUNTO À ESTAÇÃO DOS CTT) 26.05.2008	52
FIG. 30 – SESSÃO FOTOGRÁFICA NA PRAÇA, 25.06.2008	53
FIG. 31 – UM DOMINGO NA PRAÇA, ANIMAÇÃO PELO CHAPITÔ, 01.06.08.....	54
FIG. 32 - AVENIDA RIBEIRA DAS NAUS, JUNTO À PRAÇA DO COMÉRCIO 21.01.2009.....	57
FIG. 33- TRAJECTO PEDONAL DE QUEM RESIDE EM LISBOA E PERIFERIA. POR ORDEM DESCENDENTE: DURANTE UM DIA DE SEMANA (MANHÃ, TARDE E NOITE) E NUM DOMINGO À TARDE	59
FIG. 34 - TRAJECTO PEDONAL DOS TURISTAS. POR ORDEM DESCENDENTE: DURANTE UM DIA DE SEMANA (MANHÃ, TARDE E NOITE) E NUM DOMINGO À TARDE	60
FIG. 35 - PERMANÊNCIA DE PESSOAS JUNTO AO RIO, 04.05.2009.....	64
FIG. 36– UTILIZAÇÃO DOS BANCOS, 01.06.2008	66
FIG. 37 – O ESPAÇO DAS ARCADAS, 12.05.2009	68
FIG. 38 – ATRAVESSAMENTO EM FRENTE AO ARCO DA RUA AUGUSTA E VISTA PARCIAL DO PISO DA ÁREA CENTRAL, 26.05.2009.....	69
FIG. 39 - VISTA PARA O RIO TEJO APÓS A REPOSIÇÃO DO CAIS DAS COLUNAS, 21.01.2009	75
FIG. 40 – FLORISTA JUNTO À SAÍDA DO METRO, 26.05.2008	77
FIG. 41 – QUIOSQUE NA ALA OCIDENTAL, 25.06.2008	77
FIG. 42 - PRAÇA DO COMÉRCIO À NOITE	79
FIG. 43 - SEM-ABRIGO, 11.05.2008.....	79
FIG. 44 – SINALÉTICA DO ARCO DA RUA AUGUSTA, 25.06.2008.....	87
FIG. 45 – OPINIÃO SOBRE A CIRCULAÇÃO DO TRÂNSITO AUTOMÓVEL SEGUNDO O LOCAL DE TRABALHO E O PRINCIPAL MEIO DE DESLOCAÇÃO DIÁRIA.....	88
FIG. 46 – SÍNTESE DOS PERFIS DOS UTENTES DA PRAÇA DO COMÉRCIO	90
FIG. 47 – AS OBRAS NA PRAÇA DO COMÉRCIO, 26.05.2008	99
FIG. 48 – MAPAS MENTAIS DA PRAÇA DO COMÉRCIO	105

Índice de gráficos:

GRÁFICO 1. DISTRIBUIÇÃO DA AMOSTRA, SEGUNDO O GÉNERO E A ESTRUTURA ETÁRIA (%)	22
GRÁFICO 2. ORIGEM DA POPULAÇÃO INQUIRIDA (%)	23
GRÁFICO 3. NÍVEL DE ESCOLARIDADE DA POPULAÇÃO INQUIRIDA (%)	24
GRÁFICO 4. NÍVEL DE ESCOLARIDADE DA POPULAÇÃO INQUIRIDA, QUE NÃO TRABALHA NA PRAÇA (%)	25
GRÁFICO 5. GRUPO PROFISSIONAL DA POPULAÇÃO INQUIRIDA (%)	26
GRÁFICO 6. LOCAL DE RESIDÊNCIA DA POPULAÇÃO INQUIRIDA (%)	27
GRÁFICO 7. LOCAL DE TRABALHO / ESTUDO DA POPULAÇÃO INQUIRIDA* (%)	27
GRÁFICO 8. TRABALHADORES NA BAIXA E NA PRAÇA DO COMÉRCIO	28
GRÁFICO 9. MEIO DE TRANSPORTE PREFERENCIAL NAS DESLOCAÇÕES DIÁRIAS (%)	29
GRÁFICO 10. MEIO DE TRANSPORTE UTILIZADO PARA DESLOCAÇÕES DIÁRIAS, SEGUNDO A POSSE DE CARRO PRÓPRIO	30
GRÁFICO 11. QUAL A IMPORTÂNCIA DA PRAÇA PARA A HISTÓRIA DA CIDADE?	30
GRÁFICO 12. A PRAÇA DO COMÉRCIO É IMPORTANTE, DEVIDO:	32
GRÁFICO 13. FREQUÊNCIA COM QUE SE DESLOCA À PRAÇA DO COMÉRCIO	33
GRÁFICO 14. RAZÕES PARA SE DESLOCAR À PRAÇA DO COMÉRCIO	34
GRÁFICO 15. QUANDO SE DESLOCA À PRAÇA, PARA TRABALHAR?	35
GRÁFICO 16. EM QUE MOMENTO DO DIA SE DESLOCA À PRAÇA PARA TRABALHAR?	35
GRÁFICO 17. QUANDO SE DESLOCA À PRAÇA, PARA APANHAR TRANSPORTES?	36
GRÁFICO 18. EM QUE MOMENTO DO DIA SE DESLOCA À PRAÇA, PARA APANHAR TRANSPORTES?	37
GRÁFICO 19. QUANDO SE DESLOCA À PRAÇA, PARA PASSEIO OU TURISMO?	38
GRÁFICO 20. EM QUE MOMENTO DO DIA SE DESLOCA À PRAÇA, PARA PASSEIO OU TURISMO?	39
GRÁFICO 21. QUANDO SE DESLOCA À PRAÇA, PARA FAZER COMPRAS NA BAIXA?	41
GRÁFICO 22. EM QUE MOMENTO DO DIA SE DESLOCA À PRAÇA, PARA FAZER COMPRAS NA BAIXA?	41
GRÁFICO 23. QUANDO SE DESLOCA À PRAÇA PARA UTILIZAR RESTAURANTES OU CAFÉS?	43
GRÁFICO 24. EM QUE MOMENTO DO DIA SE DESLOCA À PRAÇA, PARA UTILIZAR RESTAURANTES OU CAFÉS?	43
GRÁFICO 25. QUANDO SE DESLOCA À PRAÇA, PARA SE ENCONTRAR COM OUTRAS PESSOAS?	44
GRÁFICO 26. EM QUE MOMENTO DO DIA SE DESLOCA À PRAÇA, PARA SE ENCONTRAR COM OUTRAS PESSOAS?	45
GRÁFICO 27. QUANDO SE DESLOCA À PRAÇA, PARA VISITAR EXPOSIÇÕES?	46
GRÁFICO 28. EM QUE MOMENTO DO DIA SE DESLOCA À PRAÇA PARA VISITAR EXPOSIÇÕES?	47
GRÁFICO 29. QUANDO SE DESLOCA À PRAÇA, PARA ESTAR NA PRAÇA?	48
GRÁFICO 30. EM QUE MOMENTO DO DIA SE DESLOCA À PRAÇA, PARA AÍ ESTAR?	48
GRÁFICO 31. QUANDO SE DESLOCA À PRAÇA, PARA UTILIZAR OS SERVIÇOS DISPONÍVEIS?	51
GRÁFICO 32. EM QUE MOMENTO DO DIA SE DESLOCA À PRAÇA PARA UTILIZAR OS SERVIÇOS DISPONÍVEIS?	51
GRÁFICO 33. PRAÇA DO COMÉRCIO COMO LOCAL DE DESTINO OU DE PASSAGEM, SEGUNDO O MEIO DE TRANSPORTE UTILIZADO	55
GRÁFICO 34. TRANSPORTE PÚBLICO MAIS UTILIZADO (%)	56
GRÁFICO 35. TRANSPORTES PÚBLICOS QUE CIRCULAM, AO LONGO DE UM DIA ÚTIL, NA PRAÇA DO COMÉRCIO	56
GRÁFICO 36. HABITUALMENTE, POR ONDE CIRCULA, A PÉ, NA PRAÇA (%)	58
GRÁFICO 37. O LOCAL DA PRAÇA ONDE PERMANECE MAIS TEMPO (%)	61
GRÁFICO 38. INDIVÍDUOS PRESENTES NA PRAÇA DO COMÉRCIO NO DIA 25-06-2008, DAS 9H ÀS 18H (POR HORA)	63
GRÁFICO 39. NÚMERO DE INDIVÍDUOS PRESENTES EM VÁRIOS DIAS, A CADA HORA, DAS 15H ÀS 16H	64
GRÁFICO 40. TEMPO DE PERMANÊNCIA NA PRAÇA	65
GRÁFICO 41. UTILIZAÇÃO DOS BANCOS, SEGUNDO A IDADE	66
GRÁFICO 42. O QUE PENSA DA ÁREA PEDONAL - PASSEIO	67
GRÁFICO 43. O QUE PENSA DA ÁREA PEDONAL - ARCADAS	68
GRÁFICO 44. O QUE PENSA DA ÁREA PEDONAL - CENTRO DA PRAÇA	69
GRÁFICO 45. O QUE PENSA DA ÁREA PEDONAL - ATRAVESSAMENTOS	70
GRÁFICO 46. O ACESSO AO RIO É:	71
GRÁFICO 47. EM TERMOS DE SEGURANÇA, A PRAÇA É	72
GRÁFICO 48. EM TERMOS DE POLUIÇÃO DO AR A PRAÇA TEM:	73
GRÁFICO 49. EM TERMOS DE RUÍDO, A PRAÇA TEM:	74
GRÁFICO 50. A VISTA PARA O RIO É:	75
GRÁFICO 51. QUE ACTIVIDADES SE DEVERÃO REALIZAR NA PRAÇA?	78
GRÁFICO 52. A PRAÇA DO COMÉRCIO É UM LOCAL:	81
GRÁFICO 53. O QUE GOSTA MAIS NA PRAÇA?	82
GRÁFICO 54. O QUE GOSTA MENOS NA PRAÇA?	83
GRÁFICO 55. O QUE FAZ MAIS FALTA NA PRAÇA DO COMÉRCIO?	84
GRÁFICO 56. QUAIS SÃO OS ELEMENTOS MAIS MARCANTES DA PRAÇA?	85
GRÁFICO 57. GOSTARIA QUE O ARCO DA RUA AUGUSTA FOSSE VISITÁVEL?	86
GRÁFICO 58. GOSTARIA QUE A PRAÇA TIVESSE ÁRVORES?	88
GRÁFICO 59. A CIRCULAÇÃO DO TRÂNSITO RODOVIÁRIO DEVERIA SER:	89
GRÁFICO 60. A PRAÇA DEVERIA PERMITIR A CIRCULAÇÃO DE:	89

Agradecimentos

A concretização deste trabalho deveu-se ao apoio e contributo de várias pessoas. Assim sendo, gostaríamos de manifestar o nosso sincero agradecimento:

- aos colegas da equipa do IPUAL, coordenada pelo professor Miguel Figueira de Faria: Madalena Mira, Maria Helena Barreiros, José de Monterroso Teixeira e Cristina Dias;
- ao Rodrigo Rosa, pela preciosa colaboração na elaboração do inquérito;
- à Joana Afonso, Sandra Lopes, Cláudio Gonçalves e André Catalão, pela colaboração na realização dos inquéritos;
- aos alunos do 3º ano de Arquitectura 2007/2008, cujos trabalhos são referidos neste texto;
- aos vários entrevistados, que prontamente se disponibilizaram para participar no estudo: António Amaral (Agência Baixa Chiado), António Campos Rosado (Associação de Moradores da Baixa Pombalina), António Manuel (Junta de Freguesia de São Nicolau), Branca Neves (Câmara Municipal de Lisboa), Dino Duro (PSP), Jorge Catarino (Câmara Municipal de Lisboa), Jorge Ferreira (Junta de Freguesia da Madalena), José Quadros (Associação de Dinamização da Baixa Pombalina), Luís Jorge Bruno Soares (BrunoSoares, Arquitectos), Manuel Lopes Rodrigues (Polícia Municipal), Margarida Pereira (Sociedade de Reabilitação Urbana da Baixa), Maria Martins e Carla Brás (Marinha Portuguesa), Paulo Afonso (Carris)
- à Câmara Municipal de Lisboa por todo o apoio dado ao projecto de investigação, nas suas várias vertentes, nomeadamente ao vereador Manuel Salgado e à Maria José Gomes, do CIUL – Centro de Informação Urbana de Lisboa.

I

Enquadramento

1. Introdução

O presente estudo foi realizado no âmbito do projecto de investigação “Praça do Comércio. Percepção e representação do espaço: presente e futuro”, desenvolvido, desde Março de 2008, na linha de investigação “Urbanismo e Monumentos Públicos”, que integra o Instituto de Investigação Pluridisciplinar da Universidade Autónoma de Lisboa (IIPUAL).

Em termos disciplinares, o estudo do espaço, e da forma como os indivíduos percebem e representam o substrato territorial onde habitam e circulam, nomeadamente no que diz respeito ao espaço público, tem sido objecto de reflexão por várias disciplinas das ciências sociais, como antropologia, psicologia e sociologia, pela arquitectura e arquitectura paisagista, pela geografia e mesmo pela biologia, existindo hoje um corpo teórico muito vasto, embora algo fragmentado, que fornece importantes pistas e bases de reflexão para um estudo de caso como aquele que é aqui realizado.

Inicialmente, os estudos do espaço estavam associados à geografia, cujo objecto de estudo é justamente o território, nas suas múltiplas dimensões, tendo surgido, na década de sessenta do século XX, aquilo que podemos designar por geografia da percepção, associando, segundo Bailly, ao espaço geográfico, horizontal, a dimensão vertical do espaço social e psicológico (Bailly, 1979).

Em simultâneo, na teoria da arquitectura e da arquitectura paisagista vários autores se debruçaram sobre a complexidade da relação entre cultura e arquitectura. Gordon Cullen, na década de cinquenta do século passado, tendo como objectivo estabelecer um conjunto de definições e princípios operacionais para ler e intervir na paisagem urbana, nomeadamente no espaço público, definiu um conjunto de aspectos fundamentais para compreender como é feita a percepção e a representação do espaço. Cullen utilizou já a noção de apropriação do espaço, embora a definisse em relação à ocupação do mesmo pelas pessoas, e não como um processo, reflexivo, de associar um espaço a uma identidade individual ou colectiva, aspectos que só surgirão mais tarde, com o desenvolvimento da teoria da arquitectura, da psicologia e da antropologia (Lynch, Hall e Pellegrino são alguns exemplos).

Também ao longo do século XX, em especial na segunda metade, outras ciências sociais (antropologia, sociologia, economia) se especializaram, e ciências como psicologia e a neurobiologia desenvolvem trabalhos sobre a vertente cognitiva e cultural do espaço (Salgueiro, 1991).

Os estudos das ciências sociais, desenvolvendo trabalhos dos primeiros teóricos (Durkheim; Lévi-Strauss) chamam a atenção, sobretudo a partir da década de oitenta, para a relação entre espaço e identidade, individual e colectiva, introduzindo o conceito de representação espacial como uma imagem, partilhada por uma comunidade, do seu território:

“Quando se fala em representações colectivas, pressupõe-se que os membros de uma determinada colectividade possuem repertórios semelhantes de significações, que são reconhecidos como fazendo parte da existência da colectividade. No que diz respeito ao espaço, isso significa que existe um princípio de atribuição de significações ao território que é comum aos membros de uma dada colectividade. Através das representações do espaço, os indivíduos conferem uma especificidade ao seu território e reconhecem uma identidade à sua colectividade, o que significa que se estabelece um laço indissociável entre o sentimento de pertença a uma colectividade e o sentimento de pertença a um território.” (Silvano, 1997: 11)

Considera-se, hoje, que o território não é uma tábua rasa, neutra, onde se materializa de forma estática a acção humana, mas antes um substrato onde, numa relação dialéctica, se assiste a uma permanente transformação, continuamente renovada pelas práticas sociais. Neste sentido, nas últimas décadas do século XX, muitos investigadores se dedicaram ao estudo do espaço público, como território privilegiado da interacção social das comunidades, mediatizado por símbolos, onde se joga e materializa a relação entre poder e identidade (Monnet, 2007).

Multiplicaram-se, também, as intervenções artísticas e urbanísticas nos espaços públicos, associadas a características diversas, desde a modernização de infra-estruturas ou reconversão de espaços que se tornaram obsoletos à introdução e reforço de práticas sociais, a pretexto da necessidade de criar relações entre a população e determinados espaços (pedonalização de ruas, por exemplo).

Subjacentes a estas intervenções estão decisões políticas e estratégias de intervenção que, de forma mais ou menos intencional, manipulam o espaço colectivo não privado, tornando-o num espaço de materialização de referências, de expressão de lugares-comuns, de testemunho das várias épocas históricas. Como refere Manuel Delgado *“La producción de significados en que consisten en gran parte las políticas urbanísticas parece orientada a demostrar como el medio ambiente ciudadano puede ser manipulado para hacer de él argumento e refuerzo simbólico para una determinada ideología de identidad artificialmente favorecida desde instancias políticas”* (Delgado, 2001: 60).

Estas intervenções são, cada vez mais, definidas como projectos de valorização onde é fundamental a participação e responsabilização de todos os agentes, constituindo amiúde integrante da cultura urbana e da cidadania (Brandão, 2002), sobretudo devido à crescente importância dada à participação da população nos processos de tomada de decisão relativos ao ordenamento do território (nomeadamente a partir da aprovação, pelas Nações Unidas, da Agenda 21 Local, em 1991).

Os centros históricos são um dos principais focos desta preocupação, surgindo como cenário preferencial da construção e recriação de identidades de base territorial, associados ao aproveitamento turístico que as motiva, constrói e reforça. Inseridos, em pleno século XXI, numa lógica global onde impera a mobilidade, as intervenções nas zonas históricas da cidade, os seus usos e actividades são palco de intensas discussões e reflexões entre académicos, decisores e actores sociais, mais ou menos participadas pelos habitantes locais (Ramalhe, 2007).

A Praça do Comércio – o estudo

A Praça do Comércio de Lisboa, pela sua importância histórica e localização geográfica, é um espaço fundamental da capital Portuguesa, constituindo uma referência constante quando se discute o passado, o presente e o futuro da cidade, nomeadamente da sua zona histórica e ribeirinha. Tem sido objecto de variados estudos, sobretudo de cariz histórico, e é um dos pontos centrais nas diversas discussões e documentos com propostas de intervenção para a Baixa Pombalina.

O ponto de partida para o presente estudo foi a constatação da necessidade de conhecer o modo como aqueles que circulam e trabalham na Praça do Comércio a percebem e representam actualmente e quais as suas expectativas quanto à sua evolução futura. A investigação teve início em 2008, momento que se revelou oportuno para a realização do estudo, uma vez que estavam em curso vários tipos de projectos de intervenção na Praça do Comércio (reposição do Cais das Colunas, intervenção na Frente Ribeirinha, iniciativa de animação da Praça e encerramento do trânsito aos Domingos).

Desta forma, os objectivos deste estudo são:

Objectivo geral:

- Contribuir para o conhecimento histórico, arquitectónico e social da Praça do Comércio, e deste modo para o ordenamento da cidade de Lisboa.

Objectivos específicos:

- Caracterizar a população que utiliza a Praça do Comércio;
- Compreender as suas motivações para se deslocarem à Praça, e a frequência com que o fazem;
- Analisar a sua percepção deste espaço, considerado notável no contexto urbanístico português;
- Fornecer pistas para o estudo de ordenamento da Praça, através da análise das necessidades enunciadas pelos utentes;
- Desenvolver e aplicar um conjunto de opções metodológicas a uma área nobre do espaço urbano.

Em suma, pretende-se criar a base para uma análise do modo como este espaço é vivido e percebido pelos seus utentes. Sendo o estudo do espaço, por natureza, uma temática que obriga a uma abordagem interdisciplinar, formámos uma equipa de trabalho composta por elementos com formação em antropologia, geografia e arquitectura, tendo havido também a colaboração dos historiadores da equipa, Miguel Figueira de Faria, José de Monterroso Teixeira e Maria Helena Barreiros e do sociólogo Rodrigo Rosa, quer na elaboração da estrutura do inquérito, quer na análise de dados.

Creemos que a investigação produziu um conjunto de resultados que nos permitiram apresentar informação original e inovadora sobre a Praça, reflectindo uma nova leitura e análise do espaço actual, complementar aos estudos existentes e aos desenvolvidos na linha de investigação Urbanismo e Monumentos Públicos.

Fig. 1 - Praça do Comércio, 25.06.2008



2. Metodologia

O estudo das percepções espaciais, de quem circula e trabalha no espaço da Praça do Comércio, que é apresentado neste documento fundamentou-se não só numa revisão bibliográfica sobre o tema, mas também no trabalho de campo que se estruturou em três etapas:

- a) realização de inquéritos a transeuntes e a trabalhadores dos diversos organismos da Praça;
- b) entrevistas a actores-chave;
- c) observação no local (que inclui registos de contagem dos fluxos na Praça e recolha fotográfica).

Fig. 2 – Metodologia adoptada



Em simultâneo, no âmbito da disciplina de História da Arquitectura (coordenada pela professora Maria Helena Ribeiro dos Santos), os alunos do 3º ano de Arquitectura realizaram um conjunto de trabalhos sobre a Praça do Comércio, que contribuiriam também para a investigação. Os trabalhos versaram sobre vários temas, nomeadamente as intervenções que foram projectadas ou realizadas durante o século XX para a Praça do Comércio, análise da morfologia urbana e fluxos e análise da imagem mental da Praça.

2.1. Inquéritos

Uma parte fundamental do trabalho assentou na realização de inquéritos na Praça, a transeuntes. Estes inquéritos foram feitos a diferentes horas e dias da semana, a cidadãos portugueses e estrangeiros, de forma a cobrir um universo o mais abrangente e diversificado possível.

De Março a Julho de 2008 realizaram-se 440 inquéritos na Praça do Comércio, quer a transeuntes, quer a trabalhadores das diversas instituições¹, que aí têm instalações, uma vez

¹ Ministério da Agricultura; Ministério da Defesa Nacional; Ministério das Finanças; Ministério da Justiça; Polícia de Segurança Pública (2ª esquadra – Praça do Comércio); Supremo Tribunal de Justiça; Turismo de Lisboa; ViniPortugal, no total de 279 inquéritos. Apesar de terem sido estabelecidos contactos com o Ministério da Administração Interna e com a Marinha Portuguesa, não foi possível realizar inquéritos nestas instituições.

que se considerou importante conhecer também as percepções, a utilização e as ambições das pessoas que, porventura, mais tempo permanecem naqueles edifícios.

Fig. 3 – Inquéritos realizados nas instituições localizadas na Praça

Local	Número de inquéritos
Inquéritos feitos na Praça, em 6 dias diferentes	161
Ministério das Finanças	93
Secretaria-Geral do Ministério da Agricultura	34
Ministério da Justiça	31
PSP	30
Turismo de Lisboa	30
Exército	29
Supremo Tribunal de Justiça	28
ViniPortugal	3
Associação de Moradores da Baixa Pombalina	1
Total	440

Após a recolha da informação (feita por uma equipa interdisciplinar, composta por pessoas com formação em Arquitectura, Antropologia e Geografia), os dados foram inseridos numa base de dados criada no *software* de tratamento estatístico *SPSS*, com o objectivo de:

- caracterizar a população que frequenta e utiliza a Praça do Comércio;
- analisar os motivos e a frequência das deslocações à Praça;
- identificar de que modo é feita a circulação e a permanência na Praça;
- inventariar a opinião sobre a Praça (presente e futuro);
- elaborar os perfis dos utilizadores da Praça.

2.2. Entrevistas

O objectivo das entrevistas foi recolher informação de carácter qualitativo junto dos principais agentes com intervenção neste território. As entrevistas foram gravadas e posteriormente tratadas, de forma a fornecer não só pistas para a própria investigação, mas sobretudo um importante material de estudo e análise sobre a forma como os vários actores percebem e intervêm neste espaço, assim como a sua visão para o seu futuro.

A escolha dos entrevistados incidiu sobre indivíduos que, a nível pessoal ou profissional, têm intervenção directa na gestão ou na vivência deste território. Foram realizadas todas as entrevistas inicialmente previstas.

Fig. 4 – Entrevistas realizadas

Entidade	Contacto	Entrevista
<i>Junta de Freguesia de São Nicolau</i>	António Manuel (presidente)	11-02-2008
<i>Junta de Freguesia da Madalena</i>	Jorge Ferreira (presidente)	13-02-2008
<i>Carris - Área de Planeamento Operacional</i>	Paulo Afonso (engenheiro, responsável da área)	29-02-2008
<i>2ª Esquadra da PSP</i>	Comissário Dino Duro (comandante) Subchefes Silva e Balsinha	02-04-2008
<i>Marinha Portuguesa</i>	Tenente Maria Martins Tenente Carla Brás	04-04-2008
<i>Agência Baixa Chiado</i>	António Amaral (presidente)	09-04-2008
<i>Associação de Moradores da Baixa Pombalina</i>	António Campos Rosado (presidente)	15-04-2008
<i>Sociedade de Reabilitação Urbana da Baixa</i>	Margarida Pereira (directora)	21-04-2008
<i>Câmara Municipal de Lisboa</i>	Branca Neves (assessora do presidente)	28-05-2008
<i>Associação de Dinamização da Baixa Pombalina</i>	José Quadros (presidente)	04-06-2008
<i>Polícia Municipal - Núcleo de trânsito</i>	2º Comandante Manuel Lopes Rodrigues	24-07-2008
<i>Câmara Municipal de Lisboa – Direcção Municipal de Conservação e Reabilitação Urbana</i>	Jorge Catarino (director municipal)	02-09-2008
<i>BrunoSoares, Arquitectos</i>	Luís Jorge Bruno Soares (arquitecto)	15-12-2008

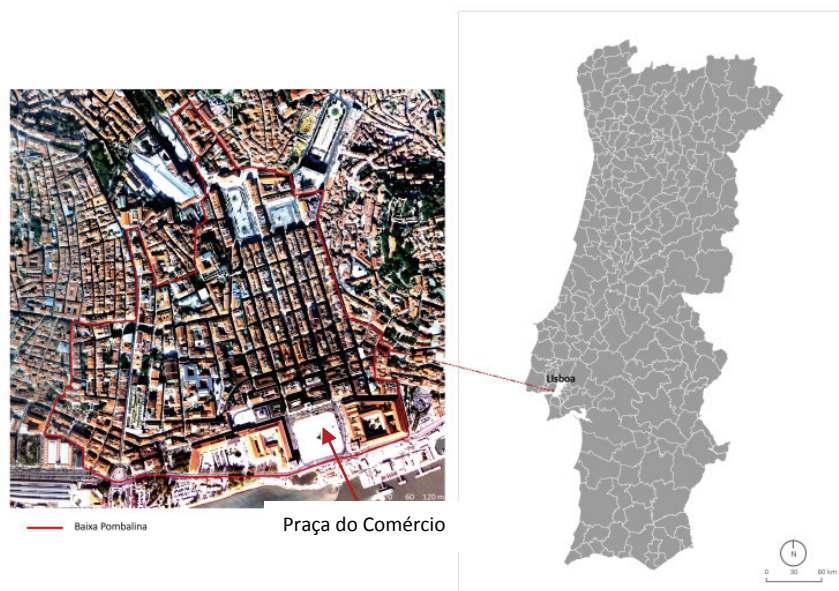
2.3. Observação no local

Teve como objectivo confirmar, de forma sistemática, aspectos que tinham sido observados durante a realização dos inquéritos e que foram considerados importantes para a percepção e vivência do espaço da Praça. Assim, foram feitas contagens de indivíduos na Praça, a vários dias da semana e a diferentes horas, assim como o levantamento dos equipamentos e mobiliário urbano existente na Praça. Foi também feita observação das actividades que se realizam na Praça, a várias horas e em vários dias, e acompanhamento de instituições que, à noite, dão apoio aos sem-abrigo que aí pernoitam.

3. Enquadramento geográfico

Localizada no centro da capital portuguesa, a Praça do Comércio ou, como ainda é designada, o Terreiro do Paço, integra a Baixa Pombalina (fig. 5).

Fig. 5 – Localização geográfica da Praça do Comércio



É esta malha urbana reticulada que enquadra a Norte este espaço, o qual é limitado, a Sul, pelo rio Tejo.

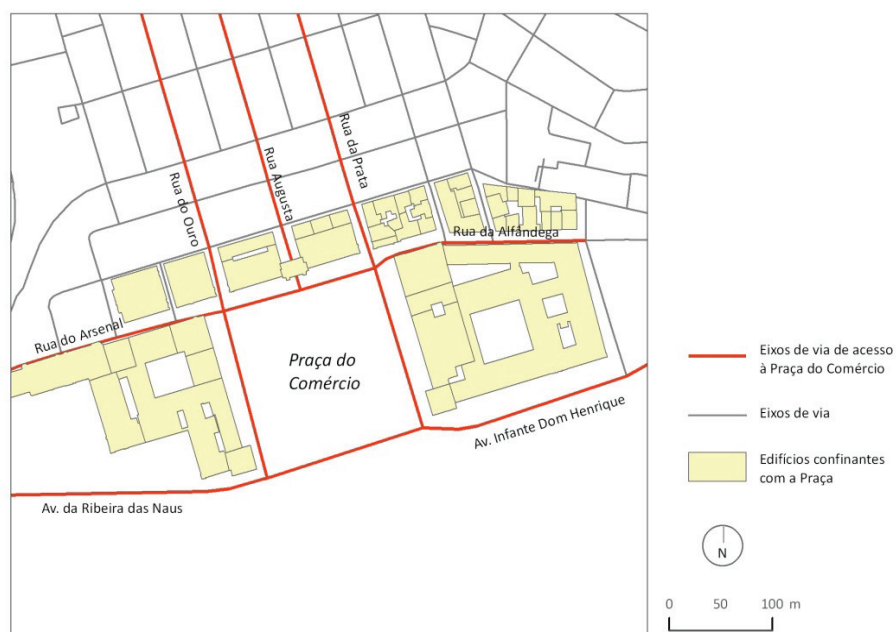
Fig. 6 - A envolvente da Praça: a Baixa Pombalina, vista a partir da cobertura do Arco da Rua Augusta



Fig. 7 - A Praça do Comércio, vista a partir da cobertura do Arco da Rua Augusta



Fig. 8 – Edifícios da Praça do Comércio e vias de acesso



Um aspecto importante para a leitura e compreensão da Praça do Comércio é a alternância entre o dia e a noite que confere não só uma aparência/imagem diferente à Praça, mas também, como se verá ao longo deste trabalho, uma vivência distinta.

Fig. 9 - Vista panorâmica da Praça do Comércio (dia)

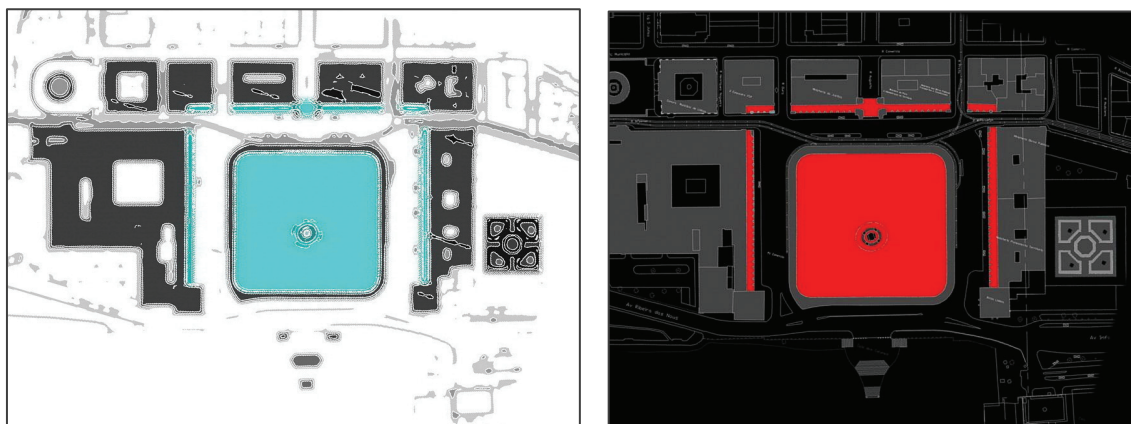


Fig. 10 - Vista panorâmica da Praça do Comércio (noite)



4. Enquadramento histórico

Fig. 11 – Esquema da Praça do Comércio²



“A forma da cidade é sempre a forma de um tempo da cidade; e existem muitos tempos na forma da cidade”. (Rossi, 1984)

O Plano de Renovação da Baixa de Lisboa foi aprovado em 1758. Rematando a quadrícula da cidade reconstruída propõe-se **uma nova praça de arquitectura monumental aberta ao rio Tejo**. Compreende-se que numa cidade como Lisboa que, ao longo da sua história, viveu do mar e para o mar, o espaço mais nobre se localize junto ao Rio/Porto. Nas ideias avançadas por Manuel da Maia na sua *Dissertação* é sugerida esta praça monumental – pelas dimensões, pela nobreza/riqueza/erudição da arquitectura, pelas instituições -, visível nos esboços de Eugénio dos Santos, e na solução que virá a ser aprovada. Ir-se-á melhorar a circulação demolindo o que ainda restava das portas e postigos das muralhas medievais.

As preocupações fundamentais são as seguintes:

- “O abrir serventia descoberta e larga do terreiro do Paço p.^a a rua nova,” (2.^a parte, §4),
- para a nova praça deve-se mudar “a largura do terreiro do Paço em comprimento, extendendo-se para a parte do mar até emparelhar com o comprimento da ponte da Caza da India, ficando sendo a sua largura desde o Forte até à face do poente da Alfândega do Tabaco, e formando a casa da bolsa dos homens de negócio entre a dita Alfândega e o arco do Açougue, separada por duas ruas, uma da parte da mesma Alfândega, e outra da parte do mesmo Açougue para darem serventia para a praça restante (...) e fazendo-se no

² Adaptado de IGREJAS, Francisco; ARRUDA, Gonçalo; HENRIQUES, João (2008) *A Praça do Comércio, Análise da Forma Urbana, Representação do Espaço*, trabalho realizado no âmbito da disciplina de História da Arquitectura VI, Lisboa, Universidade Autónoma de Lisboa, Departamento de Arquitectura.

extremo do comprimento desta nova praça escadas para desembarcar em toda a maré sem necessidade de pranchas, e dando-se cómodo para a Vedoria e Academia Militar entre a ponte da Casa da Índia, e o Forte.” (3.ª parte, § 1.ª),

Inclui-se desde logo o desenho da arquitectura:

- “uma forma de edificio mais nobre para o Terreiro do Paço com seus pórticos com mezaninos contra as inclemências do tempo, dois pavimentos de janelas rasgadas (dos quais um se poderá abater parecendo grande a altura) e outro pavimento de mezaninos junto aos telhados; e divisões de paredes altas para defesa da comunicação dos incêndios.” (3.ª parte, § 19.ª),

Para transformar o antigo Terreiro do Paço seguiu-se um modelo de **Praça porticada** que, vindo da antiguidade clássica, continuou a ser usado nas praças de mercado medievais, e em algumas praças renascentistas e barrocas. Propõe-se pois um desenho regular, de base quadrada, em forma de U para conservar a ligação ao rio. Retirou-se o Palácio Real para zonas mais seguras no interior, mas criou-se aqui uma **Praça Real**, tornando o enquadramento perfeito para a estátua do rei D. José.

Foram feitos vários estudos para a Praça, os quais podem considerar-se variações em torno da persistência/resistência da imagem do antigo Palácio, sobretudo do Torreão com cúpula que Terzi acrescentara junto ao rio. A simetria criada na nova Praça dá continuidade e proporciona um remate à malha da zona baixa da cidade. O eixo constituído pela Rua Augusta entra na Praça através do Arco Triunfal, e define a centralidade da estátua do Rei e, já junto ao rio, do Cais das Colunas. Lateralmente, os dois “braços” da praça são terminados com “reproduções” da imagem do antigo torreão, tornando-se marcos fundamentais, e as referências que se impõem na leitura da Praça junto à orla ribeirinha do Tejo.

A estátua equestre foi inaugurada em 1775, ainda a Praça estava em construção; existiam metade da ala ocidental e o pavilhão quadrado da Alfândega a nascente, terminado em 1772. Só em 1842 se conclui o torreão ocidental, e finalmente em 1875 a fachada norte da Praça, completando o Arco da Rua Augusta.

A ocupação inicial dos vários edifícios foi como se previa para a Bolsa, a Alfândega, os Tribunais e serviços públicos. Tal como antes do terramoto, a Praça continuou a ser local privilegiado para festas e manifestações. O romantismo do século XIX tomou conta da Praça plantando árvores em 1866, e dotando a cidade de um espaço de passeio à beira-rio. Ele é prolongado em 1860 com o Aterro de ligação à Praça Duque de Terceira, transformado em 1947 na actual avenida marginal da Ribeira das Naus.

Ao longo do século XX dão-se grandes alterações nas vivências da Praça: vão saindo as alfândegas, o comércio feito com os barcos que desciam ou atravessavam o rio. Pouco a pouco ficam cada vez mais perdidos na sua solidão os edifícios dos “Ministérios”, os tenebrosos vultos das “Secretarias de Estado” do tempo de Eça...

Ou não estivéssemos já na época em que as concepções de restauro e salvaguarda valorizavam os “monumentos” depurando-os de tudo o que hipoteticamente os tivesse “adulterado” ou “conspurcado” ao longo do tempo. Deveriam poder ser contemplados isolados como objectos únicos e inigualáveis, representantes excepcionais para maior exaltação dos valores patrióticos. Também o atentado ao Rei D. Carlos 1908 terá servido como pretexto, e terá contribuído para “limpar” o Terreiro do Paço de vivências menos dignas e mais populares. Ficámos assim na Praça com os dois grandes pilares do Estado Novo: dum lado as Forças Militares – o Exército e a Marinha - e do outro – as Finanças; servindo de pano de fundo a norte, a Justiça e o Interior.

Com o novo cenário a Praça mantém-se como zona de entrada e recepção de visitantes ilustres. Só em 1942 é aberto ao tráfego o “longínquo” aeroporto, e ainda em 1953 é aqui recebida a rainha Isabel II de Inglaterra!

Os tempos mudaram, e perdeu-se a vontade inicial que dera vida à Praça. Deixou-se que o trânsito e os automóveis tomassem conta dela, e se acumulassem no seu perímetro. Em 1992 promove-se um ‘Concurso Internacional de Ideias’ na intenção de fazer com que este espaço nobre retome o seu anterior prestígio, o qual está na origem do actual arranjo e pavimentação feitos em 1999. Retirou-se o estacionamento para que as pessoas de novo possam voltar à Praça. Ao longo do século XX assiste-se ainda a sucessivas mudanças na cor da Praça. Já poucos se lembram mas nos anos 40 os edifícios passaram a verde, e em 1976 mudaram para cor-de-rosa, repondo-se finalmente em 1994 a cor ocre inicial. Na verdade constata-se que falta redesenhar/repensar tudo o que os dois séculos que passaram foram destruindo, sem que em troca se desenvolvessem alternativas. É importante estudar a realidade que representa este monumento nos dias de hoje, para melhor definir um projecto de intervenção actual.

E perguntamo-nos o que está o “nosso” tempo a acrescentar, a dar, a ver, a entender desta Praça? O que gostaria de aí ver? Para lá da erudição dos arquivos e dos papéis e do pó dos séculos, o que é para cada um de nós esta Praça hoje em dia? Que valor simbólico representa? Como é vivida hoje? Com muitos ou com poucos? Com turistas ou habitantes apressados?...

II

Análise

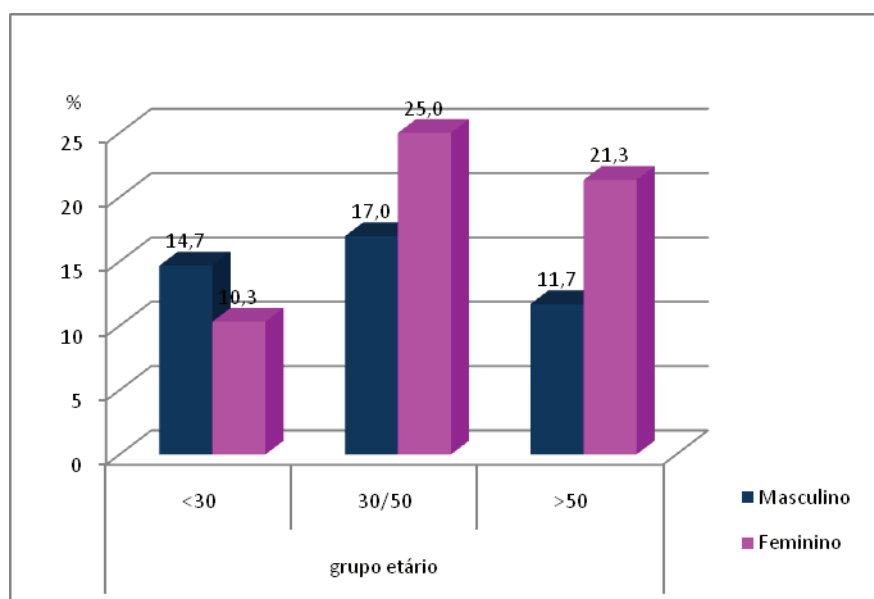
5. Análise dos dados recolhidos

Apresentaremos de seguida os dados recolhidos e analisados relativos ao trabalho de campo, nomeadamente nos inquéritos realizados na Praça e nas instituições nela localizadas. O inquérito (cf. Anexo) é composto por quatro grupos de perguntas. O primeiro diz respeito à caracterização do inquirido, incluindo a informação relativa ao local de trabalho (se é na Praça ou na Baixa) e à forma como se desloca diariamente. O segundo grupo diz respeito aos motivos que levam os inquiridos à Praça do Comércio e à frequência com que o fazem. O terceiro aborda os modelos de circulação e permanência na Praça e o quarto um conjunto de questões sobre a opinião do inquirido acerca deste espaço.

5.1. Caracterização da população inquirida

A amostra, composta por 440 indivíduos, é maioritariamente formada por população do género feminino (56,6%). O grupo etário predominante é o dos indivíduos entre os 30 e os 50 anos de idade (42%), seguindo-se o grupo com mais de 50 anos (33%).

Gráfico 1. Distribuição da amostra, segundo o género e a estrutura etária (%)

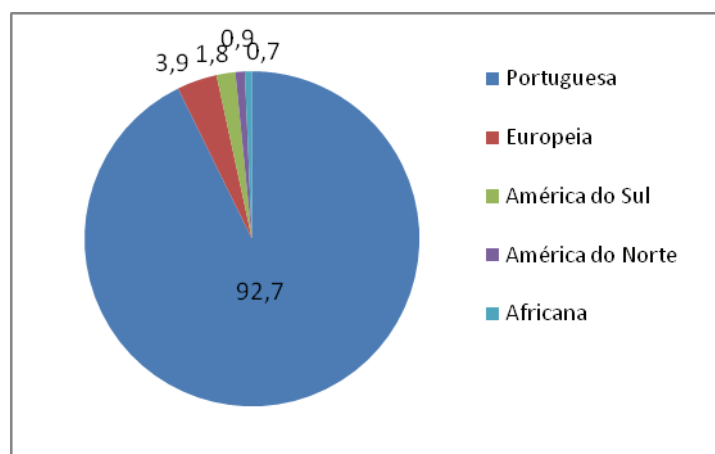


Fonte: Inquéritos realizados entre Março e Julho de 2008

Apesar de a amostra ser maioritariamente de nacionalidade Portuguesa (cerca de 93%), foram também inquiridos indivíduos de outras nacionalidades, o que reflecte não só o facto da Praça

do Comércio se situar na Baixa Pombalina, local de grande afluência turística³, mas também a diversidade populacional da área metropolitana de Lisboa, intensificada pelos movimentos migratórios dos últimos anos. Na verdade, quase 3% dos inquiridos de origem estrangeira residia na área metropolitana de Lisboa, mostrando, em maior ou menor grau, algum conhecimento da “realidade” da Praça.

Gráfico 2. Origem da população inquirida (%)



Fonte: Inquéritos realizados entre Março e Julho de 2008

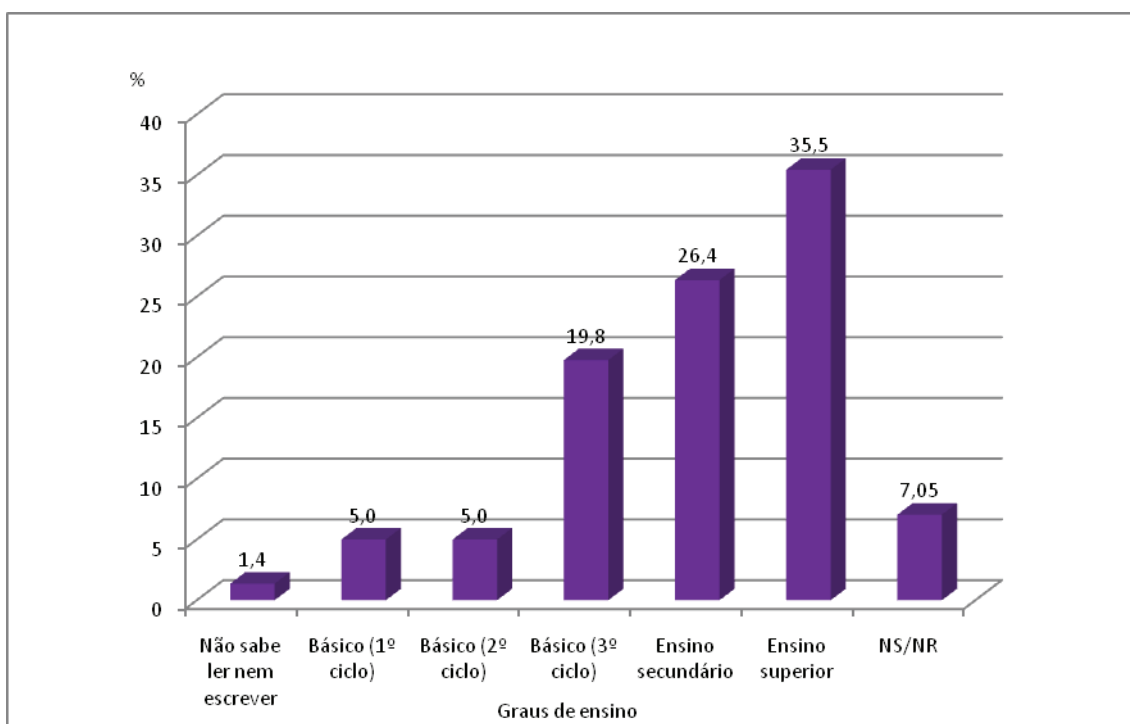
Fig. 12 – Turistas a aguardar vez para o circuito de visita à cidade, 26.05.2008



³ Como o demonstram os autocarros e eléctricos de *sightseeing* que daqui partem para circuitos de visita à cidade.

No que diz respeito ao nível de escolaridade da amostra, verifica-se que predomina o ensino superior (35,5%), seguido do ensino secundário (26%). Considerando que 279 inquéritos foram realizados a funcionários das instituições que se situam na Praça, esta percentagem reflecte certamente o peso dos funcionários administrativos e dos quadros superiores que nela trabalham.

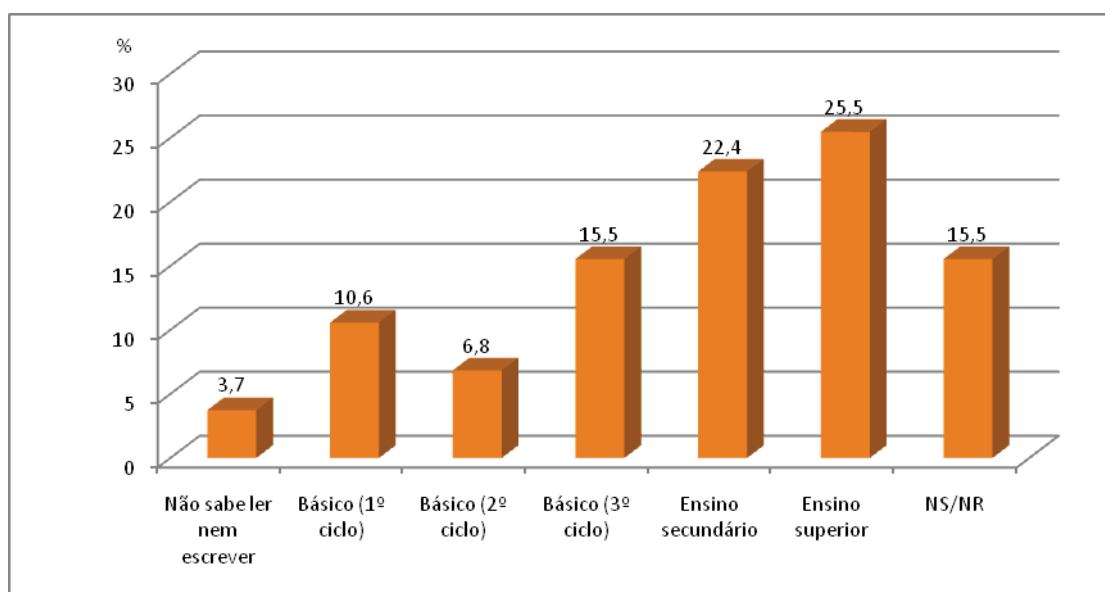
Gráfico 3. Nível de escolaridade da população inquirida (%)



Fonte: Inquéritos realizados entre Março e Julho de 2008

Contudo, a predominância do nível de escolaridade equivalente ao ensino superior também prevalece no caso da população que não trabalha na Praça, embora com menor expressão.

Gráfico 4. Nível de escolaridade da população inquirida, que não trabalha na Praça (%)

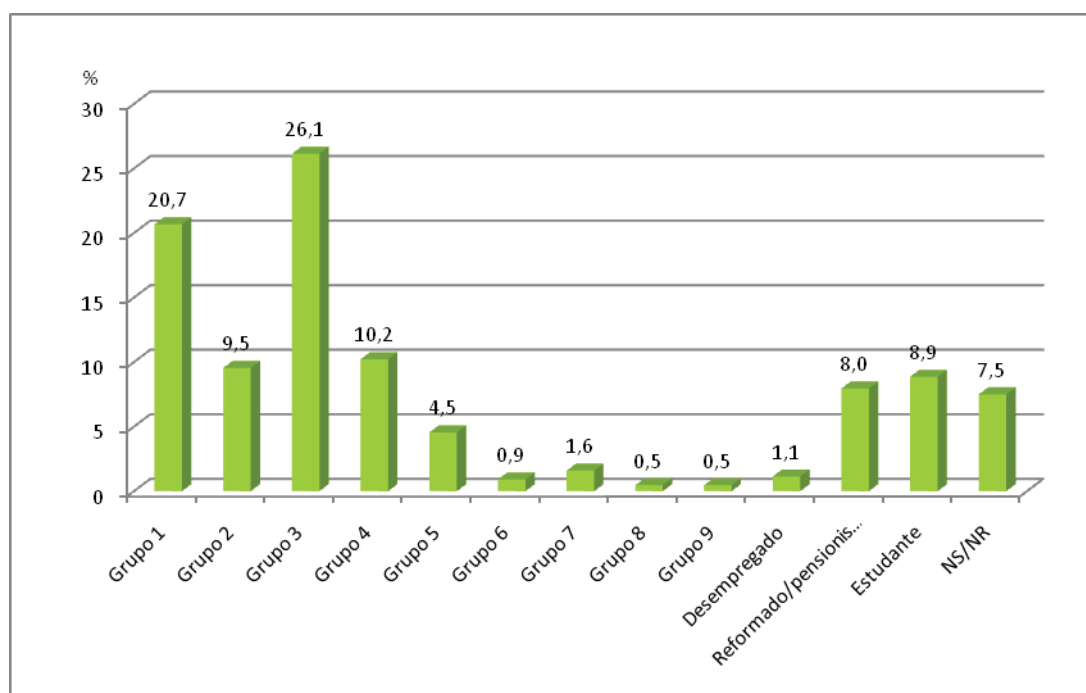


Fonte: Inquéritos realizados entre Março e Julho de 2008

Estes dados são confirmados pela análise dos grupos profissionais⁴ predominantes: *Técnicos e profissionais de nível intermédio* (grupo 3) e *Quadros da administração pública, dirigentes e quadros superiores de empresas* (grupo 1), com cerca de 26% e 21% respectivamente. Importa destacar que a Praça é também frequentada por estudantes (9%), reformados ou pensionistas (8%).

⁴ GRUPO 1 - Quadros da administração pública, dirigentes e quadros superiores de empresas | GRUPO 2 - Especialistas de profissões intelectuais e científicas | GRUPO 3 - Técnicos e profissionais de nível intermédio | GRUPO 4 - Pessoal administrativo e similares | GRUPO 5 - Pessoal dos serviços e vendedores | GRUPO 6 - Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura e pescas | GRUPO 7 - Operários, artífices e trabalhadores similares | GRUPO 8 - Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores da montagem | GRUPO 9 - Trabalhadores não qualificados. FONTE: Classificação Nacional das Profissões, Instituto de Emprego e Formação Profissional, www.iefp.pt, Julho 2008.

Gráfico 5. Grupo profissional da população inquirida (%)



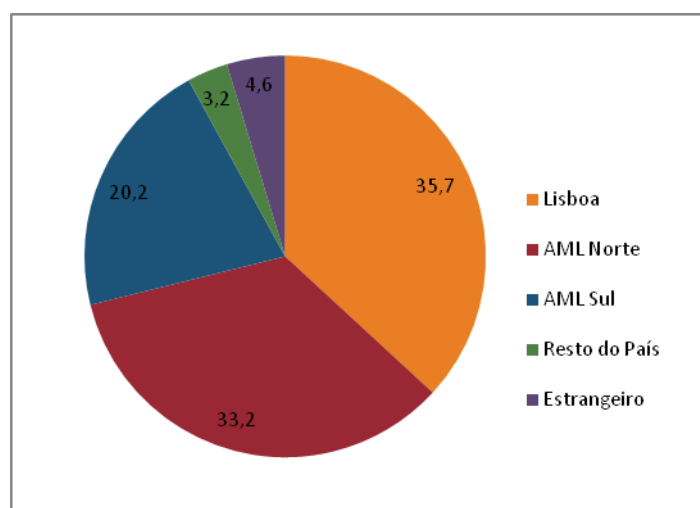
Fonte: Inquéritos realizados entre Março e Julho de 2008

Em relação ao local de residência, verifica-se que, maioritariamente, esta é em Lisboa (36%), ou noutros municípios da área metropolitana de Lisboa - Norte⁵ (33%), seguindo-se a área metropolitana de Lisboa – Sul⁶ (20%). Estes dados, de algum modo, confirmam quer a centralidade deste espaço à escala metropolitana, quer a sua acessibilidade. Verifica-se ainda que quase 5% dos inquiridos residem no estrangeiro e que 3,2% vivem noutros concelhos do país, números que atestam a importância da Praça como espaço de visita.

⁵ Concelhos que integram a área metropolitana de Lisboa – Norte: Amadora, Cascais, Loures, Mafra, Odivelas, Oeiras, Sintra e Vila Franca de Xira. Por razões óbvias, Lisboa não foi considerada neste grupo.

⁶ Concelhos que integram a área metropolitana de Lisboa – Sul: Almada, Barreiro, Moita, Montijo, Seixal, Palmela, Sesimbra e Setúbal.

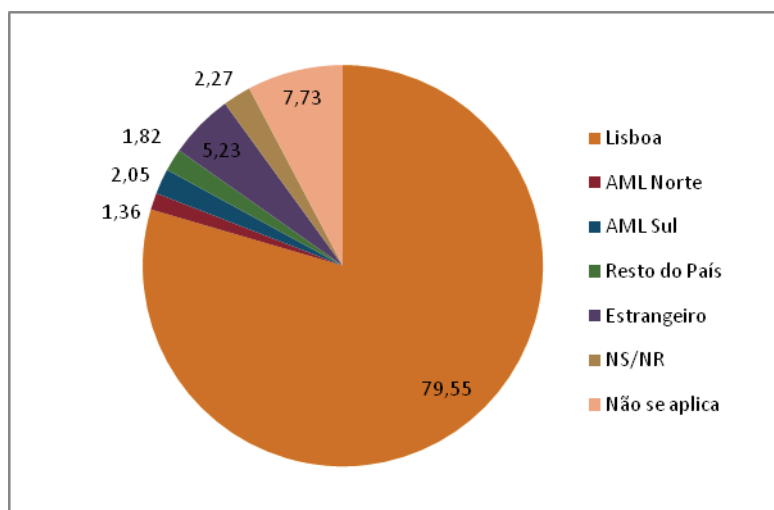
Gráfico 6. Local de residência da população inquirida (%)



Fonte: Inquéritos realizados entre Março e Julho de 2008

A centralidade e o peso, em termos de emprego e educação, de Lisboa são reforçados quando se constata que 80% da população inquirida exerce a sua actividade profissional ou estudantil na cidade (residindo uma parte significativa daqueles que aqui trabalham ou estudam – cerca de 48% - noutros concelhos).

Gráfico 7. Local de trabalho / estudo da população inquirida* (%)

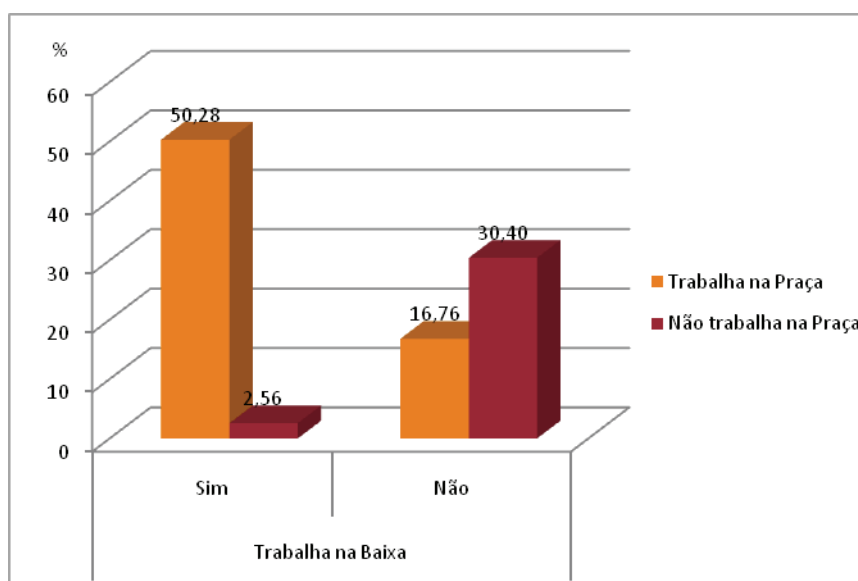


Fonte: Inquéritos realizados entre Março e Julho de 2008

** Corresponde ao total dos inquiridos, isto é, inclui os trabalhadores das instituições com serviços na Praça do Comércio.*

Uma vez que um dos objectivos do inquérito era recolher a opinião daqueles que estão quase diariamente na Praça, é significativa a percentagem de inquiridos, de entre os que afirmaram trabalhar em Lisboa, que ali trabalha (67%). Da população inquirida directamente na Praça, cerca de 5% trabalha também na Praça e 6% afirmou trabalhar na Baixa.

Gráfico 8. Trabalhadores na Baixa e na Praça do Comércio

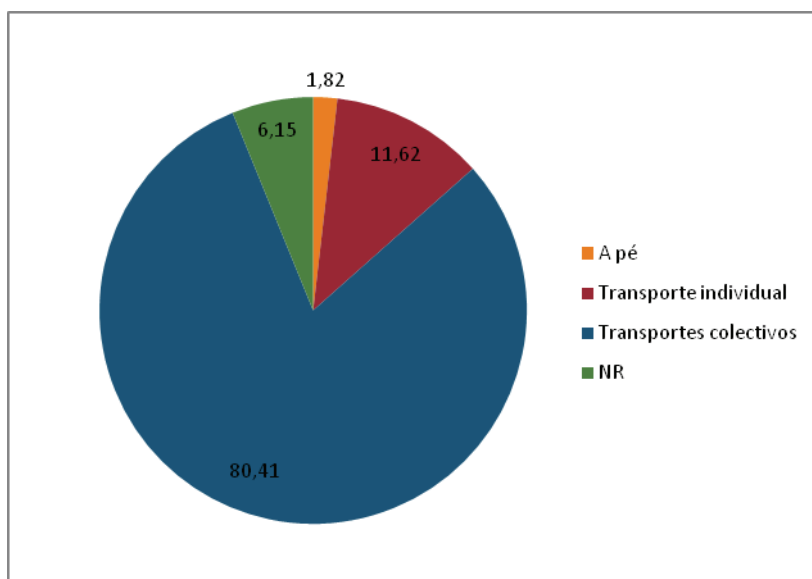


Fonte: Inquéritos realizados entre Março e Julho de 2008

Um dos aspectos interessantes no gráfico 8, deve-se ao facto de cerca de 17% da população inquirida afirmar trabalhar na Praça, mas não trabalhar na Baixa, diferenciando espacialmente a Baixa e a Praça do Comércio, constituindo unidades distintas.

A população inquirida utiliza preferencialmente nas suas deslocações diárias os transportes colectivos (80%). De facto, esta é uma das áreas de Lisboa com maior oferta de transportes públicos: 20 carreiras de autocarro com terminal ou paragem na Praça do Comércio ou junto à Estação de Sul e Sueste, 3 linhas de eléctrico, estação de metro Terreiro do Paço (inaugurada em Dezembro de 2007) e ainda na proximidade a estação fluvial de Sul e Sueste.

Gráfico 9. Meio de transporte preferencial nas deslocações diárias (%)



Fonte: Inquéritos realizados entre Março e Julho de 2008

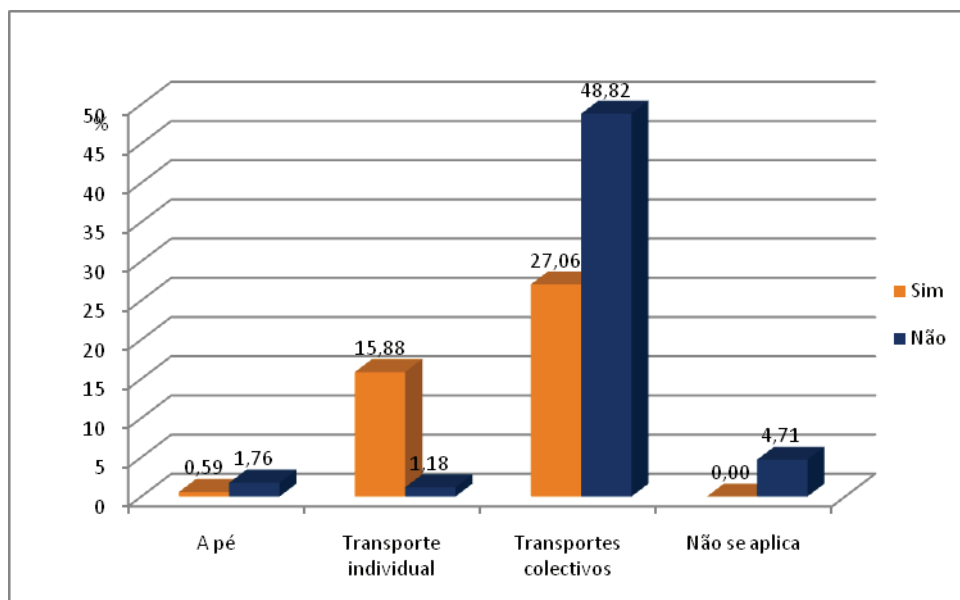
Fig. 13 – Paragem de autocarros e eléctricos na Praça do Comércio, 25.06.2008



Cruzando a informação entre os que responderam possuir viatura própria e o meio de transporte mais utilizado nas deslocações diárias, constata-se que 27% possuem viatura própria mas utilizam, ainda assim, os transportes colectivos, contra os 16% que não abdicam

do transporte individual. Assume papel residual a população que somente se desloca a pé habitualmente.

Gráfico 10. Meio de transporte utilizado para deslocações diárias, segundo a posse de carro próprio

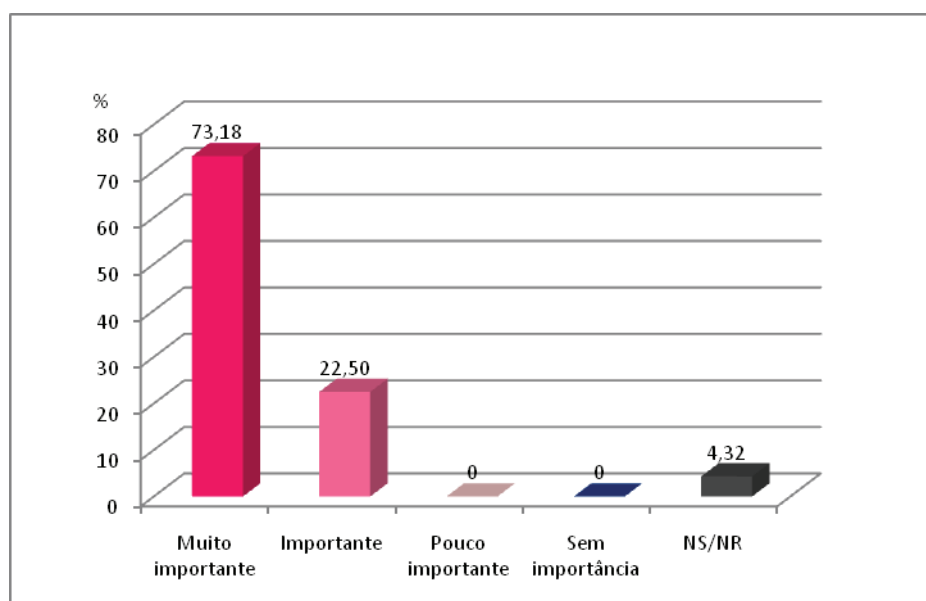


Fonte: Inquéritos realizados entre Março e Julho de 2008

5.2. A importância da Praça

A importância da Praça na história da cidade é amplamente reconhecida pelos inquiridos, visto que quase todos a consideram importante ou muito importante.

Gráfico 11. Qual a importância da Praça para a história da cidade?



Fonte: Inquéritos realizados entre Março e Julho de 2008

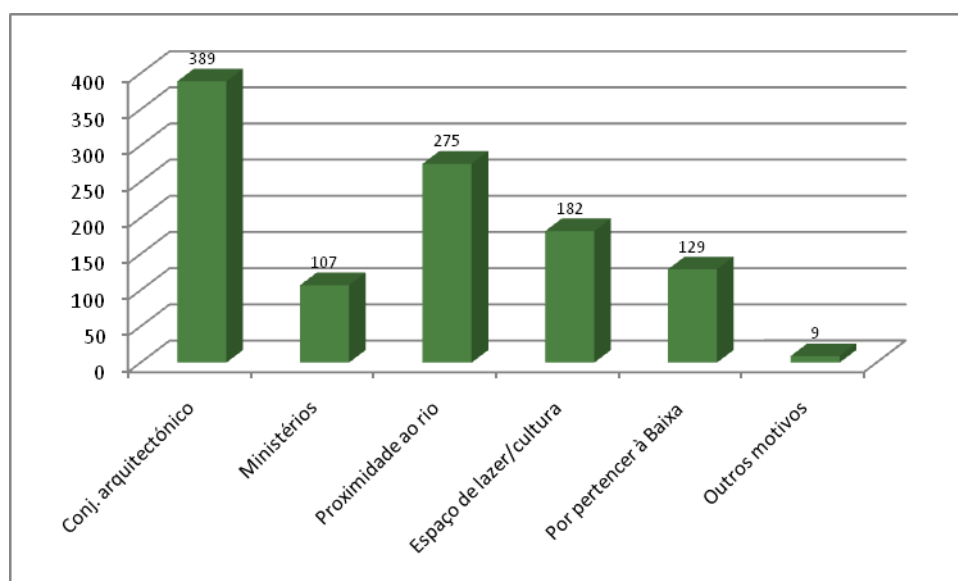
Fig. 14 – Vista parcial da Praça, 03.04.2008



Mas a que se deve essa importância? Perante cinco hipóteses (e uma sexta em aberto), a população inquirida⁷ considera que tal se deve fundamentalmente ao conjunto arquitectónico (88%). Em seguida, a proximidade ao rio Tejo constitui o aspecto mais valorizado. Em terceiro lugar, surge a associação deste espaço à cultura e ao lazer. É interessante realçar que, dos 182 inquiridos que assinalam esta opção, 112 trabalham na Praça. A importância da Praça do Comércio associada ao conjunto da Baixa Pombalina surge 129 vezes. Por fim, a associação da importância da Praça do Comércio à localização neste espaço de serviços da Administração Central é significativa para cerca de ¼ da amostra (sendo mais valorizada pelos trabalhadores das instituições aqui presentes e cuja idade é superior a 30 anos). Os outros motivos pelos quais a Praça é importante adquirem valor residual, sendo referidos pelos inquiridos a história do local, e o facto de este ser um local turístico.

⁷ Podia seleccionar-se mais do que uma opção.

Gráfico 12. A Praça do Comércio é importante, devido:



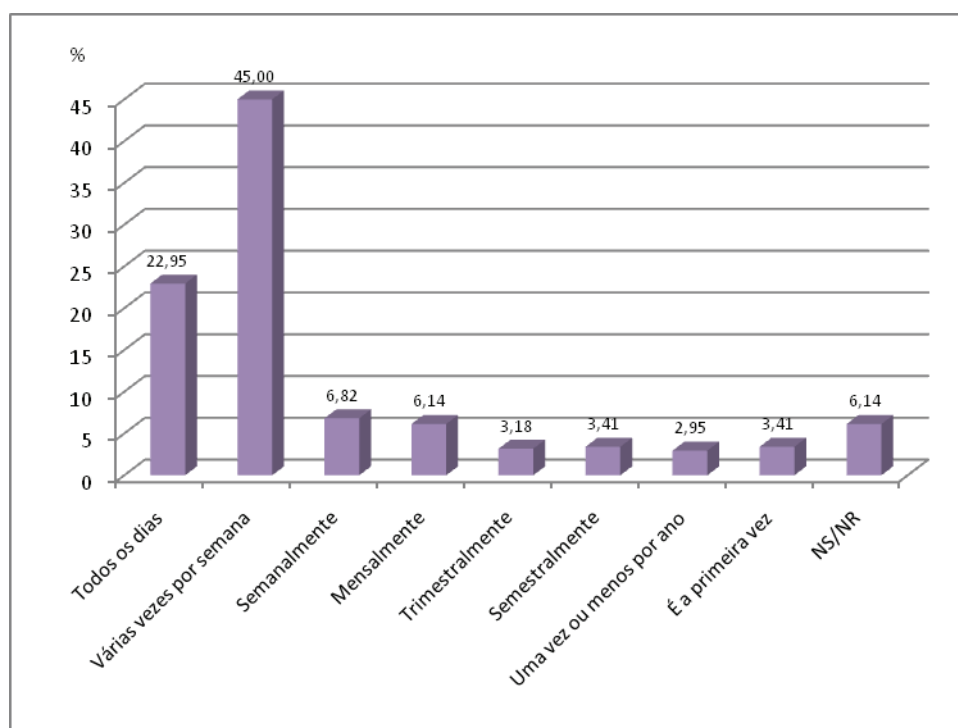
Fonte: Inquéritos realizados entre Março e Julho de 2008

5.3. Motivações e frequência de deslocação à Praça do Comércio

Após a apresentação da população inquirida e do valor que esta atribui a este espaço, urge perceber quais as principais razões que motivam a sua deslocação até à Praça do Comércio e a frequência com que o fazem.

Assim sendo, verifica-se que 45% da amostra frequenta várias vezes por semana a Praça do Comércio e quase 23% fá-lo diariamente. Ou seja, perto de 68% dos inquiridos são utentes assíduos deste espaço. Em seguida, surge de algum modo equiparado, o número de inquiridos que visitam este lugar semanalmente (6,8%) e mensalmente (6,1%). Por último, a rondar os 3%, aparece o grupo das pessoas que aqui vieram pela primeira vez ou que a frequentam uma vez por trimestre, ou menos, no ano.

Gráfico 13. Frequência com que se desloca à Praça do Comércio

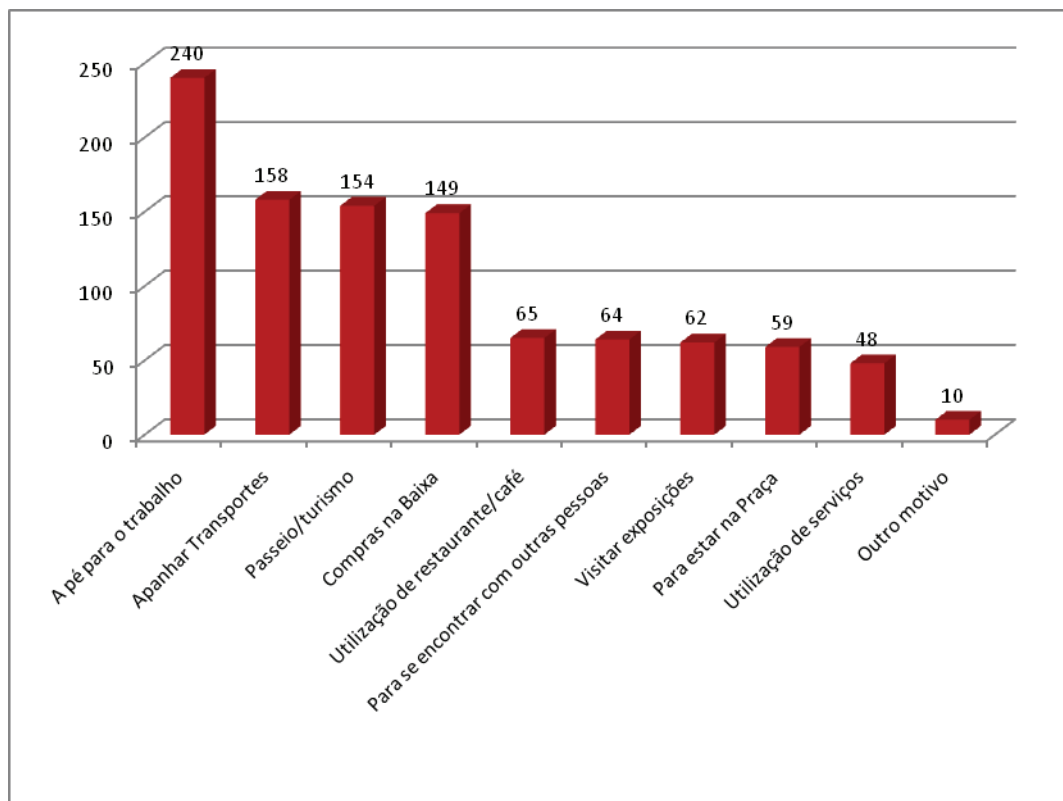


Fonte: Inquéritos realizados entre Março e Julho de 2008

No que diz respeito às motivações da deslocação⁸, tal como se intuiu na questão anterior, a maioria (240 respostas) indica que vai até à Praça do Comércio para trabalhar. Num segundo patamar encontram-se como motivos o “apanhar transportes”, o “passeio/turismo” e as “compras na Baixa”. Quase ao mesmo nível, seguem-se motivos que se prendem exclusivamente com a Praça: a utilização de restaurantes ou cafés (sendo de longe o “Martinho da Arcada” o mais citado); o encontro com outras pessoas (talvez devido à fácil identificação deste espaço, mesmo para quem está pouco familiarizado com a cidade de Lisboa); o visitar exposições; o estar na Praça e a utilização de serviços. Por último, surgem como outros motivos: reuniões de trabalho, ver o rio, ou a participação em eventos festivos.

⁸ Importa frisar que estas escolhas não são exclusivas, pois foi dada liberdade aos inquiridos para escolherem mais do que uma opção, o que se traduziu, como é óbvio, num número de respostas superior ao de inquiridos.

Gráfico 14. Razões para se deslocar à Praça do Comércio



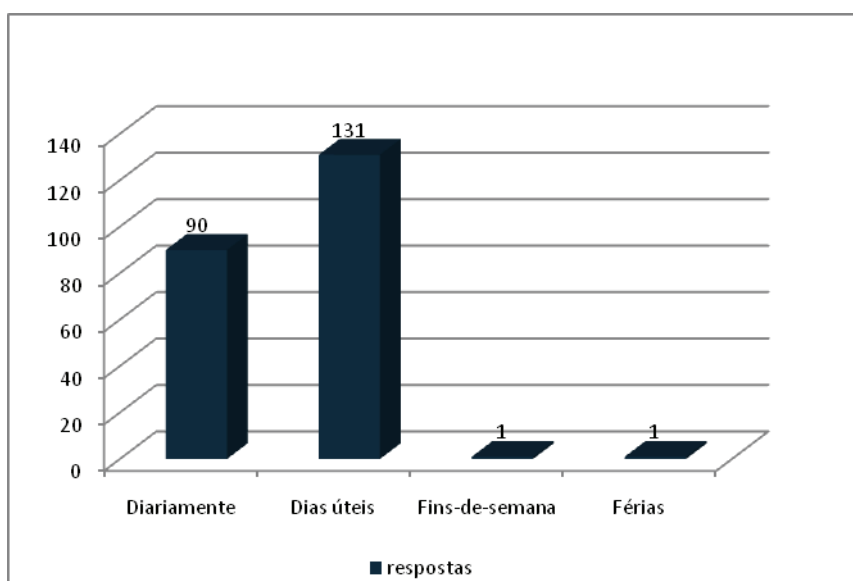
Fonte: Inquéritos realizados entre Março e Julho de 2008

Iremos de seguida conhecer, mais pormenorizadamente, as razões que levam as pessoas à Praça do Comércio, bem como os dias e os momentos escolhidos para esta deslocação.

Motivo: trabalhar na Praça

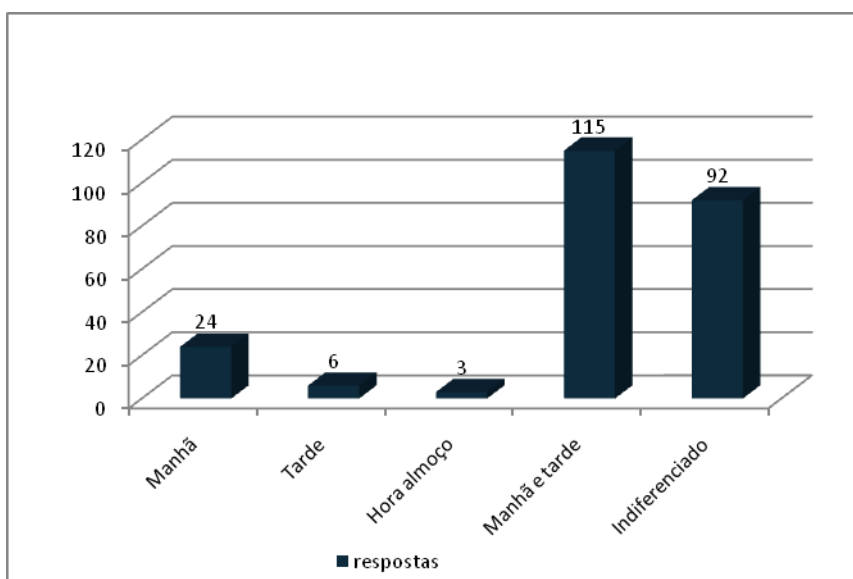
Tendo-se assumido como elemento metodológico a realização de inquéritos nas instituições presentes na Praça, e sendo parte significativa da amostra, é natural que este seja o motivo mais referido. Na verdade, cerca de 95% das pessoas que se deslocam a este local por esta razão, trabalham na Praça. Nos inquéritos de rua também se encontraram trabalhadores deste local, o que tornou ainda mais expressivo este resultado. Como seria de prever, neste caso, a maioria desloca-se à Praça nos dias úteis, e sobretudo de manhã e à tarde.

Gráfico 15. Quando se desloca à Praça, para trabalhar?



Fonte: Inquéritos realizados entre Março e Julho de 2008

Gráfico 16. Em que momento do dia se desloca à Praça para trabalhar?



Fonte: Inquéritos realizados entre Março e Julho de 2008

Motivo: apanhar transportes

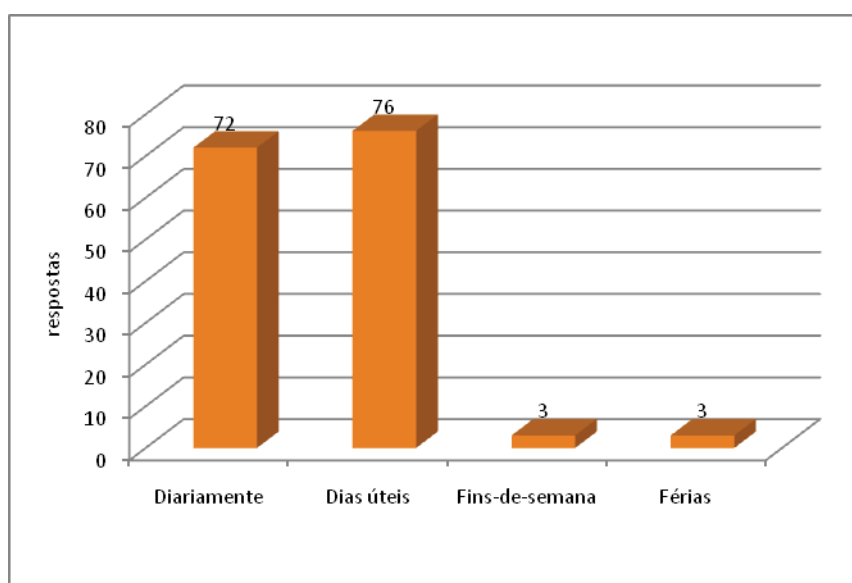
É de notar que, apesar da importância da utilização deste espaço para apanhar transportes, verifica-se aqui um paradoxo, porque se, por um lado, a Praça é um dos locais da área metropolitana de Lisboa de melhor acessibilidade, por outro, este lugar, reflecte uma não centralidade nas escolhas pessoais, funcionando apenas como um nó num espaço canal, um espaço de transbordo que pode ser deslocalizado. Este facto pode ser corroborado se observarmos que, após a inauguração da estação de metro do Terreiro do Paço, parte dos

passageiros que chegam à Praça de barco, passou a utilizar o acesso directo a este meio de transporte tendo diminuído o fluxo de atravessamento da Praça.

Ainda assim, constata-se que cerca de 76% da população inquirida, que utiliza a Praça do Comércio para apanhar transportes, trabalha neste local.

Em relação à utilização da Praça para apanhar transportes esta encontra-se associada à rotina das deslocações pendulares (com maior incidência nos períodos da manhã e da tarde), não tendo qualquer relevo durante as férias ou nos fins-de-semana (talvez devido à interdição de trânsito aos Domingos).

Gráfico 17. Quando se desloca à Praça, para apanhar transportes?

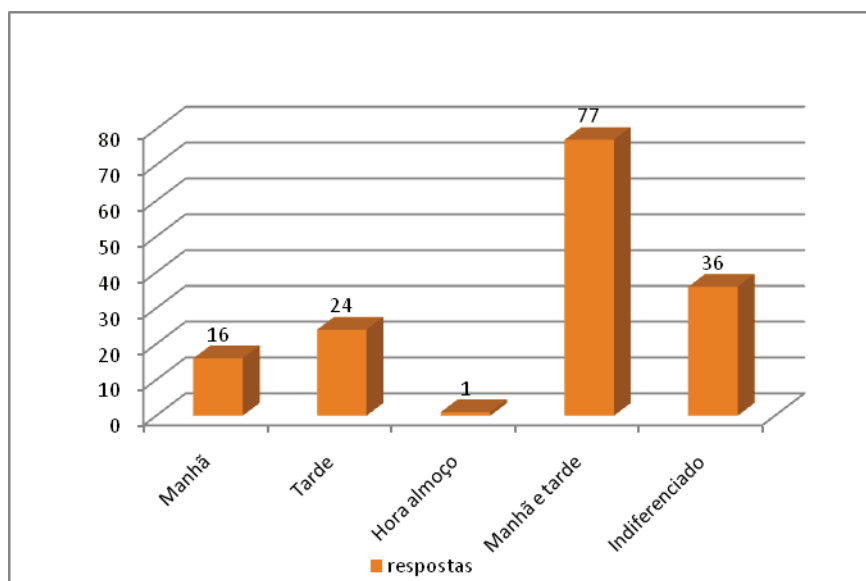


Fonte: Inquéritos realizados entre Março e Julho de 2008

Fig. 15 – Deslocações à Praça do Comércio para apanhar transportes colectivos, segundo o local de trabalho e o momento do dia

Trabalhadores na Praça	
<i>Em que momento do dia?</i>	
Manhã	14
Tarde	4
Hora de almoço	1
Manhã e tarde	63
Indiferenciado	33
Total	115
Não trabalhadores na Praça	
<i>Em que momento do dia?</i>	
Manhã	2
Tarde	20
Manhã e tarde	12
Indiferenciado	3
Total	37

Gráfico 18. Em que momento do dia se desloca à Praça, para apanhar transportes?



Fonte: Inquéritos realizados entre Março e Julho de 2008

Fig. 16 – Apanhar transportes, 25.06.2008

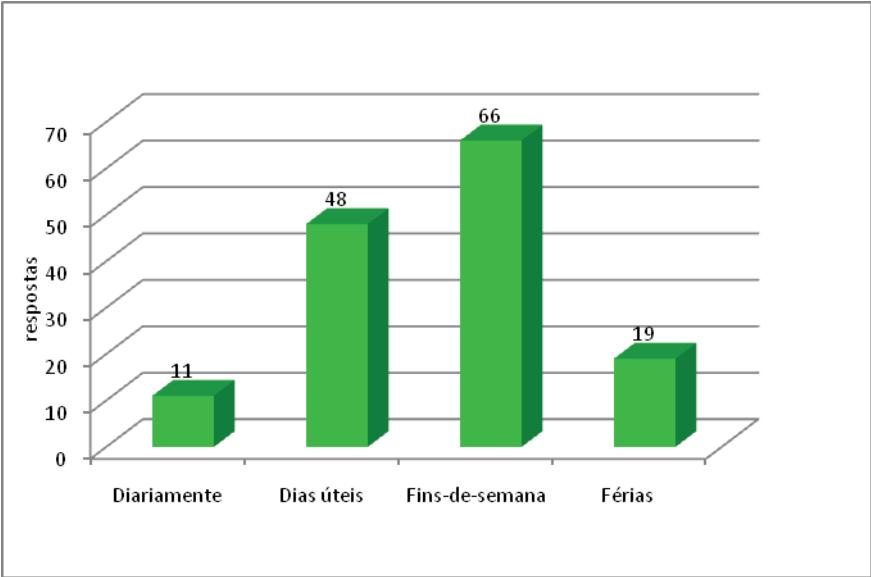


Motivo: passeio/turismo

A importância histórica, arquitectónica e paisagística deste local, justifica o peso das respostas referentes ao “passeio/turismo”. Em primeiro lugar, surge o fim-de-semana, de certo modo

mais propício a momentos de descontração, favorecido também pela programação que no âmbito da iniciativa “Ao Domingo o Terreiro do Paço é das pessoas”⁹, aí se vão desenvolvendo.

Gráfico 19. Quando se desloca à Praça, para passeio ou turismo?



Fonte: Inquéritos realizados entre Março e Julho de 2008

De um modo geral, a população que procura este espaço, ao fim-de-semana, não trabalha na Baixa, nem na Praça (cerca de 2/3), e somente cerca de 52% reside no concelho de Lisboa. Durante os dias úteis, a percentagem dos residentes em Lisboa desce para 37,5%, sendo que, desta feita, adquire maior expressão a população que reside no estrangeiro (15%). No caso das férias, os inquiridos a residir no estrangeiro representam 42%.

Fig. 17 – Deslocações à Praça do Comércio para passeio ou turismo, segundo o local de trabalho e o momento do dia

Trabalhadores na Praça		Não trabalhadores na Praça	
<i>Em que momento do dia?</i>		<i>Em que momento do dia?</i>	
Manhã	4	Manhã	4
Tarde	6	Tarde	84
Noite	3	Noite	1
Hora de almoço	5		
Manhã e tarde	12	Manhã e tarde	7
Indiferenciado	11	Indiferenciado	7
Total	41	Total	103

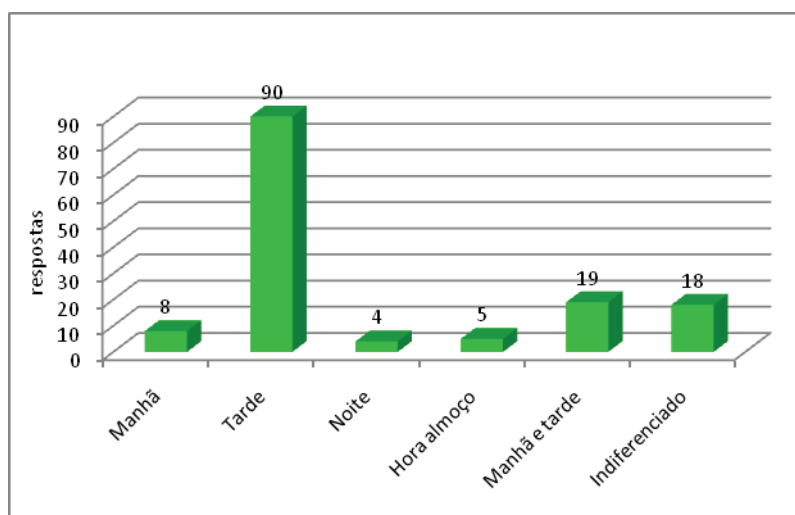
⁹ A iniciativa “Ao Domingo o Terreiro do Paço é das pessoas” teve início em Setembro de 2007 funcionou até 2009 e consistia na promoção, pela Câmara Municipal de Lisboa, de actividades lúdico/recreativas na Praça do Comércio, que decorriam na placa central, nas arcadas ou nos edifícios. Em simultâneo, o trânsito automóvel era interrompido, entre as 8h00m e as 17h00m.

Em relação à estrutura etária dos que optam por passear ou fazer turismo na Praça, verifica-se que, apesar da população inquirida com menos de 30 anos corresponder somente a 25% da amostra, este é o grupo etário que mais se destaca (37%) neste domínio, optando sobretudo pelos fins-de-semana, ou dias úteis. Segue-se o grupo com mais de 50 anos (33%), que se distribui indiferenciadamente pelo fim-de-semana e dias úteis.

Fig. 18 – Deslocações à Praça do Comércio para passeio ou turismo, segundo o momento de deslocação e a faixa etária

	<30 anos	30-50 anos	>50 anos	total
<i>Deslocações diárias</i>	3	2	6	11
<i>Deslocações nos dias úteis</i>	19	12	17	48
<i>Deslocações nos fins-de-semana</i>	22	23	19	64
<i>Deslocações nas férias</i>	9	6	4	19
<i>NS/NR</i>	1	2	2	5
<i>Total</i>	54	45	48	147

Gráfico 20. Em que momento do dia se desloca à Praça, para passeio ou turismo?



Fonte: Inquéritos realizados entre Março e Julho de 2008

No que diz respeito ao momento do dia preferido para passear ou fazer turismo na Praça, a tarde destaca-se claramente.

Fig. 19 – Turistas a tirar fotografias, na Praça do Comércio, 06.05.2008



Motivo: compras na Baixa

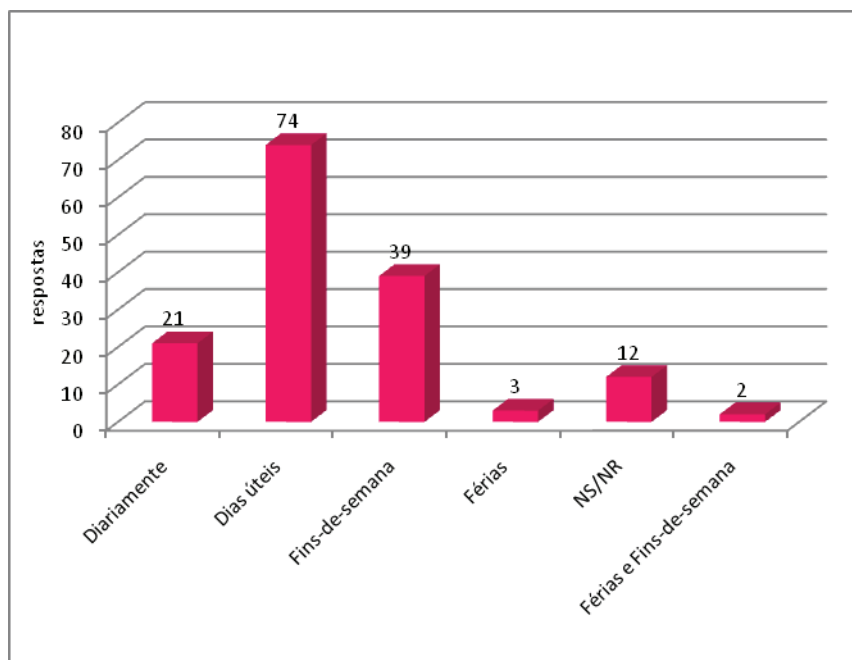
Já a realização de “compras na Baixa”, não tendo também por alvo principal a Praça, permite associar este local ao início ou fim de um percurso simbólico. Durante mais de dois séculos, a Baixa Pombalina foi um local de comércio muito atractivo para a população de Lisboa (e arredores). Muito embora a situação se tenha alterado nas duas últimas décadas, a Baixa continua a cativar devido a muitos factores, como a oferta diferenciada de alguns produtos, ou pelo atendimento personalizado. Assim sendo, é natural que o hábito de fazer compras na Baixa se mantenha para muitas pessoas e, associado a ele, a frequência ou passagem pela Praça do Comércio. Em vários casos, tal deve-se ao facto da Praça permitir a paragem de vários transportes públicos e, por isso, é um dos acessos privilegiados à Baixa.

Associado a estes dados, no topo das preferências destacam-se os dias úteis, seguidos dos fins-de-semana. As tardes são o momento do dia que regista maior procura, seguindo-se a hora de almoço.

É de realçar que cerca de 62% das pessoas inquiridas que declararam frequentar a Praça, quando vão fazer compras na Baixa, são trabalhadores nas instituições que se localizam na Praça e uma larga maioria fá-lo várias vezes por semana. Quanto aos inquiridos que não

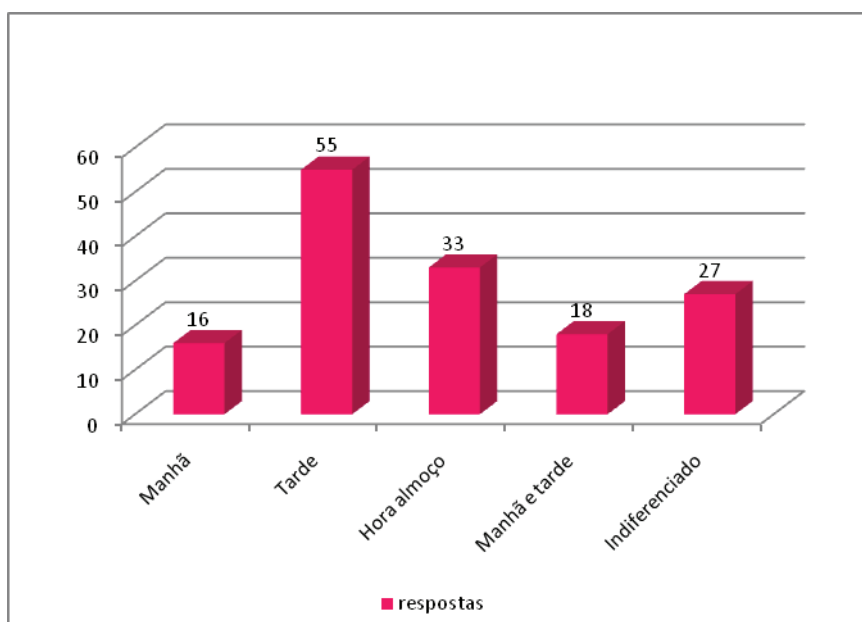
trabalham na Praça, o número de vezes que aí se deslocam motivados por compras é relativamente uniforme em todas as opções.

Gráfico 21. Quando se desloca à Praça, para fazer compras na Baixa?



Fonte: Inquéritos realizados entre Março e Julho de 2008

Gráfico 22. Em que momento do dia se desloca à Praça, para fazer compras na Baixa?



Fonte: Inquéritos realizados entre Março e Julho de 2008

Fig. 20 – Deslocações à Praça do Comércio para fazer compras na Baixa, segundo o local de trabalho e a frequência

Trabalhadores na Praça	
Com que frequência faz compras na Baixa?	
Todos os dias	86
Várias vezes por semana	171
Semanalmente	2
Mensalmente	6
NS/NR	7
Total	272
Não trabalhadores na Praça	
Com que frequência faz compras na Baixa?	
Todos os dias	14
Várias vezes por semana	25
Semanalmente	28
Mensalmente	21
Trimestralmente	14
Semestralmente	15
Uma vez ou menos por ano	13
É a primeira vez	14
NS/NR	20
Total	164

Uma vez que uma grande parte da população inquirida se encontra em idade activa, facilmente se compreende que seja o grupo etário entre os 30 e os 50 anos que mais se desloca à Baixa para fazer compras, frequentando por esse motivo a Praça do Comércio.

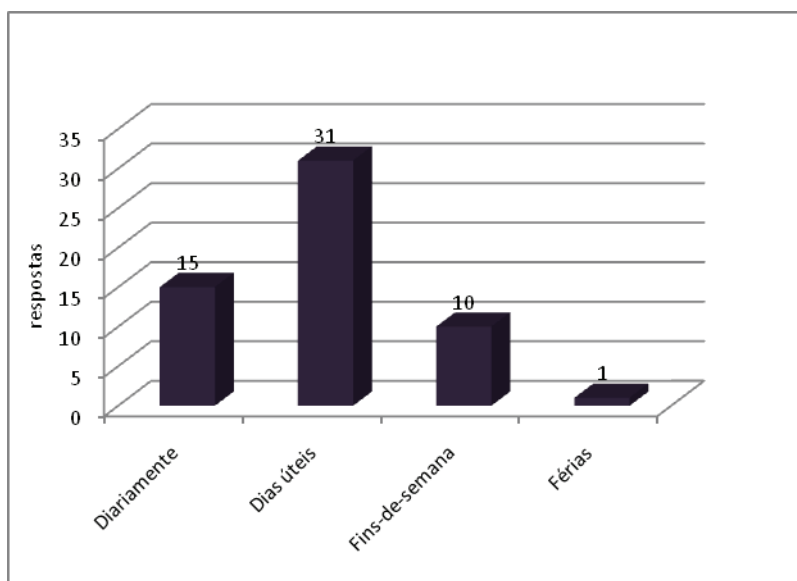
Fig. 21 – Deslocações à Praça do Comércio para fazer compras na Baixa, segundo a idade

Idade	Faz compras na Baixa?	
	Sim	Não
<30 anos	46	63
30-50 anos	61	121
>50 anos	41	102

Motivo: utilização de restaurante/café

É bastante diminuta a oferta de restauração na Praça do Comércio. Na verdade só se encontra o *Martinho da Arcada* (café e restaurante) e o *Terreiro do Paço* (restaurante). Considerando que apresentam um horário reduzido ao fim-de-semana, compreende-se porque têm maior procura nos dias úteis.

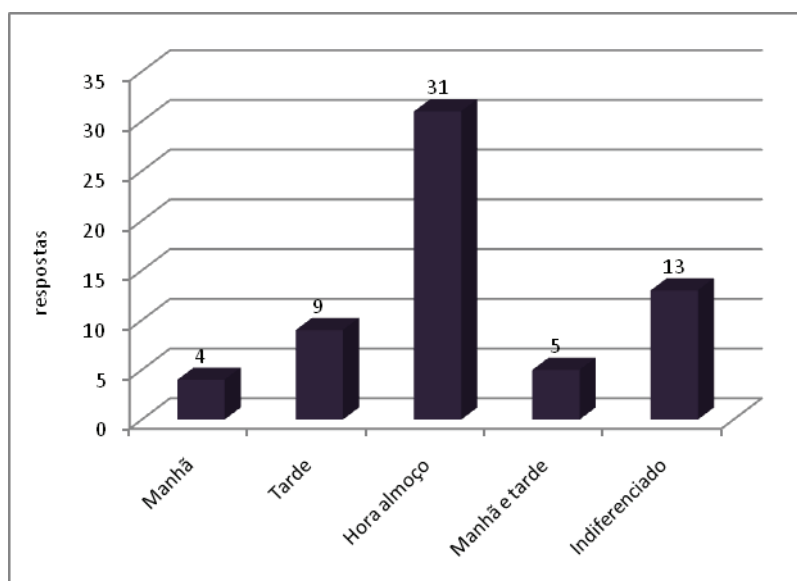
Gráfico 23. Quando se desloca à Praça para utilizar restaurantes ou cafés?



Fonte: Inquéritos realizados entre Março e Julho de 2008

A natureza destes serviços explica também o porquê da hora de almoço ser o momento do dia que regista maior afluência.

Gráfico 24. Em que momento do dia se desloca à Praça, para utilizar restaurantes ou cafés?



Fonte: Inquéritos realizados entre Março e Julho de 2008

Neste domínio é novamente bastante representativo o peso da população que trabalha na Praça (69%), sendo de notar que enquanto estes utilizam os restaurantes/cafés sobretudo à hora de almoço, os restantes optam pelo período da tarde.

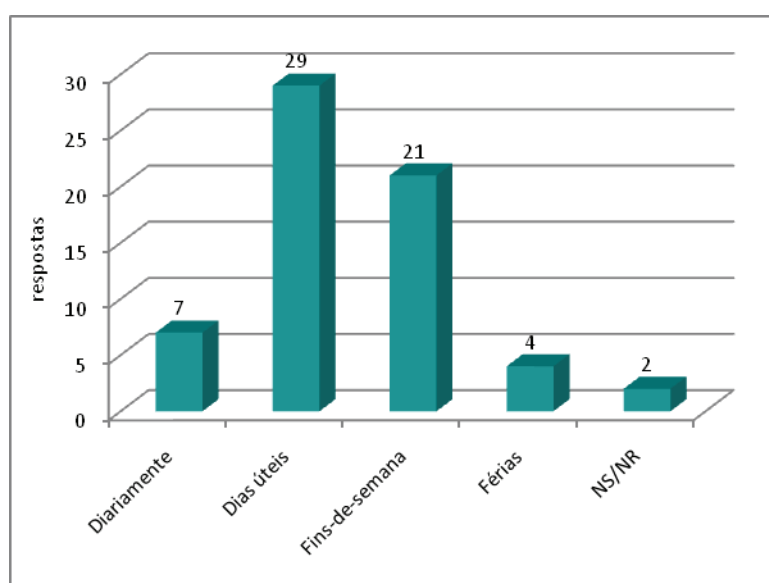
Fig. 22 – Deslocações à Praça do Comércio para frequentar cafés ou restaurantes, segundo o local de trabalho e o momento do dia

Trabalhadores na Praça		Não trabalhadores na Praça	
<i>Em que momento do dia?</i>		<i>Em que momento do dia?</i>	
Manhã	-	Manhã	1
Tarde	3	Tarde	8
Hora do almoço	1	Hora do almoço	4
Manhã e tarde	27	Manhã e tarde	2
Indiferenciado	12	Indiferenciado	1
Total	43	Total	16

Motivo: encontrar outras pessoas

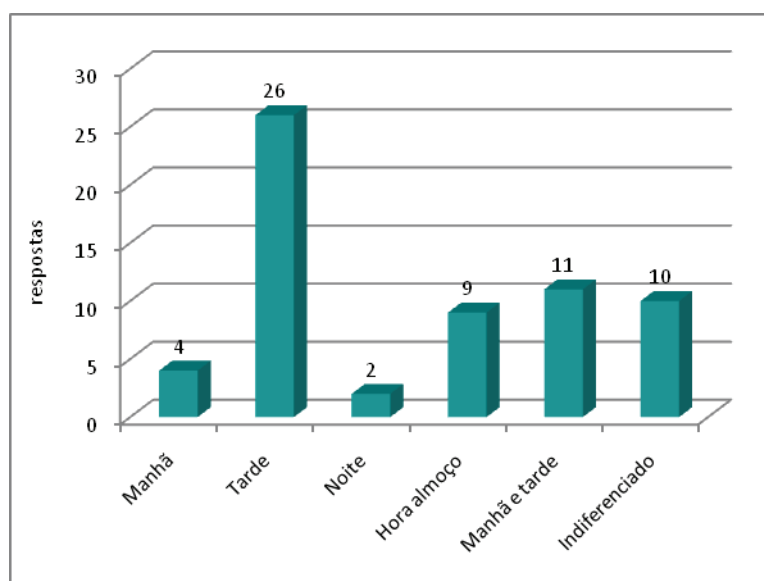
A localização central, a fácil acessibilidade, e ainda o facto de este ser um espaço notável e emblemático para a cidade, contribuem para que seja uma opção quando se trata de marcar encontro com outras pessoas, sendo o local mais escolhido para o fazer o Arco da Rua Augusta. Deste modo, combinar encontros neste local resulta numa escolha fácil, mesmo para quem não possui um profundo conhecimento da geografia lisboeta (ou até sobretudo para estes indivíduos). Mas claro que existem outros factores que podem contribuir para este motivo para visitar a Praça, entre eles o facto de o Arco ser o local onde inicia/termina a Rua Augusta, a principal artéria da Baixa Pombalina, e também o facto de ser um local onde é fácil ver e ser visto, sendo, apesar disso, relativamente abrigado. Os dias úteis e os fins-de-semana surgem como períodos privilegiados, e a tarde o momento do dia mais concorrido.

Gráfico 25. Quando se desloca à Praça, para se encontrar com outras pessoas?



Fonte: Inquéritos realizados entre Março e Julho de 2008

Gráfico 26. Em que momento do dia se desloca à Praça, para se encontrar com outras pessoas?



Fonte: Inquéritos realizados entre Março e Julho de 2008

Mas quem é que combina encontros neste local? São sobretudo pessoas jovens (43% têm idade inferior a 30 anos), que não trabalham na Praça (55,5%), mas cujo concelho de trabalho ou estudo é Lisboa (55,5%). E fazem-no quer nos dias úteis, quer ao fim-de-semana, enquanto a população entre os 30 e os 50 anos se concentra nos dias úteis.

Fig. 23 – À espera sob o Arco, 01.06.2008

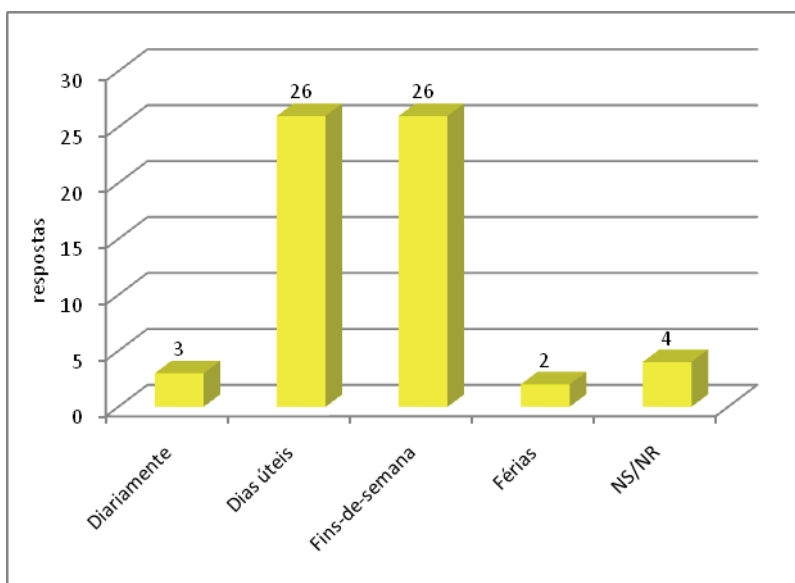


Motivo: visitar exposições

O único local da Praça, onde se realizam regularmente exposições é o átrio do Ministério das Finanças (ala oriental). No último ano (2008), apesar de ter sido possível visitar exposições no Torreão Oriental, e no Pátio da Galé, nestes locais apenas ocorrem eventos pontuais. O centro da Praça e o passeio da ala ocidental por vezes também apresentam algumas exposições que se encontram preparadas para o ar livre (muppies).

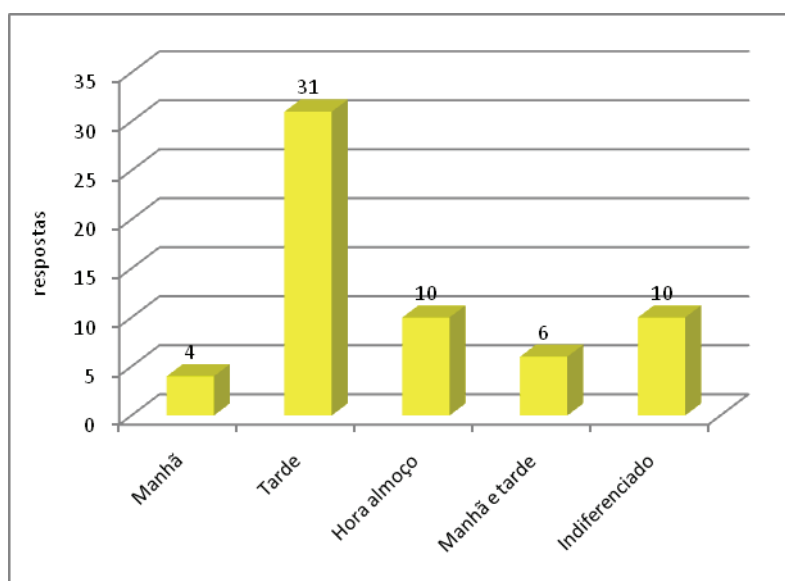
As deslocações à Praça para visitar exposições, ocorrem com igual frequência quer nos dias úteis quer aos fins-de-semana, sendo as tardes o momento preferido. Esta actividade é apelativa para cerca de 43% dos visitantes que não trabalham na Praça do Comércio, e por isso têm de se deslocar de propósito, cativando sobretudo a população das faixas etárias acima dos 30 anos (81%), que estuda ou trabalha em Lisboa (82%), não sendo tão expressiva a percentagem dos que residem em Lisboa (37,7%).

Gráfico 27. Quando se desloca à Praça, para visitar exposições?



Fonte: Inquéritos realizados entre Março e Julho de 2008

Gráfico 28. Em que momento do dia se desloca à Praça para visitar exposições?



Fonte: Inquéritos realizados entre Março e Julho de 2008

Fig. 24 – Visitar exposições, 25.06.2008

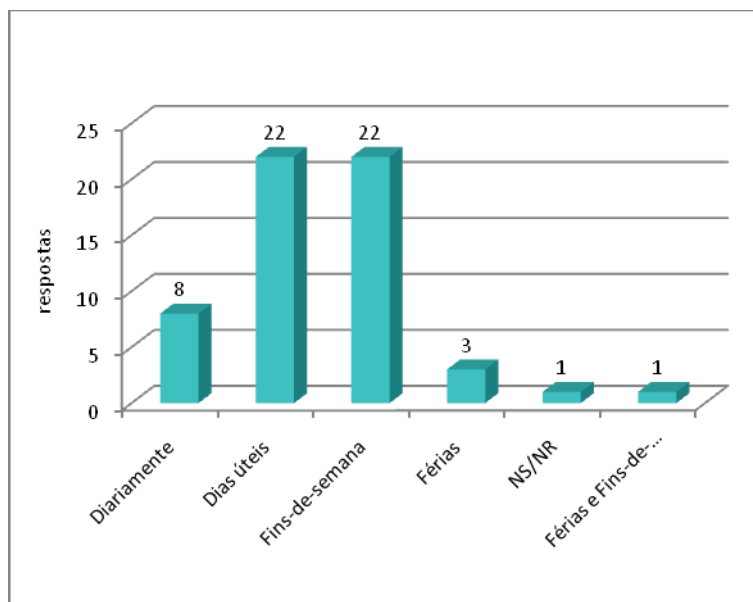


Motivo: estar na Praça

Esta motivação resulta de uma atribuição de um valor positivo a este espaço. De facto, quem se desloca à Praça com a intenção de ali permanecer, demonstra um elevado apreço pelo local. Apesar de os dias úteis e os fins-de-semana andarem a par e passo, e a tarde ser o momento do dia mais procurado, os tempos de permanência na Praça, como iremos observar, são maiores ao fim-de-semana, talvez pelo facto de haver mais oportunidade para descansar,

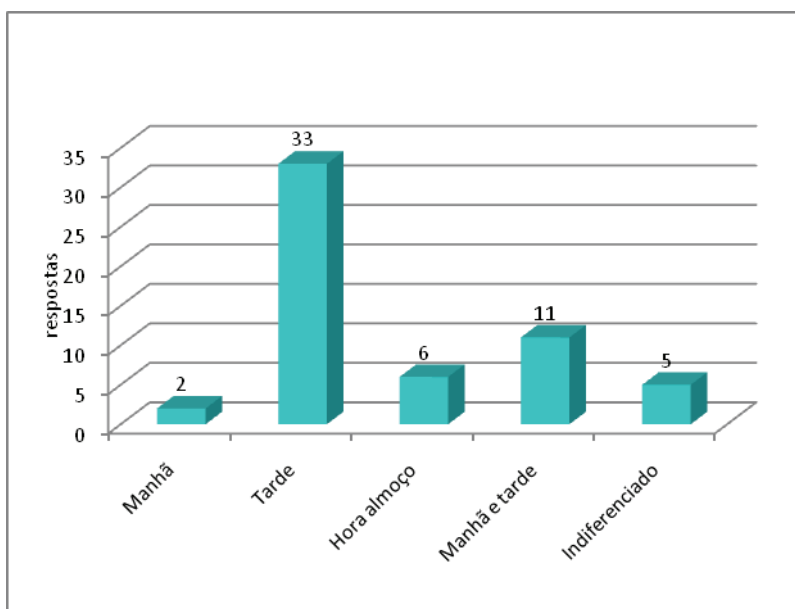
quer devido a pausas laborais, quer devido a um decréscimo de tráfego e, consequentemente, do ruído.

Gráfico 29. Quando se desloca à Praça, para estar na Praça?



Fonte: Inquéritos realizados entre Março e Julho de 2008

Gráfico 30. Em que momento do dia se desloca à Praça, para aí estar?



Fonte: Inquéritos realizados entre Março e Julho de 2008

Fig. 25 – Um Domingo na Praça, 06.04.2008



E quem são estas pessoas? Quase dois terços são pessoas que não trabalham na Praça do Comércio, sendo o escalão de idade superior a 50 anos, aquele que apresenta maior representatividade (40,6%), seguido dos menores de 30 anos (34%), ou seja, aqueles que possivelmente têm mais tempo livre. Quanto ao concelho de residência desta população verifica-se que 52,5% reside no concelho de Lisboa. A hegemonia da capital revela-se também no concelho de trabalho ou estudo (54%).

Fig. 26 – Deslocações à Praça do Comércio para estar na Praça, segundo a residência, idade e local de trabalho ou estudo

	Trabalhadores na Praça	Não trabalhadores na Praça
Reside em Lisboa?		
Sim	8	23
Não	12	16
Escalão etário		
<30 anos	2	18
30-50 anos	10	5
>50 anos	8	16
Trabalha ou estuda em Lisboa?		
Sim	20	10
Não	-	29

Em relação ao tempo médio de permanência, cerca de 39% permanece na Praça mais de meia hora (dos quais 20% fica mais de uma hora), não tendo quase expressão as pessoas que ficam

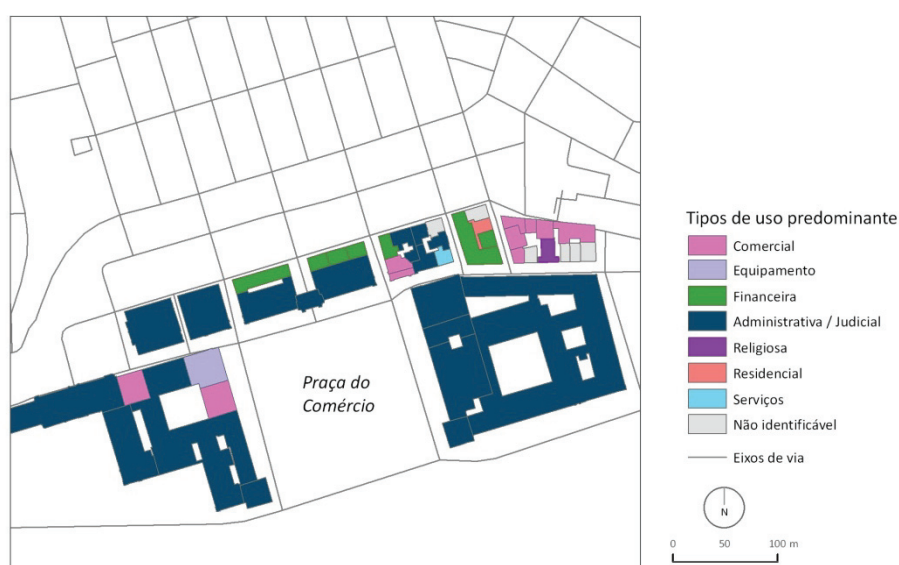
menos de 5 minutos (5%) e a maioria dos que permanecem menos de 15 minutos, reside fora de Lisboa. Contudo, constata-se que, para tempos de permanência superiores a este valor, 69% reside neste concelho.

Fig. 27 – Deslocações à Praça do Comércio para estar na Praça, segundo o tempo de permanência e a residência

Tempo de permanência <5'	
Residentes em Lisboa	2
Residentes noutros concelhos	1
Total	3
Tempo de permanência 5 a 15'	
Residentes em Lisboa	7
Residentes noutros concelhos	2
Total	9
Tempo de permanência 30 a 60'	
Residentes em Lisboa	8
Residentes noutros concelhos	3
Total	11
Tempo de permanência >60'	
Residentes em Lisboa	5
Residentes noutros concelhos	7
Total	12

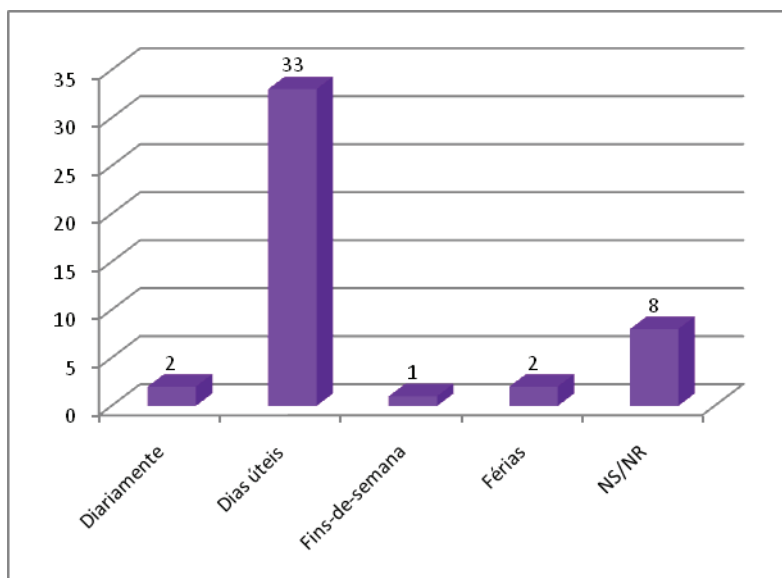
Motivo: utilização de serviços

Fig. 28 - Usos predominantes nos edifícios contíguos à Praça do Comércio, 2008



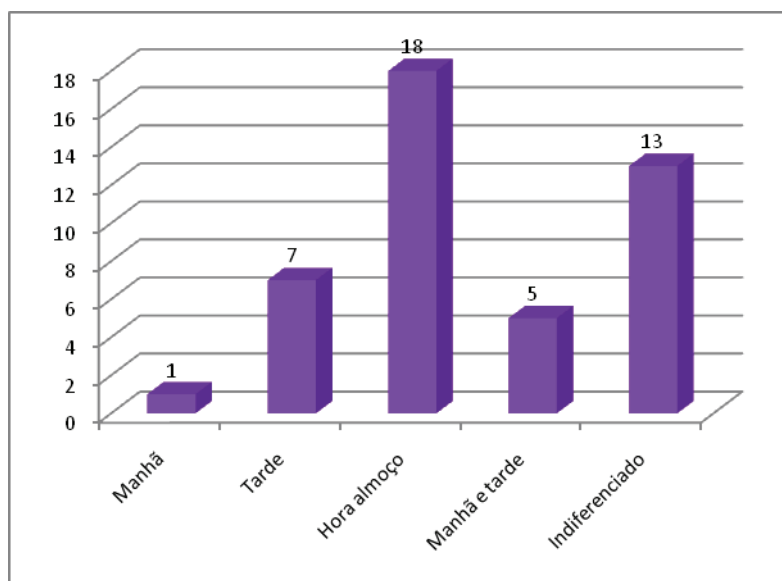
Em meados de 2008 podem encontrar-se na Praça do Comércio os seguintes serviços: uma farmácia, um posto de saúde da Cruz Vermelha, uma estação dos CTT, o Espaço Justiça, um balcão de uma agência bancária, um posto de turismo, e uma esquadra de polícia (numa das saídas da Praça, a caminho da rua do Arsenal). Desta oferta diversificada, a estação dos correios é a mais procurada, seguida do balcão da agência bancária e tal acontece quase em exclusivo durante os dias úteis e principalmente à hora de almoço.

Gráfico 31. Quando se desloca à Praça, para utilizar os serviços disponíveis?



Fonte: Inquéritos realizados entre Março e Julho de 2008

Gráfico 32. Em que momento do dia se desloca à Praça para utilizar os serviços disponíveis?



Fonte: Inquéritos realizados entre Março e Julho de 2008

Os clientes são maioritariamente pessoas que trabalham na Praça (75%), valor que ascende aos 85%, se englobarmos a população cujo local de trabalho ou estudo é Lisboa.

Fig. 29 – Marcos de correio na Praça (junto à estação dos CTT) 26.05.2008



Motivo: outros

Apesar de apresentarem valor residual, os indivíduos que apresentam outros motivos para se deslocarem à Praça, importa realçar que esta é alvo de diversas manifestações públicas e de alguns momentos insólitos.

Fig. 30 – Sessão fotográfica na Praça, 25.06.2008



Ao longo do trabalho de campo, foi possível encontrar neste espaço acontecimentos tão diversos como milhares de pessoas que se concentravam para protestar contras medidas políticas e sessões fotográficas improvisadas como a que apresentamos.

5.4. Fluxos e permanência na Praça

Após explicitados os motivos e a frequência de deslocação à Praça do Comércio, importa entender como aí chegam as pessoas, por onde circulam, e quanto tempo permanecem neste espaço. Mas, antes, convém esclarecer que, no período em que decorreu a realização dos inquéritos (Março a Julho de 2008), a Praça do Comércio era um espaço de circulação de peões, transportes colectivos (autocarros, eléctricos) e transporte individual (automóveis privados e viaturas do Estado¹⁰). Somente ao Domingo, entre as 10 e as 17 horas, era interdita a circulação de veículos motorizados, no âmbito da iniciativa “Ao Domingo o Terreiro do Paço é das Pessoas”.

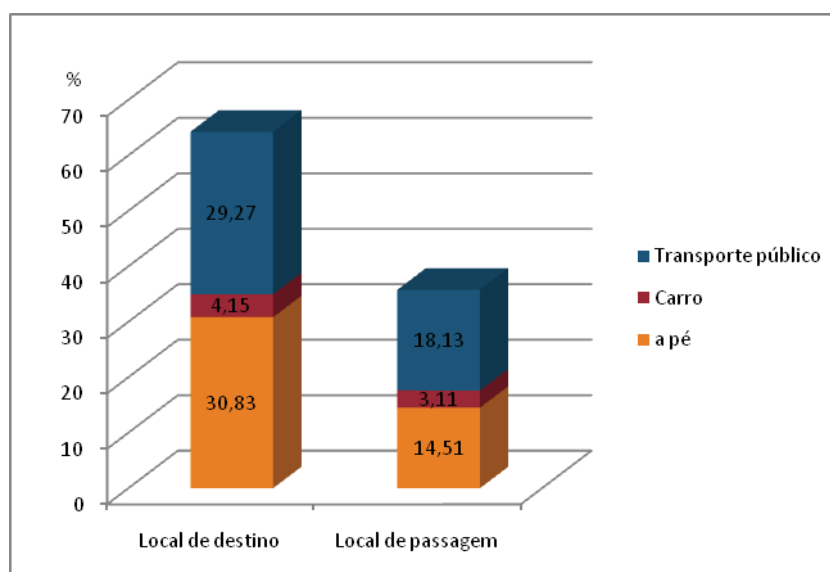
¹⁰ Apesar de não ser permitido estacionamento público na Praça do Comércio, é muito comum encontrarem-se viaturas que pertencem aos serviços do Estado, aí paradas (por vezes em segunda fila).

Fig. 31 – Um Domingo na Praça, animação pelo Chapitô, 01.06.08



Começando pelo acto de deslocação até à Praça, quando questionados sobre se este era o seu local de destino ou apenas um local de passagem, verifica-se que é maioritariamente um local de destino (64%), alcançado por cerca de 31% dos inquiridos a pé, seguido de 29% que aqui chegam de transportes públicos. Já as pessoas que fazem dela apenas um local de passagem optam na sua maioria pelo transporte público (18%), como modo de se deslocarem até este espaço, efectuando muitas vezes, o transbordo na Praça.

Gráfico 33. Praça do Comércio como local de destino ou de passagem, segundo o meio de transporte utilizado

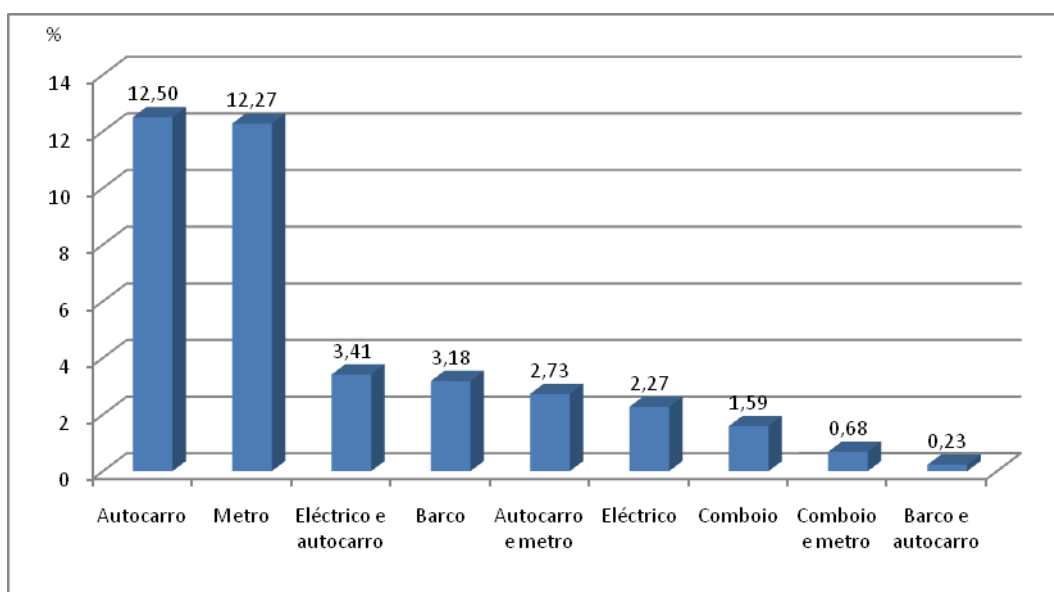


Fonte: Inquéritos realizados entre Março e Julho de 2008

Contudo, se centrarmos a análise nos indivíduos que não trabalham na Praça, verifica-se que esta é local de destino para somente 12% da amostra, sendo considerada pelos restantes 18% como local de passagem. É importante referir que, se considerarmos como universo apenas a população que foi inquirida na Praça, 60% declara que esta é um local de passagem. Estes valores são reveladores de como este lugar, central na malha urbana lisboeta, não representa um destino *per se* para a maioria das pessoas.

Em relação ao transporte colectivo mais utilizado para chegar à Praça, constata-se que isoladamente, o autocarro e o metro competem pelas preferências (12,5% e 12,27% respectivamente). Contudo, quando conjugados com outros meios de transporte (eléctrico, metro e barco), o autocarro é sem dúvida o meio mais utilizado, facto que se poderá explicar quer pela maior difusão desta rede no espaço metropolitano, quer pelos vários percursos de autocarro que por aqui passam.

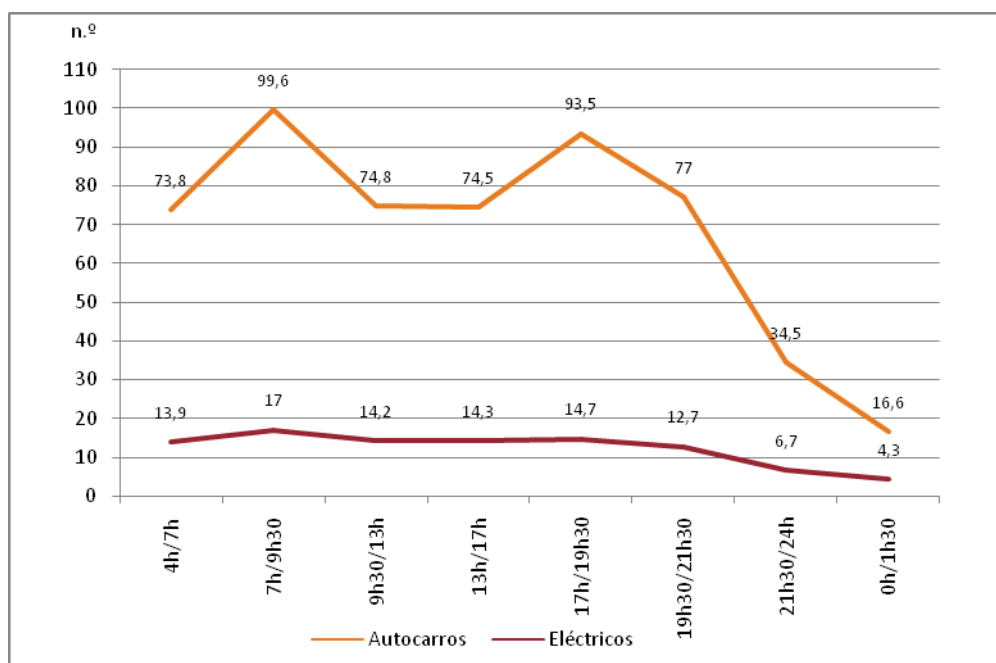
Gráfico 34. Transporte público mais utilizado (%)



Fonte: Inquéritos realizados entre Março e Julho de 2008

De facto, a Praça do Comércio, no período da hora de ponta da manhã (das 7h às 9h30m), chega a registar um fluxo de quase cem autocarros e dezassete eléctricos, sendo este pico ligeiramente inferior na hora de ponta da tarde (das 17h às 19h30m).

Gráfico 35. Transportes públicos que circulam, ao longo de um dia útil, na Praça do Comércio



Fonte: CARRIS, 2008.

Analisemos, agora, como se concretiza a circulação e a permanência no interior da Praça. Importa realçar que este lugar é acessível pela rua do Arsenal (a Oeste), rua Augusta, rua da

Prata e rua do Ouro (que convergem para a Praça, a Norte), rua da Alfândega (a Este) e avenida Ribeira das Naus (frente ao Tejo, a Sul). A estes espaços canais correspondem tráfegos com características distintas, sendo talvez os mais contrastantes a rua Augusta (que apenas permite o tráfego pedonal) e a avenida Ribeira das Naus.

Fig. 32 - Avenida Ribeira das Naus, junto à Praça do Comércio 21.01.2009



As linhas estratégicas que a Câmara Municipal de Lisboa tem vindo a apresentar para a futura mobilidade da Praça do Comércio apontam para a redução da circulação automóvel, nomeadamente nas alas ocidental e oriental, e para privilegiar a circulação de peões e dos transportes colectivos.

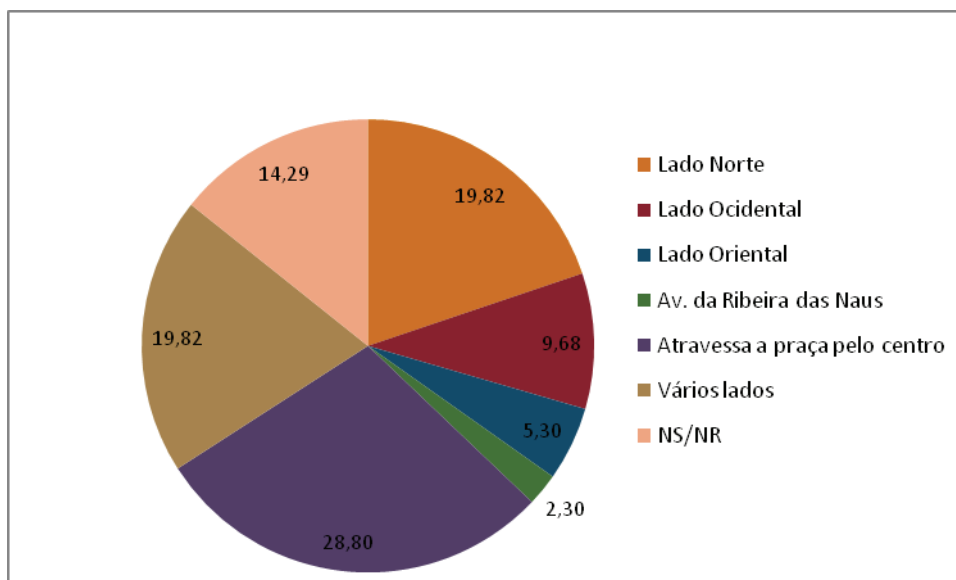
No que diz respeito à circulação pedonal na Praça, do ponto de vista arquitectónico, a Praça oferece, em três frentes, as arcadas (lado Norte, Ocidental e Oriental) como espaço de recolhimento da chuva no Inverno e do sol abrasador no Verão. E, no centro da Praça, encontra-se uma placa central que permite o seu atravessamento.

Verifica-se que o comportamento dos inquiridos diverge, no que diz respeito ao trajecto a pé, habitualmente escolhido para circular neste espaço. Se para cerca de 29% atravessar a Praça pelo centro constitui a opção privilegiada (favorecendo sobretudo a diagonal SE-NO¹¹), para cerca de 20% o lado Norte é o caminho mais frequentado, quer por permitir a ligação entre a

¹¹ Neste aspecto, a ligação à estação fluvial Sul-Sueste é tradicionalmente nó gerador de fluxos de peões.

rua do Arsenal e a rua da Alfândega, quer por aí confluir a rua Augusta (via principal da Baixa Pombalina). Noutro extremo, a avenida Ribeira das Naus assume papel residual na circulação pedonal (cerca de 2%). Cerca de 20% dos inquiridos, afirma não ter um percurso habitual na Praça (que privilegie um só lado).

Gráfico 36. Habitualmente, por onde circula, a pé, na Praça (%)



Fonte: Inquéritos realizados entre Março e Julho de 2008

Estes dados são corroborados pelas figuras seguintes, onde podemos observar o padrão predominante nos percursos pedonais¹² consoante o dia da semana (dia útil ou Domingo), o momento do dia (manhã, tarde e noite) e o tipo de utente (residente em Lisboa ou na periferia, ou turista). De facto, o atravessamento da Praça na diagonal surge na maioria dos trajectos (sobretudo entre a rua do Ouro e o torreão Oriental), sendo mais utilizado pela população que reside em Lisboa (ou arredores) e frequenta a Praça de manhã ou ao início da noite. O papel dos transportes públicos (autocarros, eléctricos e barcos) neste padrão não é de somenos importância, pois as paragens destes meios de transporte constituem nós geradores de fluxos pedonais. A excepção é o Domingo¹³, dia em que a rua Augusta constitui o eixo privilegiado de acesso à Praça, quer para residentes, quer para turistas, e é também neste dia que os tempos de permanência junto à estátua equestre de D. José são superiores.

¹² Imagens retiradas de: CRISTOVINHO, C.; AFONSO, J.; FLORES, L. F.; PEREIRA, M.; VALSASSINA, M., *A Praça do Comércio no século XX – Imagem mental da Praça*, trabalho realizado no âmbito da disciplina de História da Arquitectura VI, Lisboa, Universidade Autónoma de Lisboa, Departamento de Arquitectura, 2008.

¹³ Não será alheio a este facto, a interdição de trânsito na Praça aos Domingos.

Fig. 33- Trajecto pedonal de quem reside em Lisboa e periferia. Por ordem descendente: durante um dia de semana (manhã, tarde e noite) e num Domingo à tarde



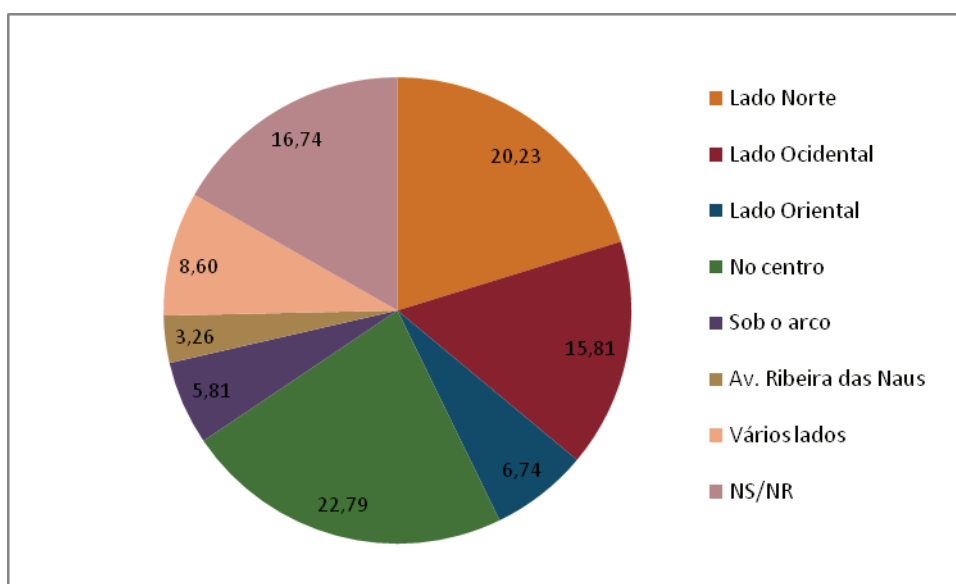
Fig. 34 - Trajecto pedonal dos turistas. Por ordem descendente: durante um dia de semana (manhã, tarde e noite) e num Domingo à tarde



De um modo geral, a rua Augusta é a via preferida pelos turistas para aceder à Praça, em qualquer momento do dia, sendo de notar que, durante a manhã, as paragens dos serviços de *Sightseeing* marcam os percursos, e à tarde evidencia-se o acesso ao rio.

A par do padrão de circulação pedonal, quando indagados sobre o local da Praça onde permanecem mais tempo, cerca de 23% responde ser no centro. De referir que somente neste espaço se encontram os bancos públicos, que facilitam a permanência, sobretudo da população mais idosa. De igual modo, o centro da Praça é o espaço preferido pelos turistas. No entanto, a soma dos que permanecem mais tempo no lado Norte com os que o fazem sob o arco da Rua Augusta (também no lado Norte), supera este valor, ascendendo aos 26%. A distinção entre lado Norte e “sob o arco” revela-se pertinente (como o atestam os quase 6%) na medida em que, este é um ponto de encontro para algumas pessoas, devido a ser um elemento marcante (e de fácil identificação) na malha urbana.

Gráfico 37. O local da Praça onde permanece mais tempo (%)



Fonte: Inquéritos realizados entre Março e Julho de 2008

Tal como foi referido na metodologia, foi feita também observação directa na Praça, de forma a obter alguns dados complementares aos inquéritos e às entrevistas realizadas.

Sendo um espaço com uma área considerável, pareceu-nos fundamental saber quantas pessoas estão na Praça durante diversas horas do dia. Desta forma, foram feitas contagens que, sem pretender ser demonstrativas de todas as épocas do ano e de todos os dias, nos fornecem mais alguns elementos de caracterização e reflexão. As contagens decorreram durante um dia inteiro na Primavera (contando os indivíduos na Praça, a cada hora, diferenciando a ala oriental da ocidental – tendo o eixo Arco/Estátua/Cais da Colunas como

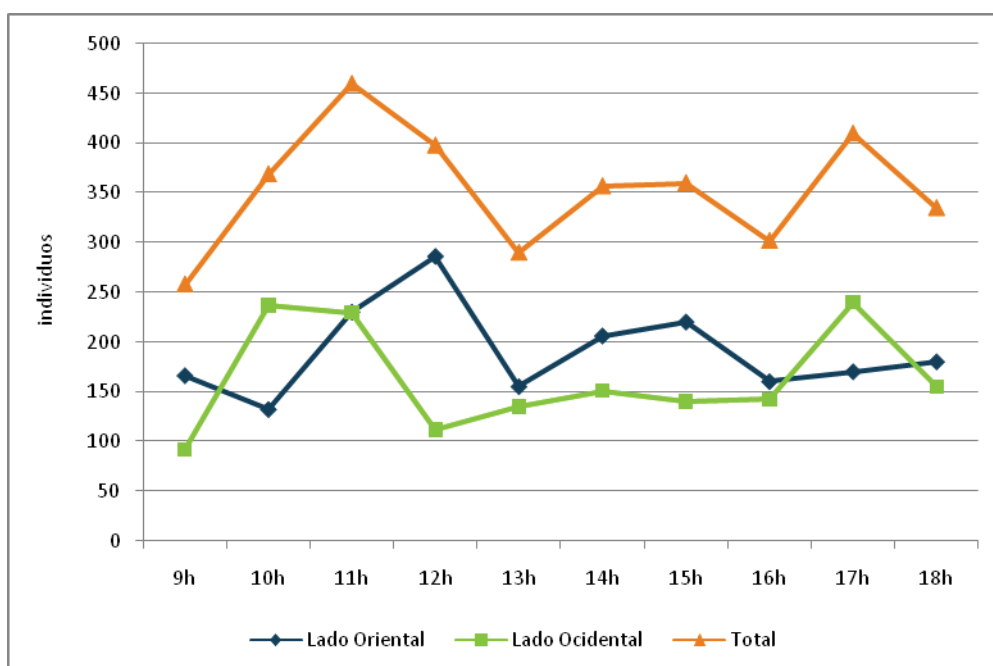
referência), entre as 9h e as 18h de um dia de semana, e durante três outras tardes (um dia de semana, um Sábado e um Domingo), seguindo o mesmo método, entre as 15h e as 17h, hora em que registámos a maior afluência de pessoas. Foi também feita observação nocturna, sobretudo para registar a localização e permanência de sem-abrigo, sob as arcadas.

Como podemos observar, a maior concentração de pessoas na Praça, durante a semana, é a meio da manhã (460 pessoas, às 11h). Este facto explica-se sobretudo pela afluência de turistas, que chegam à Praça a pé (sobretudo descendo a Rua Augusta e atravessando o Arco) ou em autocarros de turismo, que param junto ao Ministério das Finanças, assim como pela localização do terminal de autocarros de *sightseeing*, também no lado oriental da Praça.

Há uma quebra nítida durante a hora de almoço, subindo um pouco às 14h, hora a que muitas pessoas regressam ao trabalho e, por volta das 17h, regista-se outro pico de afluência, este já relacionado sobretudo com a deslocação emprego/casa, registando-se um atravessamento da Praça em direcção à estação fluvial e a presença significativa de pessoas nas paragens de eléctrico e autocarro.

Apesar de o maior número de pessoas na Praça ter sido registado de manhã (às 11h) há que referir que, se compararmos a manhã no seu todo (9h às 13h) com a tarde (14h às 18h), verifica-se que os valores são semelhantes (1775 pessoas de manhã e 1764 de tarde), revelando que a Praça, durante a tarde, embora de forma mais distribuída, tem igual ocupação. cremos que, em épocas de menor fluxo turístico, a ocupação no período da tarde poderá mesmo ser superior.

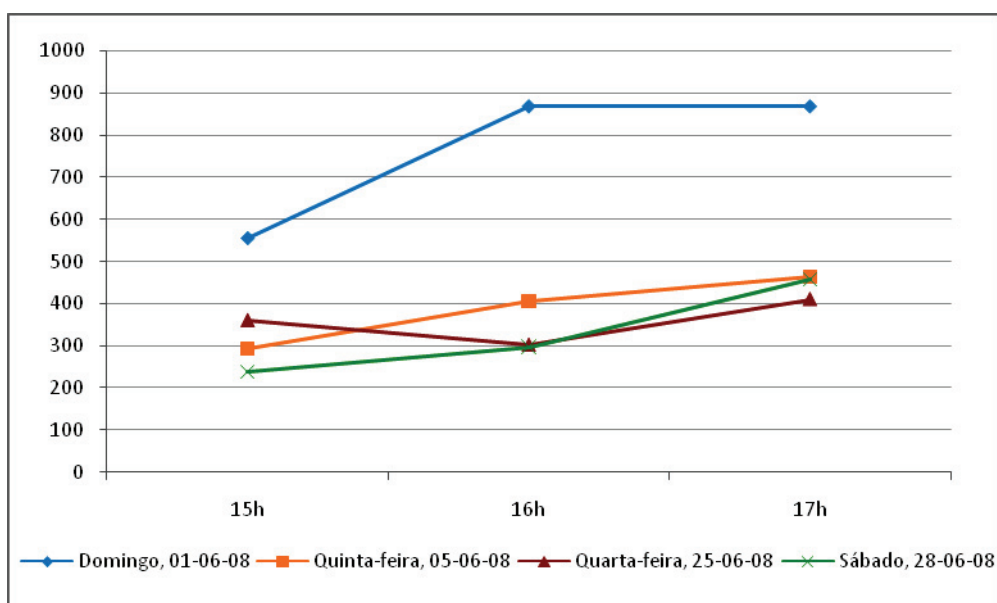
Gráfico 38. Indivíduos presentes na Praça do Comércio no dia 25-06-2008, das 9h às 18h (por hora)



Se durante a semana, o número de pessoas contabilizadas na Praça não ultrapassou as 460, durante a manhã, as contagens feitas ao Domingo, da parte da tarde, revelaram uma realidade diferente, tendo sido observado um fluxo crescente de pessoas a partir das 13h (que chegam, sobretudo, através do Arco da Rua Augusta, mas também das outras artérias) e sido contadas 870 pessoas às 16 e 17h. cremos que este facto se relaciona directamente com o programa de animação da Praça aos Domingos, que proporciona diversas actividades, com especial incidência na parte da tarde. O trânsito encontrava-se encerrado, tendo reaberto às 17h, hora a partir da qual a Praça se ia rapidamente esvaziando.

Foi registado, no Sábado, um número de presenças na Praça semelhante aos dos dias de semana. Contudo, há que referir que, no dia em questão, se preparava o “Arraial Pride”, que iria decorrer nessa noite, pelo que consideramos que (face a outros Sábados de observação, em que não foram feitas contagens) o número está um pouco inflacionado, mas a tendência é semelhante. Observou-se que se mantinha a habitual afluência turística da época, com os padrões de chegada e ocupação já relatados.

Gráfico 39. Número de indivíduos presentes em vários dias, a cada hora, das 15h às 16h



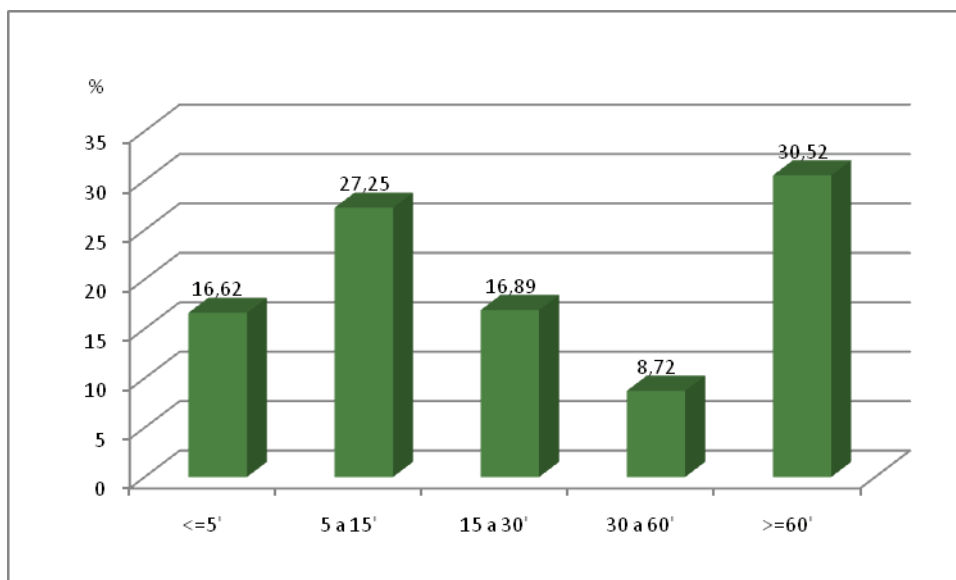
E quanto tempo permanecem? Mais de 30% dos inquiridos indica que fica mais de uma hora na Praça, sendo vários os motivos que a tal conduzem, como a visita de exposições, as actividades disponíveis ao domingo (como espectáculos musicais, ou actividades desportivas), o convívio com outras pessoas ou reuniões de trabalho (vimos já, no ponto anterior, como esta permanência se cruza com o facto de os inquiridos trabalharem ou não na Praça e com algumas das razões de deslocação).

Fig. 35 - Permanência de pessoas junto ao rio, 04.05.2009



O segundo pico de permanência na Praça (27%) corresponde a outras motivações para se deslocarem até este local.

Gráfico 40. Tempo de permanência na Praça

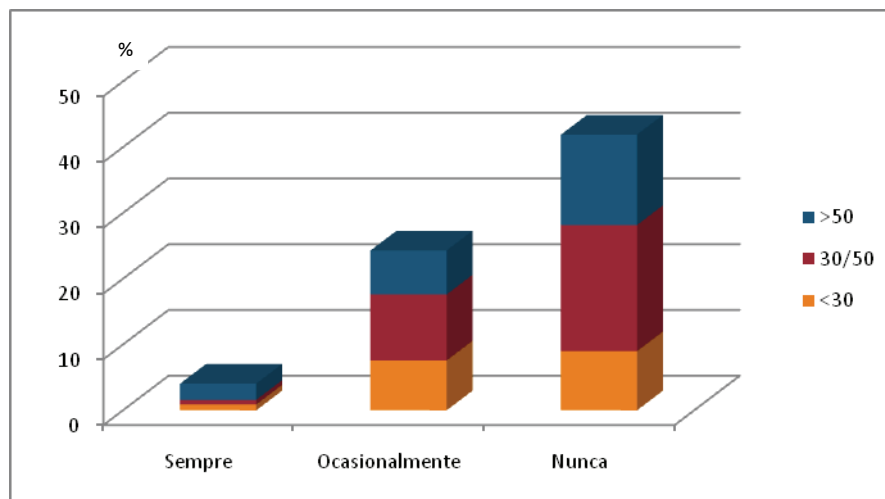


Fonte: Inquéritos realizados entre Março e Julho de 2008

Os bancos públicos, em pedra, localizados no centro da Praça, propiciam a permanência neste espaço público. A sua disposição vai-se alterando, conforme as intervenções decorrentes das actividades. Todavia, da amostra recolhida, apenas 6% afirma utilizar sempre este recurso, e mais de 59%, nunca o utilizou. Verificámos que quem mais procura estes bancos para se sentar ocasionalmente são sobretudo pessoas que trabalham na Praça (63%). Pode inferir-se de uma questão aberta feito no inquérito (O que faz mais falta na Praça?), que o facto de este número ser tão expressivo, se deve a uma reduzida oferta de bancos, em especial em dias que permitem momentos de maior permanência, como o fim-de-semana. De algum modo a corroborar esta afirmação, é frequente encontrarem-se pessoas sentadas nas escadas da estátua equestre de D. José I, que não só aproveitam para descansar, como também a única sombra disponível no centro da Praça.

Mas a distribuição etária da população revela que somente 32% apresenta idade superior a 50 anos, ou seja, estes equipamentos de repouso são também procurados por mais jovens.

Gráfico 41. Utilização dos bancos, segundo a idade



Fonte: Inquéritos realizados entre Março e Julho de 2008

Fig. 36– Utilização dos bancos, 01.06.2008

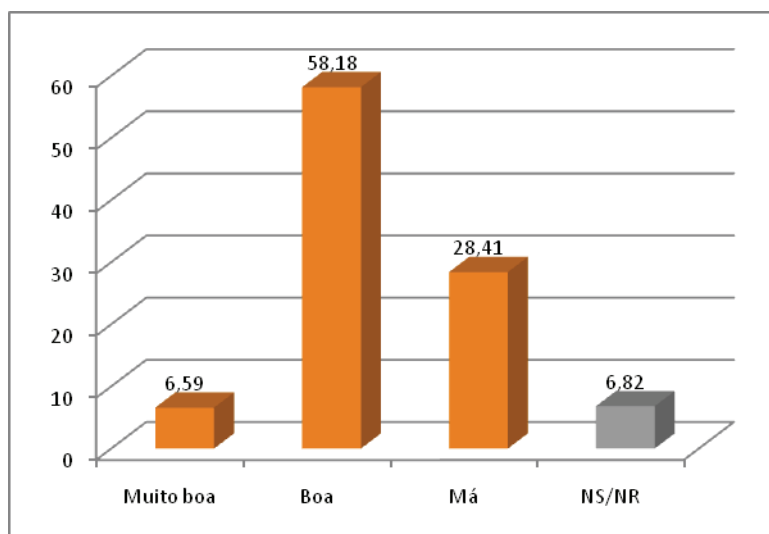


5.5. O espaço da Praça

Classificada a Praça, pelos inquiridos, como um espaço agradável e de grande importância para a história da cidade, julgou-se pertinente analisar a sua opinião sobre a qualidade do que lhes é oferecido. Assim, surge um bloco de questões dedicadas à qualidade do espaço pedonal. No cômputo geral, esta foi considerada boa, apesar de existirem algumas discrepâncias entre passeios, arcadas, centro da Praça e atravessamentos.

Embora os passeios, em calçada portuguesa, que ladeiam as arcadas e confrontam com a área de circulação rodoviária, tenham sido classificados maioritariamente como bons, cerca de 28% indica que apresentam má qualidade. Esta queixa poderá traduzir um descontentamento relativo à irregularidade do piso (aspecto normal na calçada portuguesa) e a alguns buracos, que evidenciam um descuido na manutenção de uma das principais praças lisboetas. A locomoção de pessoas com problemas de motricidade (com o apoio de cadeira de rodas, ou bengala), e de carrinhos de bebés torna-se assim mais difícil perante esta situação.

Gráfico 42. O que pensa da área pedonal - passeio



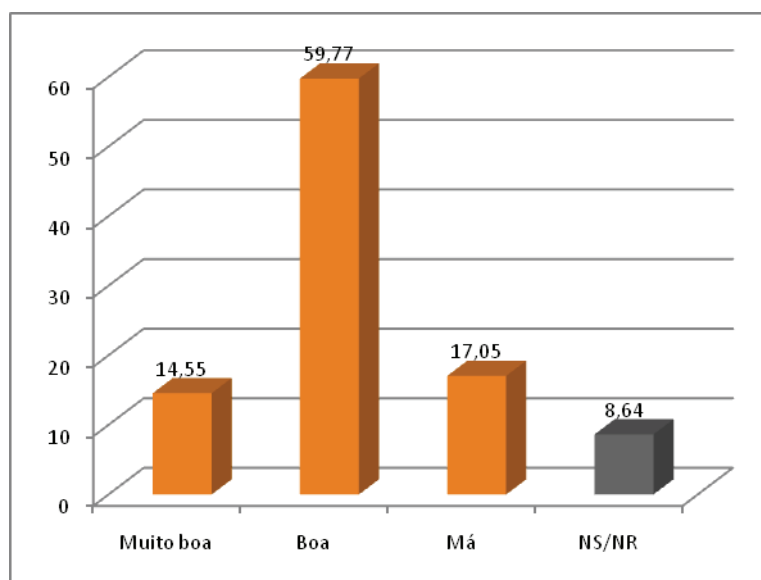
Fonte: Inquéritos realizados entre Março e Julho de 2008

As arcadas, elementos integrantes do conjunto arquitectónico da Praça, permitem durante o Verão o sombreamento e a frescura que não existe em mais nenhum espaço público da Praça e, durante o Inverno, o abrigo da chuva (desde que o vento não seja muito intenso). Quase 60% dos inquiridos considera-as uma área pedonal boa, sendo mesmo muito boa para cerca de 15%. Contudo, os 17% que a vêem como má queixam-se da sua fraca limpeza (associando-a, por vezes aos sem-abrigo) e da pouca iluminação nocturna.

Fig. 37 – O espaço das arcadas, 12.05.2009



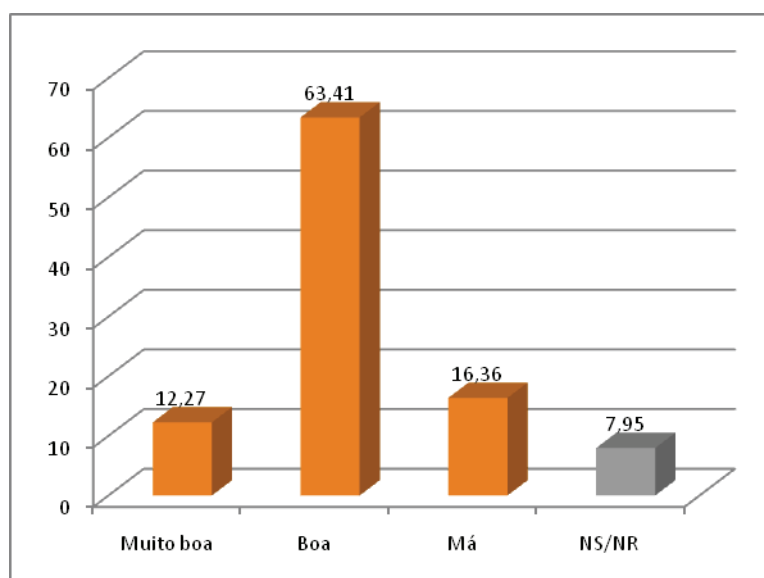
Gráfico 43. O que pensa da área pedonal - arcadas



Fonte: Inquéritos realizados entre Março e Julho de 2008

O piso do centro da Praça foi uma das últimas intervenções neste espaço e surgiu na sequência da proibição de estacionar nesta área. Tem como característica mais apreciada (por muitos dos inquiridos), o facto de permitir uma fácil locomoção dos utentes. Talvez por isso, quase 63% classificam-na como boa área pedonal.

Gráfico 44. O que pensa da área pedonal - centro da Praça



Fonte: Inquéritos realizados entre Março e Julho de 2008

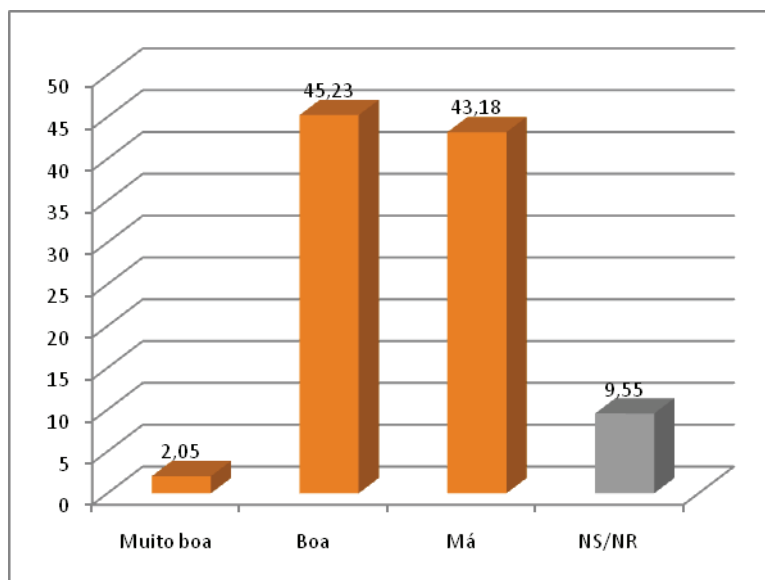
Por último, a qualidade dos atravessamentos da Praça, constituiu o elemento de maior discórdia entre a amostra, pois se 45% os consideraram bons, já 43% designaram-nos por maus. De facto, apesar de quase todos serem controlados por semáforos (à excepção da passeadeira em frente ao arco da rua Augusta), a intensidade do tráfego em algumas áreas, degradou quer a visibilidade das zebras, quer o piso que se tornou irregular e desconfortável.

Fig. 38 – Atravessamento em frente ao Arco da Rua Augusta e vista parcial do piso da área central, 26.05.2009



Quer durante a realização dos inquéritos, quer nas entrevistas, foram frequentes as referências à dificuldade de atravessamento da Praça, no lado Ocidental, devido à inexistência de um atravessamento pedonal que ligasse a zona das arcadas, junto à estação dos CTT, com a placa central.

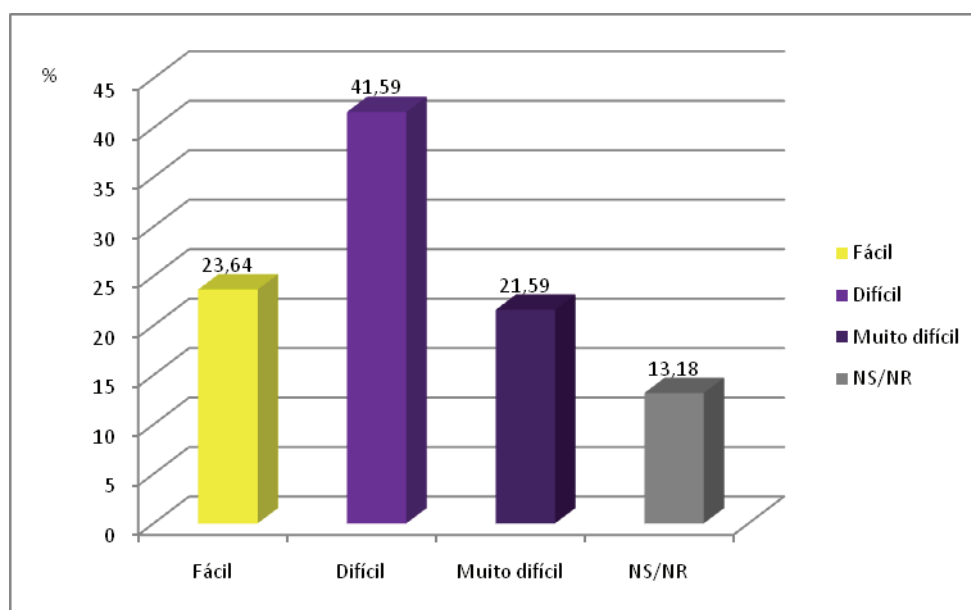
Gráfico 45. O que pensa da área pedonal - atravessamentos



Fonte: Inquéritos realizados entre Março e Julho de 2008

No que diz respeito ao acesso ao rio, este é considerado pela maioria como sendo difícil (42%) ou muito difícil (22%). Novamente, as obras assumem protagonismo nesta questão, mas também o trânsito e as poucas passadeiras disponíveis.

Gráfico 46. O acesso ao rio é:

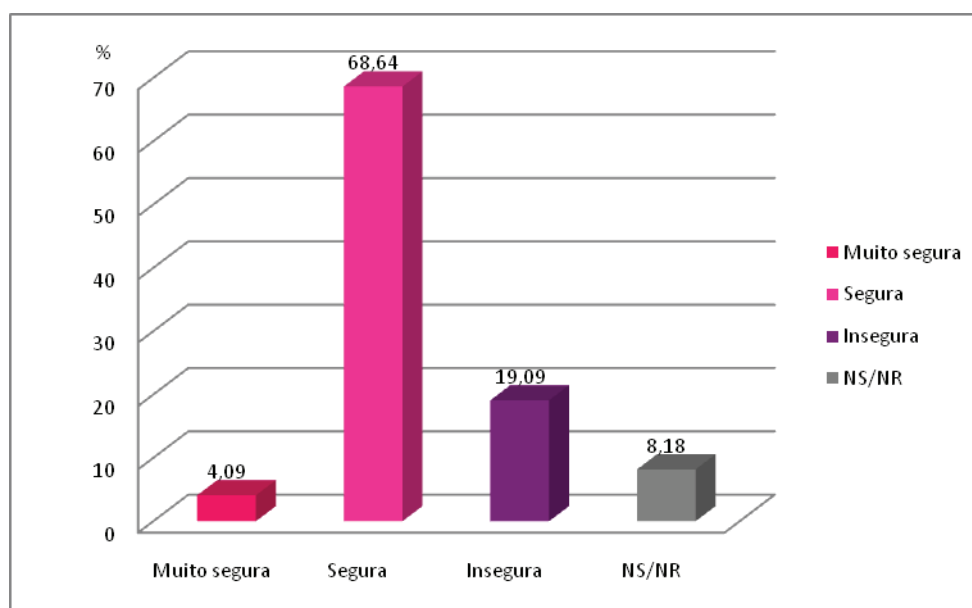


Fonte: Inquéritos realizados entre Março e Julho de 2008

O inquérito procurava também conhecer a percepção dos indivíduos em relação à segurança na Praça. Quase 69% qualificam este espaço como seguro. Existe um sentimento de segurança, que poderá ser atribuído quer à existência de uma esquadra da PSP, neste local, quer às instalações de serviços de administração central, que estão policiadas, e algumas inclusive com videovigilância¹⁴. Contudo, para os que classificam a Praça como insegura, esse problema poderia ser colmatado com mais policiamento, videovigilância e uma melhor iluminação. Também é sugerida a redução do trânsito, para combater a insegurança dos peões nos atravessamentos.

¹⁴ Estão em discussão propostas para a instalação de uma rede de videovigilância na Baixa Pombalina, tema que tem sido alvo de alguma controvérsia, por parte dos diversos actores sociais.

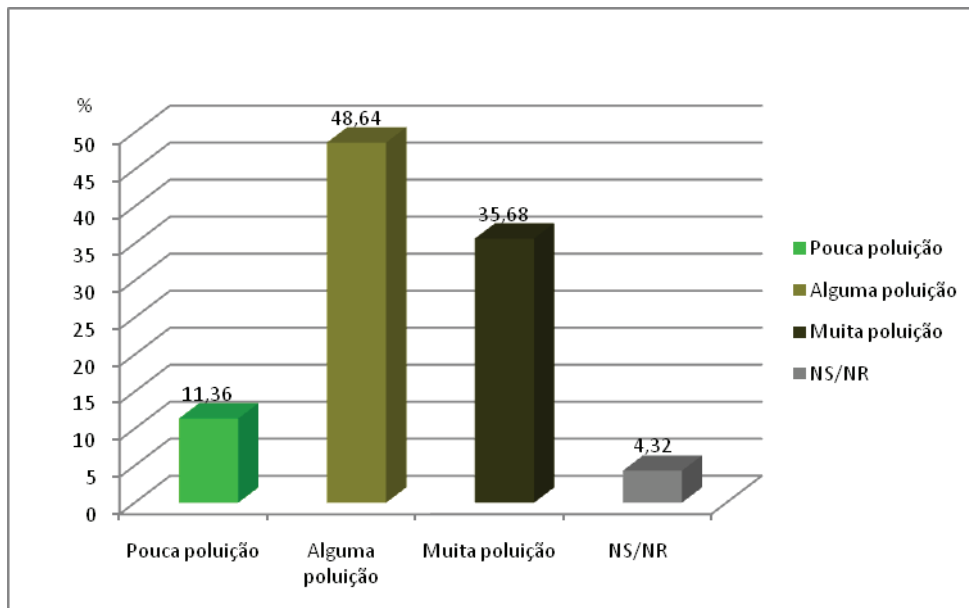
Gráfico 47. Em termos de segurança, a Praça é



Fonte: Inquéritos realizados entre Março e Julho de 2008

Outro aspecto considerando importante para a vivência de um lugar, é a qualidade do ambiente urbano. Deste modo, foi perguntado aos utentes qual a sua percepção da poluição atmosférica e sonora na Praça, com base na sua experiência (que comporta, naturalmente, diferentes níveis de tolerância). É importante destacar que os resultados obtidos não indicam se há muita, pouca ou nenhuma poluição nesta área (nem tão pouco era esse o objectivo), somente reportam a sensação de desconforto sentida pelos inquiridos e que pode ter reflexos na maior ou menor permanência na Praça. Os números exprimem alguma preocupação, visto que cerca de 36% indica haver muita poluição do ar, e quase 49% referem a existência de alguma poluição.

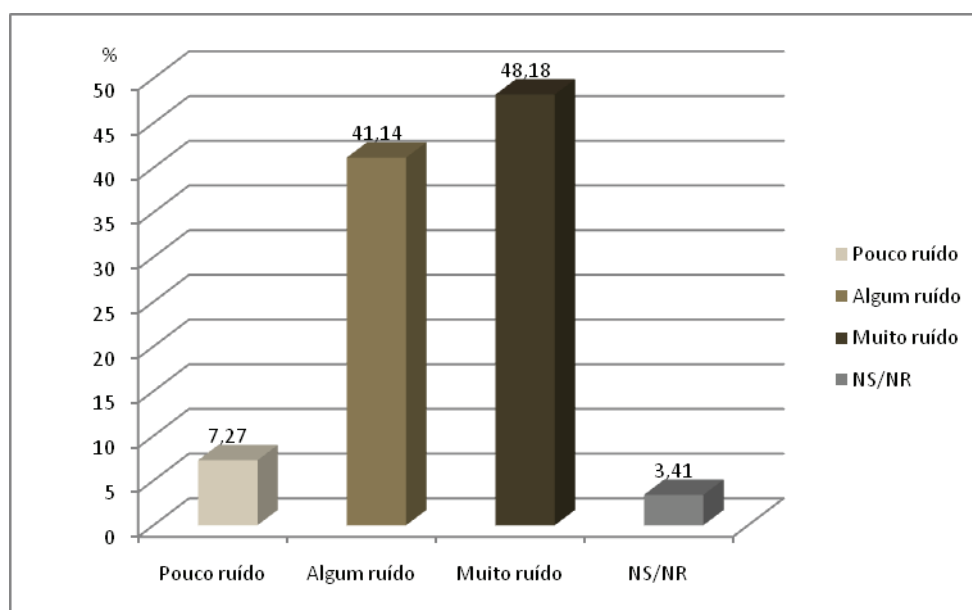
Gráfico 48. Em termos de poluição do ar a Praça tem:



Fonte: Inquéritos realizados entre Março e Julho de 2008

Por outro lado, 48% refere a existência de muito ruído, e 41% da amostra de algum ruído, dados que denotam uma clara inquietação das pessoas que frequentam este lugar, e que poderão contribuir para reduzir o seu tempo de permanência. São apontadas como principais fontes deste problema as obras e o intenso tráfego. Verificamos que estas são questões que preocupam a população, sobretudo o ruído, muito embora sejam problemas relacionados. Assim, qualquer intervenção futura que favoreça o “estar” na Praça terá de equacionar a melhoria da qualidade ambiental. Os trabalhos realizados por alunos de Arquitectura sobre a imagem mental da Praça revelaram que muitos dos inquiridos associavam à Praça e aos seus percursos na Baixa a percepção permanente de ruído (sobretudo do tráfego automóvel), e a poluição (cheiro a queimado, aos escapes).

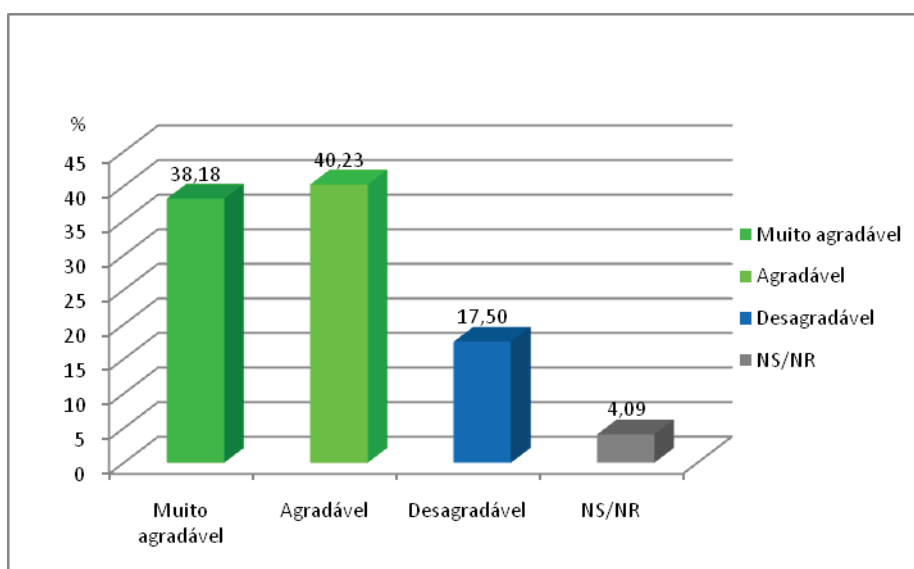
Gráfico 49. Em termos de ruído, a Praça tem:



Fonte: Inquéritos realizados entre Março e Julho de 2008

A abertura, a Sul, da Praça para o estuário do Tejo não pode ser ignorada na composição visual deste lugar, quer por ser incontornável a paisagem que proporciona, mas também devido ao histórico papel do Cais das Colunas, enquanto entrada nobre na cidade de Lisboa. Assim sendo, os inquiridos revelaram que consideram muito agradável (38%) ou agradável (40%) a vista para o rio. No entanto, e apesar de somente 18% terem admitido claramente o seu desagrado, foi possível ouvir muitas vezes ao longo dos inquéritos, as queixas relativas às inúmeras obras que se têm realizado, há anos, neste espaço. Aliás, este constitui um aspecto a realçar na medida em que, ao responderem os inquiridos pareciam reportar-se a uma imagem do passado, do que era “antigamente” (olhando para a actualidade como uma falsa memória).

Gráfico 50. A vista para o rio é:



Fonte: Inquéritos realizados entre Março e Julho de 2008

Fig. 39 - Vista para o rio Tejo após a reposição do Cais das Colunas, 21.01.2009



5.6. As actividades da Praça

Apesar de, do ponto de vista simbólico, a Praça do Comércio se encontrar associada ao poder (consubstanciado nos serviços ministeriais que aqui se localizam), desenvolvem-se neste espaço, tal como o topónimo indica, actividades comerciais, bem como a prestação de serviços à população. Assim, encontram-se na Praça dois restaurantes (tendo o Martinho da Arcada também a função de café), a ViniPortugal, uma farmácia, um posto de saúde da Cruz Vermelha, uma estação dos CTT, o espaço Justiça, um balcão de uma agência bancária, um posto de turismo, e uma esquadra de polícia (numa das saídas da Praça, a caminho da rua do Arsenal). Também existe uma florista ambulante, junto à saída da estação do metro do Terreiro do Paço, e dois quiosques activos. Para além destas, existem actividades sazonais ambulantes como a venda de gelados ou de castanhas assadas.

No entanto, a tradição, de certo modo, mantém-se e as funções associadas a alguns dos mais importantes órgãos da administração central, ainda se encontram representadas neste espaço: Ministério das Finanças, Ministério da Administração Interna, Ministério da Justiça, Ministério da Agricultura, Supremo Tribunal de Justiça, Ministério da Defesa Nacional - Marinha e Exército. Estes serviços ocupam não só a maior parte da área útil dos edifícios da Praça do Comércio, mas impõem-se também na reserva de estacionamento e na ocupação dos claustros deste Monumento Nacional para funções menos nobres como estacionamento.

Como é óbvio, esta concentração de serviços da administração pública mobiliza, nos dias úteis, alguns milhares de trabalhadores (ainda que nem todos estejam em permanência), gerando fluxos de utentes sobretudo ao início da manhã, à hora de almoço e ao fim da tarde e que, de algum modo, vão contribuindo (embora não em exclusivo) para dinamizar outras actividades na Praça.

Fig. 40 – Florista junto à saída do metro, 26.05.2008



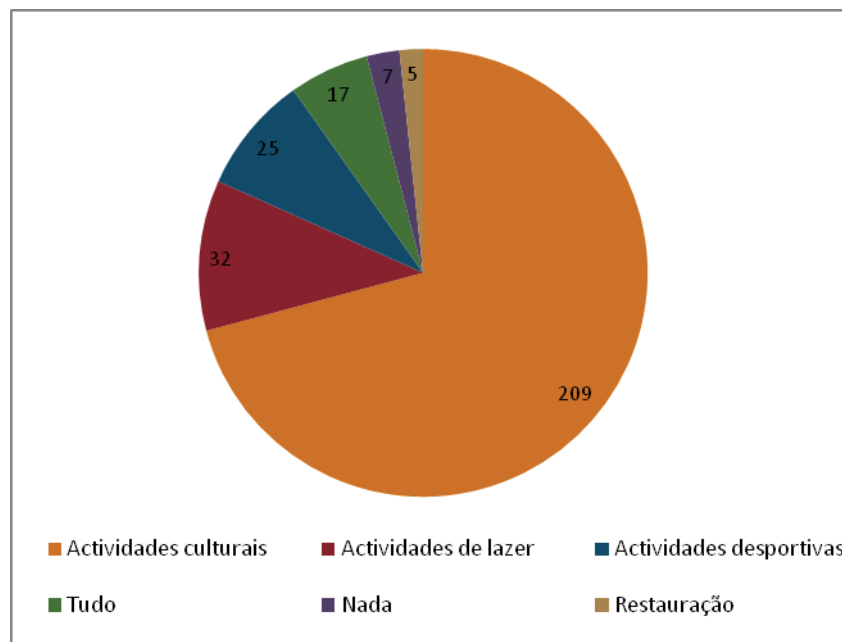
Fig. 41 – Quiosque na ala Ocidental, 25.06.2008



Contudo, durante o fim-de-semana o cenário altera-se. A maioria dos serviços da função pública encerram e, em termos de serviços, somente o posto de turismo, a ViniPortugal e a esquadra de polícia permanecem abertas. Verifica-se aqui um grande contraste na vivência da Praça, sobretudo durante o sábado, pois a iniciativa “ao Domingo o Terreiro do Paço é das pessoas” facilitou a afluência de mais utentes neste dia. Assim, as actividades marcam o ritmo da Praça e permitem identificar duas realidades distintas, os dias úteis mais buliçosos e o fim-de-semana de um modo geral mais sossegado. Isto mesmo é atestado pelos motivos de deslocação à Praça, pois o fim-de-semana destaca-se claramente por ser preferido para passear/fazer turismo, ou para visitar exposições, ou ainda estar na Praça, actividades que propiciam tempos de permanência superiores.

Quando questionados sobre que actividades gostariam que se realizassem na Praça, apesar de não haver qualquer tipo de condicionamento à resposta, os inquiridos revelaram uma tendência para as actividades relacionadas com os tempos livres. Este facto sugere uma ambição de desenvolvimento deste espaço público centrada no eixo passeio/turismo – lazer, direccionada para o público em geral, e que proporcione uma vivência alternativa da actual.

Gráfico 51. Que actividades se deverão realizar na Praça?



Fonte: Inquéritos realizados entre Março e Julho de 2008

Deste modo, destacam-se as actividades culturais, onde se incluem exposições, concertos, espectáculos, museus, teatro e cinema ao ar livre, etc. As actividades de lazer prendem-se sobretudo com a animação de rua, a realização de feiras temáticas (por exemplo flores ou antiguidades), actividades pedagógicas para crianças, ou a criação de um espaço que disponibilize livros (sem, no entanto, ser uma biblioteca tradicional). As actividades desportivas vêm no seguimento das que se realizam aos Domingos, tais como ginástica ou dança.

5.7. (Sobre)Viver na Praça

À noite, a paisagem da Praça do Comércio transforma-se e não é só a iluminação nocturna que confere uma nova ambiência a este espaço. Aparentemente, a Praça esvazia-se: os serviços e as actividades comerciais fecham, há menos automóveis, menos transportes públicos, menos ruído, menos pessoas. O ritmo é outro.

Os inquéritos realizados atestam isto mesmo, pois os inquiridos que por algum motivo se deslocam à Praça durante a noite, assumem carácter residual (dois para se encontrarem com outras pessoas, e quatro para passeio). E se porventura não faria muito sentido, durante a noite, alguém deslocar-se à Praça do Comércio com o intuito de fazer compras na Baixa, ou visitar exposições, tal não se aplica a alguns dos outros motivos (nomeadamente passear, estar na Praça, ou encontro com outras pessoas). Não nos parece que esta quase ausência de

respostas esteja condicionada pelo facto de o inquérito ter sido realizado somente durante o dia, pois havia a possibilidade de seleccionar vários períodos do dia.

Fig. 42 - Praça do Comércio à noite



Muito embora a Praça tenha sido projectada para ser um espaço de vivência urbana, a função residencial, quando existiu, foi residual. Apesar de não nos ser possível datar a origem dos factos, a verdade é que algumas pessoas sem-abrigo aproveitam as arcadas da Praça para pernoitarem, ou, em alguns casos, permanecerem durante todo o dia. Esta situação, que constitui um fenómeno de exclusão social, é – de certa forma – uma vivência pouco visível, pois tem lugar no período do dia em que o movimento na Praça é quase nulo.

Fig. 43 - Sem-abrigo, 11.05.2008



Há largos anos que alguns sem-abrigo¹⁵ vivem na Praça do Comércio, concentrando-se sobretudo nas arcadas orientais. Contudo, e apesar de esta população ser flutuante, nos últimos anos, o seu número tem aumentado, atingido mesmo, por vezes, em 2008, as 60 pessoas que pernoitam neste espaço. Diariamente, a partir do anoitecer, começa um movimento de apropriação deste espaço. Em pequenos grupos, ou individualmente, juntam-se cartões, sacos de plástico, despojos de outras vidas, e improvisam-se abrigos para uma noite. Neste microcosmo, que se reúne no centro da metrópole, cruzam-se histórias de vida muito diversas. Não há uma causa comum e exclusiva para a situação destes indivíduos. Aqui se encontram pessoas com perturbações mentais, dependências, pobreza extrema, em situação ilegal no país, etc., mas são maioritariamente indivíduos do género masculino, que aparentam ter entre 30 a 65 anos.

No entanto, embora pouco visível à luz do dia, este fenómeno de exclusão social, foi muitas vezes referido durante o trabalho de campo, sobretudo por quem passa mais tempo na Praça, ou seja os trabalhadores, e pelas pessoas que participam na gestão do seu espaço. O desconforto causado pela presença de um fenómeno de exclusão num espaço monumental como a Praça, agravado por algumas das consequências da ocupação nocturna, como a degradação da higiene urbana, é notório, embora não chegue a causar sensações de insegurança.

“A minha opinião é que os sem-abrigo deveriam ter um apoio que lhes possibilitasse não ficarem a dormir ali. Deviam-se criar locais na cidade de Lisboa, vários, que abrigassem essas pessoas e que as pudessem tratar. Eu, pessoalmente, não concordo muito com uma praça cheia de sem-abrigo à noite. Muito embora a problemática humana dos sem-abrigo seja mais importante do que ter uma praça à noite sem eles.” (Entrevista n.º 1)

Neste confronto diário (por vezes indirecto), encontram-se duas posturas com prioridades distintas: uma, que procura manter a “dignidade”, o prestígio da Praça e valorizar a sua imagem; e outra, que procura recuperar a “dignidade” destas pessoas e ajudá-las, mesmo que isso implique a sua permanência por mais algum tempo na rua. Claro que as duas atitudes se compadecem das prioridades alheias e, como o atesta a experiência dos participantes da FEANTSA (*European Federation of National Organisations working with the homeless*), não há um responsável único, nem uma solução única para este problema social.

¹⁵ Embora não consigamos precisar o número, o conhecimento empírico permite-nos fazer esta afirmação.

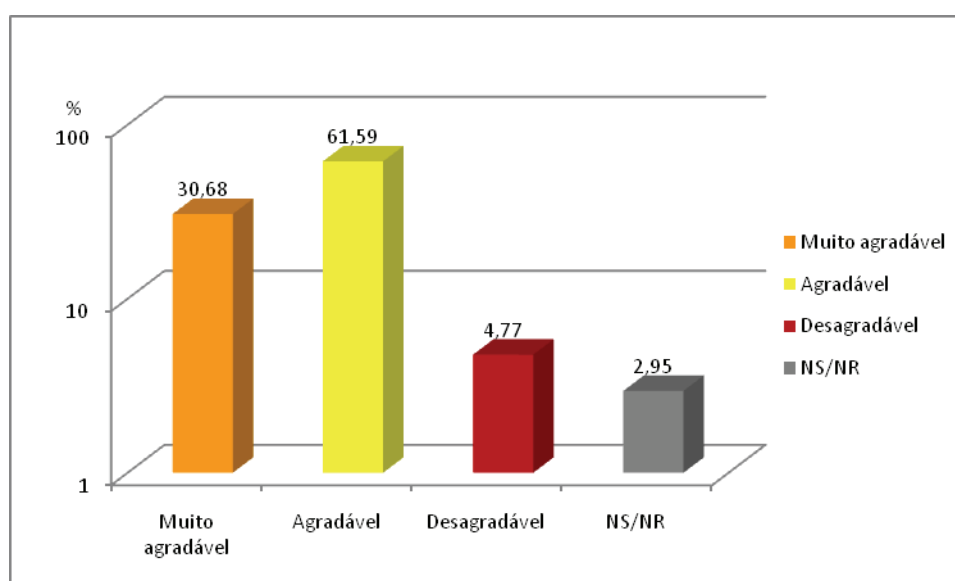
Actualmente, algumas organizações não governamentais, como os Médicos do Mundo, a CASA, a Comunidade Vida e Paz, prestam apoio a esta população *in loco*, através da entrega de uma refeição, roupa, prestando cuidados de saúde primários ou dando uma palavra amiga. A Câmara Municipal de Lisboa também acompanha a situação através do departamento de Acção Social, que dispõe de uma Equipa de Rua de Apoio aos Sem-Abrigo – ERASA. Estas instituições cooperam entre si, para a resolução desta problemática, no seio da Rede Social de Lisboa. Em meados de 2009, foi divulgado o Plano da Cidade de Lisboa para as Pessoas Sem-Abrigo, sendo de esperar que a situação desta população se altere de modo positivo.

Como é evidente, esta é uma questão social com origens e possibilidades de solução complexas. Qualquer intervenção neste espaço, como a ocupação das arcadas da Praça por outras actividades, poderá ter como consequência a deslocalização destas pessoas para outros locais, mas não fará o problema desaparecer.

5.8. Gostos e desgostos...

No cômputo geral, a Praça do Comércio é percebida de uma forma bastante positiva pela amostra, isto porque quase 31% dos inquiridos consideram este espaço muito agradável e cerca de 62% agradável. Todavia, como se verá a seguir, esta avaliação não está isenta de críticas sobre o estado actual da Praça, nem sobre as possíveis intervenções que aí se poderiam realizar.

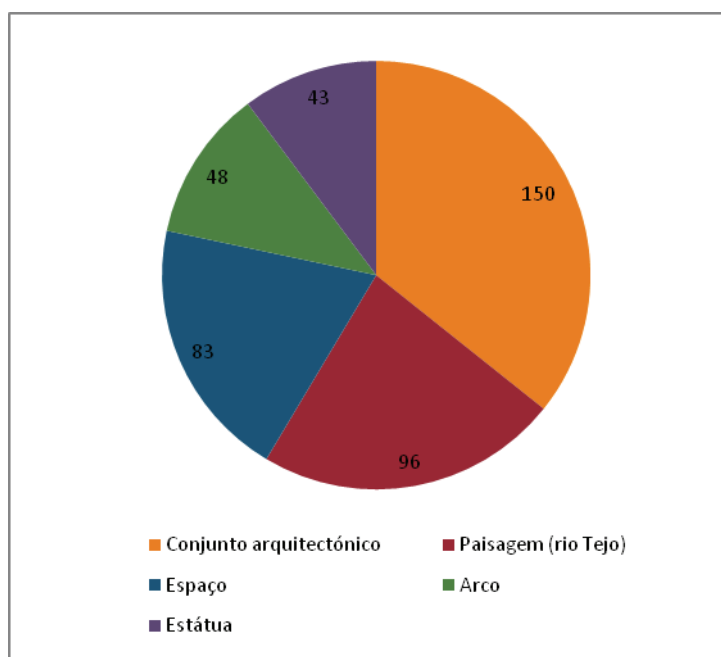
Gráfico 52. A Praça do Comércio é um local:



Fonte: Inquéritos realizados entre Março e Julho de 2008

No inquérito, realizou-se também um grupo de perguntas abertas, em que os inquiridos puderam expressar a sua opinião, sem o condicionalismo de uma resposta fechada. Quando interpelados sobre o que gostam mais na Praça, destacam-se como respostas mais referidas o “conjunto arquitectónico” e a “paisagem” (sobretudo a vista para o rio Tejo), seguida do “espaço”. Ora, nenhum dos 83 inquiridos definiu o que significava para si o conceito de “espaço”, mas não será exagerado afirmar que se trata de uma alusão ao todo, ou seja, ao que resulta do cruzamento de todas as componentes (materiais, como os edifícios e a estátua; ou imateriais como a luz e a história) presentes neste lugar, incluindo a amplitude geográfica do local. Mas, na verdade, somente 8 pessoas referiram expressamente gostar de tudo na Praça. Também o arco da rua Augusta e a estátua equestre de D. José rivalizam nas preferências dos utentes. As actividades culturais (nomeadamente as exposições), as arcadas, e a história do local, embora menos aludidos (entre 10 a 20), também são nomeados.

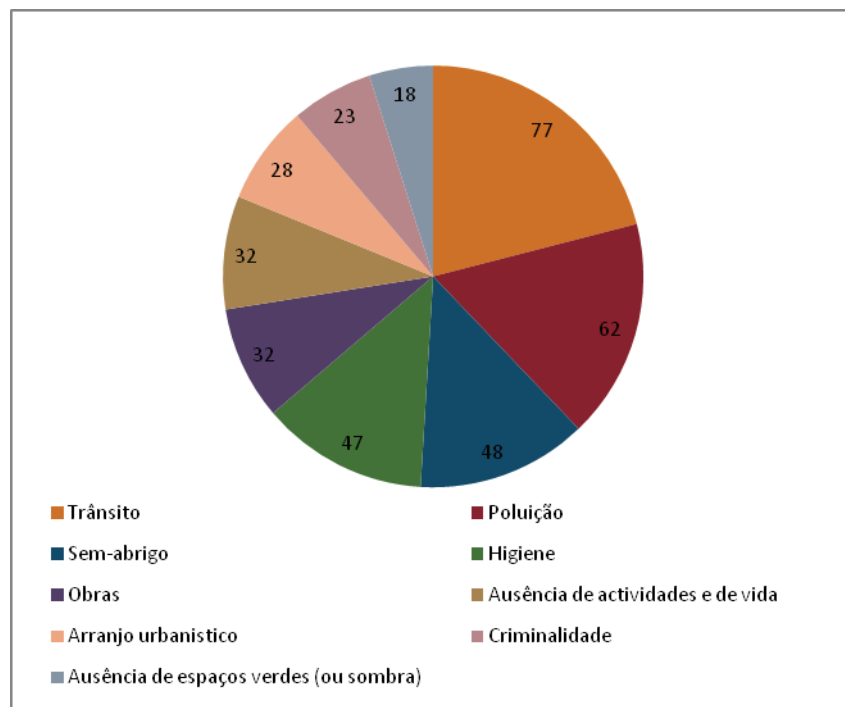
Gráfico 53. O que gosta mais na Praça?



Fonte: Inquéritos realizados entre Março e Julho de 2008

No campo oposto, as opiniões sobre o que menos gosta na Praça dispersam-se por várias áreas, sendo que a liderar se encontra o trânsito (intensidade do tráfego, estacionamento e acessibilidades). Associada a estes problemas surge, em segundo lugar, a poluição.

Gráfico 54. O que gosta menos na Praça?



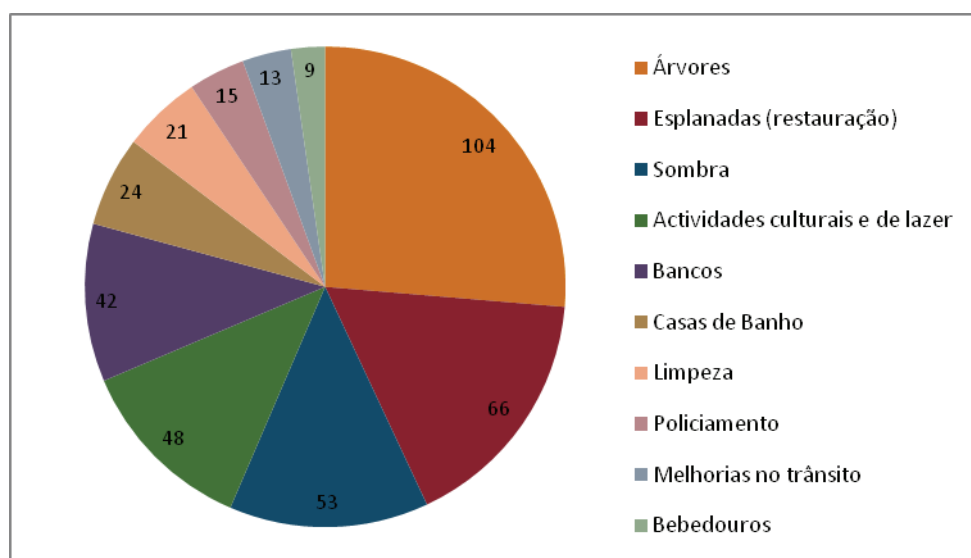
Fonte: Inquéritos realizados entre Março e Julho de 2008

Quase a par e passo aparece a referência aos sem-abrigo e à higiene, maioritariamente, como foi referido, pelos trabalhadores das instituições localizadas na Praça. A questão da higiene aparece frequentemente associada a este fenómeno de exclusão social.

Importa esclarecer que as respostas relativas ao arranjo urbanístico se referem a questões como a proliferação de postes sem uso, vários tipos de candeeiros, mobiliário urbano, distribuição dos bancos, publicidade esquecida, etc.

Talvez associada à preocupação com o trânsito e a poluição neste espaço, quando questionados sobre o que faz mais falta à Praça, os inquiridos referem as árvores (quase ¼ da amostra). Apesar desta afirmação poder ter sido induzida pela sua alusão numa outra pergunta do inquérito, na verdade, as árvores permitem diminuir os níveis de poluição atmosférica e sonora. Mas também têm outra função – a sombra, cuja ausência é bastante notada (53 respostas). Deste modo, muito embora a matéria vegetal seja referida com mais frequência, não é possível saber qual a função privilegiada, se estética, ecológica, ou funcional.

Gráfico 55. O que faz mais falta na Praça do Comércio?



Fonte: Inquéritos realizados entre Março e Julho de 2008

Em segundo lugar surgem a referência às esplanadas, que na verdade sintetizam algumas das lacunas sentidas: sombra, local para sentar, actividades (neste caso circunscrita à restauração). Estas, ao facilitarem a permanência na Praça, podem eventualmente atribuir-lhe mais vida, aspecto também enunciado como algo que falta à Praça. No entanto, este dinamismo expectável em relação às esplanadas nem sempre se verifica, quer pelas condições oferecidas, quer pelos custos para o utente, associados a esta actividade comercial. Ou seja, apesar de existir uma apetência da população para as esplanadas, a sua introdução pode não se traduzir no real acréscimo de utentes na Praça.

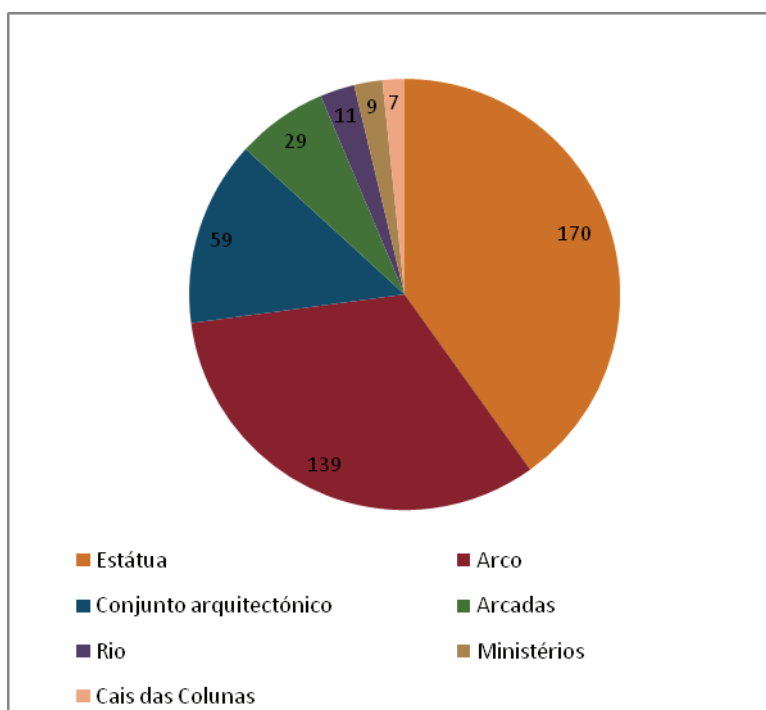
De algum modo associada a esta questão, os inquiridos referem, na 4ª posição, que fazem falta actividades de cultura e lazer, nomeadamente exposições (ao ar livre, ou nos locais disponíveis na Praça), um museu, ou até mesmo cinema ao ar livre. Na verdade, os utentes gostariam que este espaço privilegiado da capital disponibilizasse mais oferta cultural, que permitisse regressar com maior frequência. Alguns utentes mencionaram também que gostariam de ver animação de rua, na Praça (algo que já se verifica em algumas situações pontuais).

No elencar das queixas surgem, de seguida, os bancos. Tal como já foi referido, estes são insuficientes face à procura que se regista em alguns dias de semana (sobretudo ao Domingo), e são um elemento fundamental no estímulo à permanência.

Com um número de respostas significativas segue-se a referência à ausência de casas de banho públicas, limpeza, policiamento, maior controlo do trânsito, e bebedouros.

Em relação ao elemento mais marcante da Praça do Comércio verifica-se, apesar da diversidade de respostas, alguma homogeneidade nas preferências¹⁶. Assim sendo, a estátua equestre de D. José I, da autoria de Machado de Castro, destaca-se claramente como o elemento mais marcante da Praça do Comércio, seguindo-se o Arco da Rua Augusta, e o conjunto arquitectónico.

Gráfico 56. Quais são os elementos mais marcantes da Praça?



Fonte: Inquéritos realizados entre Março e Julho de 2008

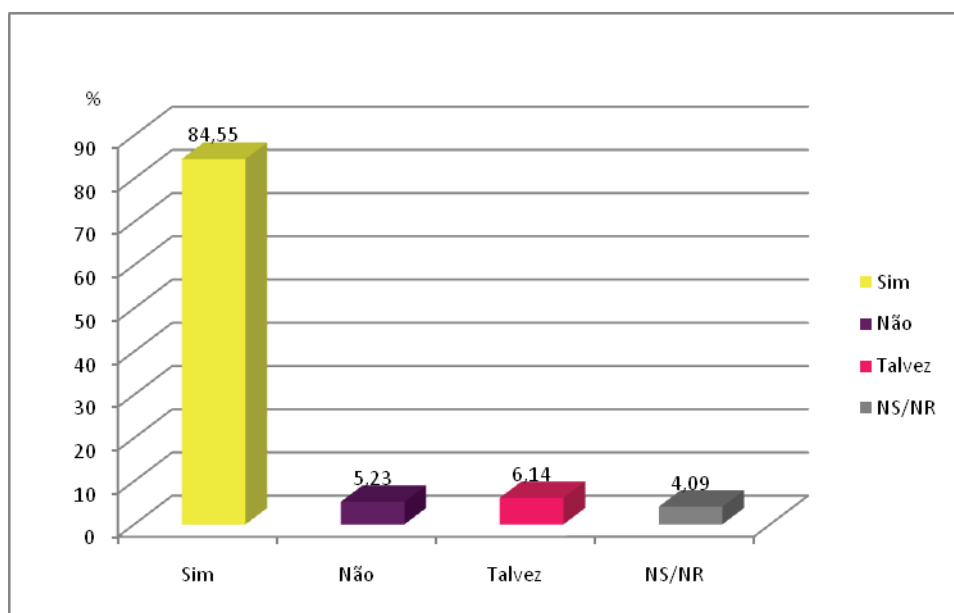
É de notar que, apesar de não integrar a área da Praça, o rio Tejo surge referido por algumas pessoas como elemento mais marcante, como se a composição da Praça ficasse incompleta sem aquele enquadramento paisagístico.

¹⁶ Os inquiridos tinham a possibilidade de escolher mais do que um elemento.

5.9. Ambições futuras

De facto, várias são as hipóteses de intervenção na Praça, que do ponto de vista funcional, ou paisagístico, lhe podem dar mais vida. Por exemplo, a possibilidade de visitar o arco da Rua Augusta, agrada a cerca de 85% dos inquiridos. Na verdade, já é possível fazê-lo, mas além da pouca divulgação, realiza-se em moldes ainda pouco adequados à sua completa fruição¹⁷.

Gráfico 57. Gostaria que o arco da rua Augusta fosse visitável?



Fonte: Inquéritos realizados entre Março e Julho de 2008

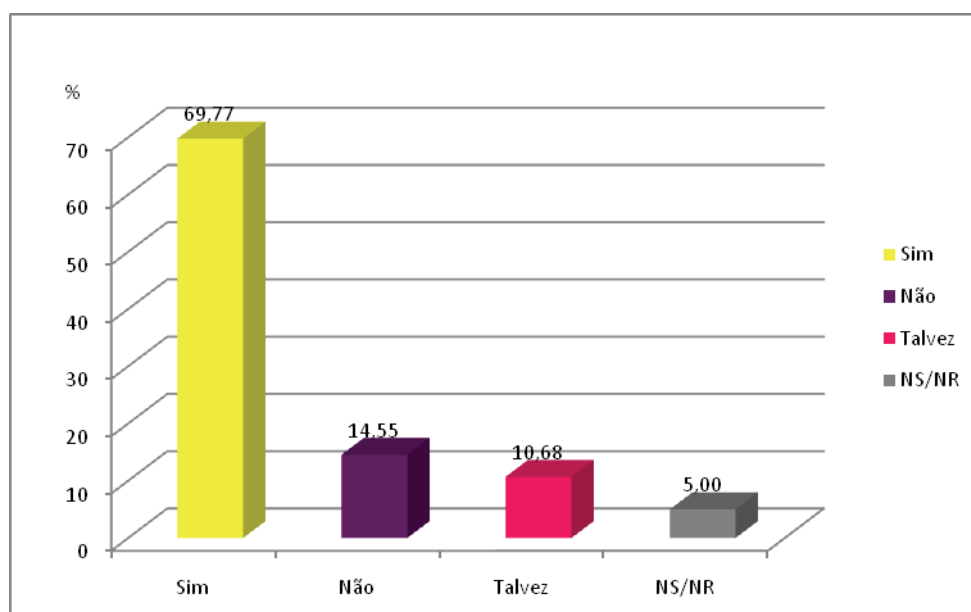
¹⁷ A visita ao arco tem de ser agendada previamente com os serviços do IGESPAR.

Fig. 44 – Sinalética do Arco da Rua Augusta, 25.06.2008



Uma questão que tem sido discutida, nos últimos anos, como o atesta o orçamento participativo, para 2009, da Câmara de Lisboa, e que também já fez parte da imagem passada da Praça, é a colocação de árvores. Como é possível constatar em registos fotográficos de época, no final do século XIX e início do século XX havia árvores neste local. Cerca de 70% da amostra gostaria que a Praça voltasse a ter árvores. Esta vontade associa-se quer ao desejo de sombras, quer à introdução de um espaço verde que “quebre” a aridez da Praça. Foi interessante verificar que esta foi uma questão na qual os inquiridos não mostraram grande hesitação. Contudo, apesar de a reintrodução não ser uma inovação neste espaço urbano, não existe memória (directa ou indirecta) da Praça com árvores, mesmo entre os inquiridos mais idosos.

Gráfico 58. Gostaria que a Praça tivesse árvores?



Fonte: Inquéritos realizados entre Março e Julho de 2008

Uma das questões mais sensíveis para os cidadãos é a mobilidade nesta parte da cidade, devido às suas consequências no dia-a-dia. Assim sendo, questionaram-se os inquiridos sobre como se deveria processar a circulação do trânsito rodoviário.

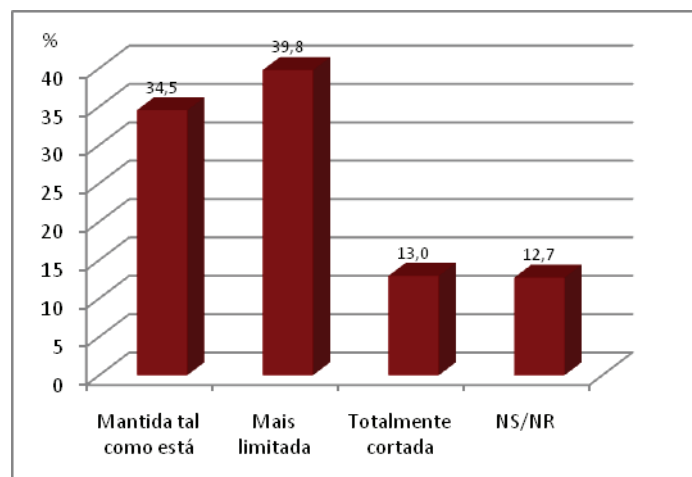
Fig. 45 – Opinião sobre a circulação do trânsito automóvel segundo o local de trabalho e o principal meio de deslocação diária

Como se desloca?	A circulação do trânsito rodoviário deveria ser:				Total
	Mantida	Limitada	Cortada	NS/NR	
Trabalhadores na Praça					
A pé	45	52	22	14	133
De carro	5	7	1	3	16
De transportes públicos	44	42	8	18	112
<i>Total</i>	94	101	31	35	261
Não trabalhadores na Praça					
A pé	12	21	9	4	46
De carro	5	5	4	0	14
De transportes públicos	31	39	9	6	85
<i>Total</i>	48	65	22	10	145

Os resultados obtidos indicam que para quase 40% esta deveria ser mais limitada, mas para 34,5% a circulação deveria decorrer nos mesmos moldes, ou seja, com a livre circulação de transportes públicos e viaturas privadas, sem qualquer tipo de condicionamento (à excepção

do corte de trânsito ao Domingo). Somente 13% afirmam preferir que a circulação do trânsito rodoviário fosse totalmente cortada. É assinalável a diferença entre quem trabalha da Praça, que tem uma relação mais funcional com o espaço, onde o número de pessoas que pensa que a circulação deve ser mantida é quase igual aqueles que pensam que se deve limitar e aqueles que não trabalham nela, estando ali por vários motivos, entre ele o lazer, onde a percentagem de pessoas que pensa que a circulação deveria ser limitada, ou mesmo cortada, é maior.

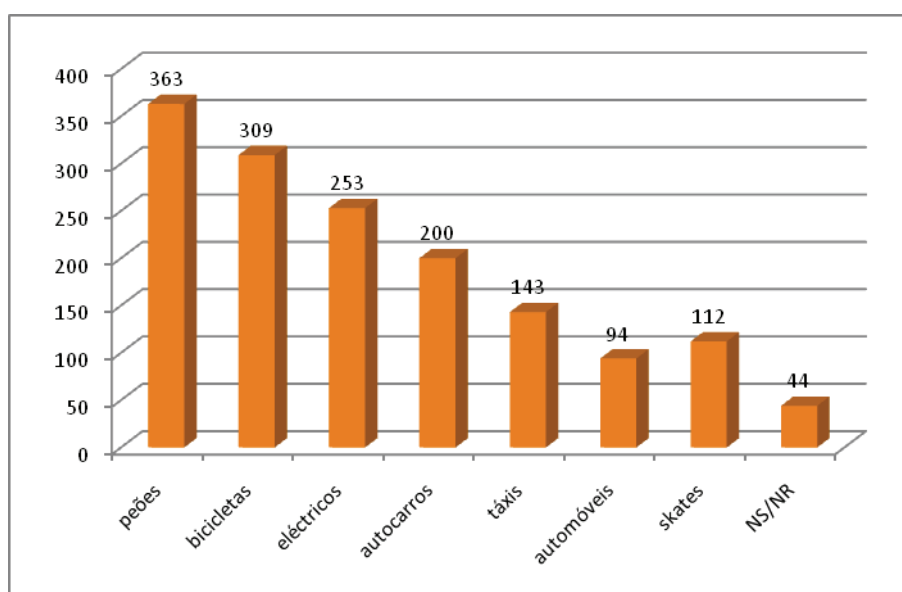
Gráfico 59. A circulação do trânsito rodoviário deveria ser:



Fonte: Inquéritos realizados entre Março e Julho de 2008

Quando questionados sobre quais os meios de transporte que deveriam circular na Praça (gráfico 60), os inquiridos favorecem (para além da circulação de peões) as bicicletas e os transportes públicos (eléctrico e autocarro).

Gráfico 60. A Praça deveria permitir a circulação de:



Fonte: Inquéritos realizados entre Março e Julho de 2008

6. Perfil dos utentes da Praça do Comércio

Como foi demonstrado no capítulo anterior, aqueles que diariamente circulam e permanecem na Praça do Comércio constituem um leque bastante alargado de indivíduos. Mas, na realidade, é-nos possível sistematizar constantes nas representações identificadas, que apontam para elementos comuns a todos os utentes da Praça, assim como para a existência de grupos que se evidenciam e que vivem e representam o espaço de forma análoga.

Desta forma, a associação da Praça com valores de ordem histórica e com a sua importância enquanto conjunto arquitectónico é comum a todos os utentes. Podemos também referir que, apesar da significativa presença de cidadãos de outros países e da inegável importância turística da Praça, esta é frequentada sobretudo por portugueses, mesmo em épocas de maior afluxo de turistas, muitos deles em idade activa e, maioritariamente, com níveis de escolaridade médios ou superiores. Em termos de concelho de residência, prevalece a cidade de Lisboa, seguida da margem Norte da Área Metropolitana.

Dentro deste perfil genérico, existem alguns perfis diferenciados: 1) Trabalhadores na Praça e na Baixa; 2) Turistas (portugueses ou estrangeiros); 3) Passeantes. No quadro seguinte, sistematizamos um pouco as características destes perfis. Importa referir que esta sistematização é essencialmente útil por nos permitir encontrar semelhanças mas, necessariamente, redutora no sentido em que dilui alguma da complexidade da amostra inquirida.

Fig. 46 – Síntese dos perfis dos utentes da Praça do Comércio

	Trabalhadores	Turistas	Passeantes
<i>Grupo etário predominante</i>	Idade activa	Idade activa	Jovens ou idosos
<i>Profissão</i>	Quadros médios e superiores	Estudantes e quadros superiores	Reformados e estudantes
<i>Modo de deslocação predominante</i>	Transportes colectivos e transporte individual	Transportes colectivos	Transportes colectivos
<i>Motivo de ida à Praça predominante</i>	Trabalho, utilização de restaurante e serviços e apanhar transportes	Passeio	Passeio, como ponto de encontro, visitar exposições, estar na Praça, compras na Baixa
<i>Período da semana e do dia em que se deslocam à Praça</i>	Dias úteis, de manhã e tarde	Qualquer dia, de tarde (de manhã para o sightseeing)	Tarde
<i>Tempo de permanência</i>	Curto (excluindo o período de trabalho)	Médio	Longo
<i>Segurança</i>	Segura	Segura	Alguma insegurança

III

Discussão

7. Análise: percepção do espaço, presente e futuro

Após a apresentação dos dados recolhidos e da definição do perfil daqueles que utilizam a Praça do Comércio, estamos agora em posição de poder sistematizar os aspectos que consideramos fundamentais para compreender mais aprofundadamente aquilo que caracteriza a Praça do Comércio hoje, assim como levantar algumas questões que poderão ser de utilidade para a formulação de algumas conclusões e recomendações. Identificaremos também alguns aspectos, que designámos por mitos, e que são constituídos por um conjunto de afirmações que surgiram, de forma recorrente, durante a realização da pesquisa. Quando se aborda a temática da vivência da Praça do Comércio, é frequente a associação a algumas ideias, ou imagens, que caracterizam este espaço, de forma mais ou menos estereotipada. São os “lugares comuns sobre a Praça”, que surgem quando realizamos as entrevistas e quando, genericamente, falamos com alguém sobre o objecto do nosso trabalho, concepções a que aqui chamaremos os mitos sobre a Praça do Comércio. Pretendemos, com o nosso trabalho, abordar alguns desses mitos, averiguar se, através do tratamento dos inquéritos realizados de forma sistemática, confirmávamos ou não algumas destas ideias, que apresentaremos em seguida.

7.1. Mitos e realidades na percepção da Praça do Comércio

“A Praça do Comércio é um espaço vazio e inóspito”

A Praça é referida, amiúde, como sendo muito vazia e inóspita, sendo desconfortável, quer de Verão, devido ao calor, quer de Inverno, devido ao vento. Cremos que para esta percepção contribuem a dimensão da Praça e o facto de ser aberta ao rio, a Sul, o que reforça a amplitude visual.

De facto, nos inquéritos realizados, em resposta à pergunta aberta “O que gosta menos na Praça?”, surgiram dois grupos de opiniões relacionadas com este tipo de percepção: “Ausência de actividades, de vida” e “Ausência de espaços verdes ou sombra” (por contraponto, em resposta à questão “O que faz mais falta na Praça?”, aquilo que mais é referido, como vimos, são os espaços verdes, restauração, sobretudo esplanadas e actividades de cultura e lazer, por esta ordem).

Até à data, existe, por parte da Câmara Municipal de Lisboa, uma intenção deliberada de não ocupar a zona central da Praça em permanência. Na realidade, embora se realizem inúmeras

actividades naquele espaço¹⁸, todas as estruturas de apoio (palcos, estrados, etc.) são obrigatoriamente temporárias e de curta duração.

Assistimos, portanto, a uma percepção de um espaço amplo, não ocupado, o que a maior parte das pessoas considera uma característica negativa, associando-a, muitas vezes, à ausência de actividades que proporcionem permanência, tais como actividades culturais ou esplanadas. Nas entrevistas, surge, amiúde, a comparação com outras vivências de praça, nomeadamente em Espanha ou em Itália.

Não obstante, há que referir que 83 pessoas referiram que aquilo de que mais gostavam na Praça era, precisamente, o facto de ser ampla e espaçosa e que 96 referiram gostar da paisagem, associada ao Rio Tejo. Esta contradição é, em nossa opinião, apenas aparente, uma vez que a contemplação do rio e o facto de se gostar das dimensões da Praça (que excedem todas as outras do país) não é incompatível com o facto de se considerar que há um vazio que, de alguma forma, funciona como uma barreira, constituindo, pela sua extensão, uma área que é difícil de transpor a pé.

Desta forma, podemos concluir que, de facto, a Praça do Comércio se apresenta como vazia e inóspita, mas que isso não significa que as pessoas não valorizem e apreciem o espaço, apenas que manifestaram o desejo de que fossem criadas condições para o ver ocupado de forma mais permanente.

“A Praça do Comércio é um local de passagem”

Sempre que referíamos o local do nosso estudo, esta era uma ideia presente. Aquilo que observámos permite-nos dizer que, de facto, uma grande parte das pessoas que circulam na Praça do Comércio, o faz por necessidade de atravessamento da mesma para as suas deslocações diárias casa/emprego. Cremos que a esta concepção se associam as imagens da multidão que atravessa as passadeiras de peões e que provém ou se dirige para o terminal fluvial (hoje, esta mancha humana vai sendo menos expressiva, dado que existe uma entrada de metro junto ao terminal, para a qual muitos passageiros se dirigem). Estas imagens são corroboradas pelo facto de (em especial na Av. da Ribeira das Naus) a Praça ser também atravessada por carros, com fluxos significativos.

Os dados dos inquéritos confirmaram que para grande parte daqueles que não trabalham na Praça, esta era um local de passagem e não de destino.

¹⁸ A gestão da Praça do Comércio está muito dependente da presidência da Câmara Municipal de Lisboa, em termos de autorizações para iniciativas.

Portanto, podemos confirmar a importância deste espaço como espaço de atravessamento. Embora essa ideia surja quase sempre associada a uma valoração negativa que, a nosso ver, não tem necessariamente de o ser.

“Não há nada para fazer na Praça do Comércio”

Quando procurámos saber o que leva as pessoas a deslocarem-se à Praça do Comércio, obtivemos as razões apresentadas (para trabalhar, a caminho do trabalho ou de casa, para passear). Tendo os inquéritos sido realizados às pessoas que passam e permanecem na Praça, estas não podem, evidentemente, responder a uma outra questão: porque é que os outros cidadãos não vão à Praça do Comércio?

Essa foi uma questão colocada nas entrevistas, nomeadamente aos presidentes das Juntas de Freguesia de São Nicolau e Madalena, as duas que abrangem a Praça. Na realidade, parece não haver o hábito quotidiano de quem vive perto ir à Praça do Comércio, embora algumas actividades pontuais (organizadas, inclusive, com as juntas de freguesia) sejam pretexto para deslocação à Praça. Como observámos anteriormente, existem alguns serviços que levam as pessoas à Praça (correios, banco, posto de saúde, áreas de exposições) e o restaurante Martinho da Arcada tem uma ocupação regular e intensiva, mas os utilizadores destes espaços são sobretudo pessoas que trabalham na área ou turistas. O facto de estas actividades se encontrarem nas arcadas ou no interior dos edifícios torna-as, de certa forma, pouco visíveis por quem observa a Praça no seu conjunto, centrando-se na placa central, o que pode acentuar a percepção de que a Praça é um espaço onde “não há nada para fazer”.

Esta questão está relacionada com aquilo que referimos sobre o vazio da Praça. Parece, de facto, haver uma vontade de que este espaço seja utilizado com mais regularidade para a realização de actividades culturais. A observação realizada em alguns Domingos, enquanto decorria a animação promovida pela câmara municipal, permite-nos afirmar que, pelo menos durante o fim-de-semana, a existência de actividades diversas é suficientemente apelativa para levar à Praça um número significativo de pessoas.

“A Praça do Comércio deve ser cortada ao trânsito”

Esta é uma questão recorrente, quando se discute o futuro da Praça. As respostas aos inquéritos mostraram que a Praça é percebida como uma área ampla, mas com muito ruído, com uma barreira constituída pelo tráfego da Av. Ribeira das Naus (que dificulta o acesso ao rio), com alguns problemas de atravessamento pedonal (em especial na ala ocidental). Embora o tráfego e a poluição façam parte dos problemas levantados, a maior parte dos inquiridos considera que o trânsito automóvel deveria ser limitado, mas não cortado

totalmente e considera que a existência de transportes colectivos na Praça é fundamental (lembramos que os terminais de autocarro e eléctrico existentes são muito utilizados).

“O poder deve sair da Praça do Comércio”

A manutenção ou não na Praça do Comércio das várias instituições nela sediadas é uma questão que tem surgido com alguma frequência nos últimos anos. Com o argumento de que é necessário revitalizar a Praça foi várias vezes sugerido retirar dela os Ministérios e substituí-los por outros usos, nomeadamente por unidades hoteleiras, restaurantes e esplanadas. A proposta mais recente que se conhece propõe um hotel e a reutilização da zona das arcadas.

Na Praça do Comércio, podemos observar dois níveis de significação, o da Praça em si, vista como símbolo do poder de Estado, ponto fulcral da história da cidade, e os símbolos no interior da Praça, onde se destacam o arco e a estátua.

Na realidade, falamos de um território cujo plano de construção já remetia para uma significação histórica, para o reforço de uma afirmação através da construção deliberada de símbolos de poder, que se pretendia intemporal, numa clara fusão entre a construção do real e da sua representação, construindo um espaço que, desde a sua origem, é um espaço de negociação (Silvano, 1997: 34). Aliás, o nome da Praça constitui uma referência simbólica, sendo, ele próprio, considerado um conceito equivalente ao poder central. É importante referir que foi na Praça do Comércio que terminaram muitas das mais importantes manifestações políticas, desde 1974¹⁹.

Os dados por nós recolhidos apontam para a persistência de uma associação da Praça ao poder central. 24% dos inquiridos consideraram que a Praça é importante pelo facto de os ministérios ali se localizarem. Confrontadas com a hipótese de deslocalização, todas as instituições presentes na Praça têm demonstrado vontade de nela permanecer, por razões de centralidade e acessibilidade, e também pela importância de localização naquele que é considerado um espaço com grande valor histórico, arquitectónico e de memória.

Estes dados foram corroborados pelas entrevistas. Surgiram frequentemente referências a momentos marcantes da história do país: 25 de Abril de 1974, regicídio ou implantação da República. A Câmara Municipal de Lisboa organizou, em Janeiro de 2009, uma exposição de fotografias da Praça, recorrendo ao espólio do Arquivo Fotográfico Municipal. A escolha de imagens incidiu muitas vezes sobre fotografias que mostram como a Praça do Comércio é

¹⁹ Como exemplo, referimos a manifestação das forças policiais, (em 1997) e dos professores (2008).

palco de acontecimentos de elevado valor simbólico, muitos deles demonstrativos de tributos ou associações entre o poder e a história da nação (como, por exemplo, o cortejo de comemoração do centenário do nascimento de Alexandre Herculano).

Desta forma, concluímos que a associação entre a Praça e o poder se mantém desde a sua origem e que aqueles que vivem a Praça se identificam com essa associação, não demonstrando vontade de a perturbar com grandes alterações de uso.

7.2. Espaço de trabalho ou de lazer?

“Quando dizemos que, ao contrário da residência, o local de trabalho ou de ócio pertencem ao domínio das representações, significa que esses espaços contribuem menos para a identificação do indivíduo, não desempenham já aquele papel tranquilizador e seguro inerente à territorialidade próxima. Com efeito, trata-se de espaços onde as pessoas têm de se afirmar, de competir com os outros, de mostrar uma imagem mais ou menos verdadeira, e de representar um papel. Ao contrário também do que sucede com as áreas habitacionais, as zonas de emprego não têm uma conotação social hierárquica que replique a estrutura de classes. Numa mesma área, de indústria ou de comércio, encontram-se vários tipos de profissões e um amplo leque de salários.” (Salgueiro, 1991: 27)

É inquestionável que a Praça do Comércio é um espaço de trabalho. Muito distanciada de qualquer lógica de representações familiares de territorialidade próxima, que podemos identificar noutras zonas da Baixa Pombalina, é sobretudo um espaço formal, de representação do poder de Estado e militar, materializado na presença de ministérios, altas instâncias judiciais e militares, que é, inclusive, visível ao nível das arcadas, dado que há seguranças e membros do exército e da marinha, fardados. Na realidade, embora as actividades de trabalho tenham lugar nos edifícios e não na Praça propriamente dita, há uma extensão desta representação ao espaço da Praça, reforçada pelo facto de esta ser também espaço de circulação de e para o trabalho de milhares de pessoas.

Não obstante, o lazer parece ter estado, de alguma forma, muitas vezes presente neste espaço, que – não sendo o principal espaço de passeio da cidade – tem cumprido também este papel (Faria, 2008). Recentemente, com a crescente reconversão e valorização de espaços ribeirinhos, antes vedados à população, acentuou-se, em Lisboa, uma dinâmica de lazer ribeirinho, que existia antes sobretudo na zona de Belém. Neste contexto, e também porque se tem vindo a discutir a necessidade de novas dinâmicas para a Baixa Pombalina, a Praça do Comércio tem vindo a ser referida (e utilizada) cada vez mais como um espaço de dinamização

de algumas actividades de lazer, sobretudo ao fim-de-semana. Contudo, até aos dias de hoje, mais do que um espaço de lazer, a Praça é um espaço de contemplação (do rio e da própria Praça, com destaque para o Arco e para a estátua), onde se vão desenvolvendo algumas actividades, mais ou menos espontâneas, com tempos de permanência variáveis.

7.3. Práticas do quotidiano e momentos de excepção.

As representações espaciais fornecem aos membros de uma comunidade um saber que lhes permite orientarem-se na vida social (Lévi-Strauss), são a base de um conjunto de memórias e de práticas que se produzem e reproduzem num determinado substrato territorial, construindo e renovando a memória social colectiva (termo que surgiu na década de vinte do século XX, com os trabalhos de Maurice Halbwachs). Estas práticas são as do quotidiano, mas também as dos momentos de ritual, cíclicos ou pontuais (Connerton, 1999). A Praça do Comércio é associada a alguns grandes eventos, como as passagens do ano organizadas pela Câmara Municipal de Lisboa, mas – sobretudo – a actos políticos organizados e ritualizados, como manifestações. Há ainda que referir as memórias associadas a acontecimentos importantes, sobretudo ao nível político e social (no caso da Praça do Comércio, podemos falar do Regicídio ou do 25 de Abril de 1974). É, pois, um espaço de poder, mas também de confronto com esse mesmo poder, e também de contemplação histórica e de promoção turística²⁰.

Há, assim, alguns momentos excepcionais em que a Praça do Comércio surge como um espaço de grande importância simbólica. Talvez por isso, quando questionados sobre actividades que possam ter lugar na Praça, exista alguma preferência por parte dos actores locais por actividades que nos foram várias vezes referidas como “actividades com dignidade”, associadas sobretudo a tipos diversos de práticas e manifestações culturais (por oposição a outro tipo de actividades, “mais populares”, que teriam cabimento noutros locais, mas não aqui).

De certa forma, a abordagem da Câmara Municipal de Lisboa, nos últimos anos, tem sido a de fazer prevalecer uma apropriação mais formal do espaço, fazendo depender da presidência a gestão do espaço e sancionando actividades consideradas menos dignas dele. É, diga-se, um espaço bastante cobiçado para a realização das mais diversas iniciativas. É de realçar, contudo, que se observam, em simultâneo vários tipos de apropriação informal do espaço da Praça,

²⁰ A ViniPortugal possui agora a sua “Sala Ogival”, a sala de provas, na Praça do Comércio, considerando este espaço o de maior dignidade da cidade para tal.

como aquelas que observámos de jovens oriundos de vários concelhos que se juntam para dançar ou de sessões improvisadas de fotografia.

Ao nível das representações espaciais, a Praça parece, assim, ser bastante mais importante como espaço / palco de eventos excepcionais, do ponto de vista histórico ou da sua qualidade artística do que como espaço de práticas quotidianas. Foi interessante verificar que algumas das sugestões mais ousadas, em termos de aproveitamento futuro do espaço da Praça, nos inquéritos, tenham sido proferidas por turistas de outros países, que não possuem a mesma ligação afectiva ao espaço que os portugueses²¹.

7.4. Circulação e permanência

O facto de a Praça do Comércio ser um espaço de circulação mais do que de permanência, tal como demonstrámos, é indissociável da valoração que os indivíduos fazem dela. Assim, observamos que existe uma imagem globalmente positiva da Praça, quer em termos de dimensão, quer de valor histórico e simbólico, que coexiste com a mobilidade que a caracteriza. Regista-se alguma apetência para criação de condições (sobretudo no que diz respeito ao acesso ao rio) e de actividades que prolonguem essa permanência. Contudo, a atractividade da Praça, mesmo sem essas actividades, não parece estar comprometida.

Muitas destas políticas de transformação do espaço público, nas últimas décadas, assentam no pressuposto de que, em termos valorativos, quanto maior for a apetência de permanência de um espaço público, mais positiva é a imagem que os cidadãos dele possuem. Marc Augé (Augé, 1994) distinguiu espaço e lugar, identificando os não-lugares como espaços característicos da sobremodernidade, espaços sem história, sem relação e sem identidade. Neste conceito, a mobilidade é fundamental, e os exemplos apresentados referem auto-estradas e aeroportos. Com a inclusão do espaço urbano tradicional na lógica supra-local do mundo global de hoje, parece haver, hoje, um receio de que os espaços públicos se transformem em não-lugares, se não estiverem permanentemente ocupados por cidadãos que têm a “obrigação” de os viver, de lhes reconhecer identidade e funcionalidade numa lógica urbana relacional.

Há, pois, na necessidade de fixar população nos espaços públicos uma concepção que transcende a resolução de problemas concretos, relacionados, por exemplo, com a recuperação de zonas históricas, assente numa imagem da cidade mediterrânica como um espaço fervilhante de actividade no espaço público, que se procura, a todo o custo, manter -

²¹ A título de exemplo, uma das inquiridas sugeriu que a placa central deveria ser uma vasta zona verde, com linhas suaves e onduladas, para quebrar a visão geométrica da Praça.

ou mesmo recriar – mas associada a uma função que é culturalmente mais recente, a do recreio ao ar livre como forma de lazer generalizado de toda a população urbana.

7.5. A Praça como património – um valor inalienável e suporte de um discurso de continuidade histórica

Como afirmou Connerton, as experiências e memórias dos indivíduos são indissociáveis, e aquilo que fazemos no presente é condicionado pela nossa memória pessoal e social, sendo que as imagens do passado são legitimadoras da ordem social presente (Connerton, 1999). Ao observar as referências constantes ao facto de a Praça estar sempre em obras, ao longo período de tempo em que o Cais das Colunas esteve desmontado, os inquiridos reforçavam o valor de memória que aquele espaço possui, assim como um desejo concreto de reposição de uma ordem social e espacial.

Fig. 47 – As obras na Praça do Comércio, 26.05.2008



Há, neste caso, uma associação da territorialidade ao património como elemento fundamental da memória. Mas o património de referência não é o da Praça em si, mas antes algo mais difuso, que remete para uma associação ao passado histórico, à reconstrução da Baixa e ao próprio conjunto monumental (o que reflecte alguma circularidade de discurso – a importância da praça monumental é justificada por essa mesma monumentalidade).

Contudo, não há grande memória histórica do passado recente da Praça (por exemplo, ninguém recordava ou tinha ouvido falar da época em que a Praça tinha árvores), com excepção de algumas referências ao regicídio e ao facto de ter sido parque de estacionamento.

Estamos pois no domínio da imaterialidade, do simbólico, do espaço de representação. Tudo o que houve parece ter sido fugaz, sem perenidade na memória (inclusive as actividades, que parecem não ter marcado muito a memória dos inquiridos e entrevistados, com excepção talvez da montagem de uma árvore de Natal gigante e de algumas exposições). Fica por responder a razão deste esquecimento: será que o facto de as actividades nunca serem permanentes tem influência? Será que a monumentalidade da Praça constitui uma imagem e uma permanência tão forte que abafa tudo o resto?

7.6. A imagem mental da Praça do Comércio

“Uma vez que o ritual é o elemento permanente que conserva o mito, também o monumento o é quando, no preciso momento em que testemunha o mito, torna possíveis as suas formas rituais.” (Rossi, 1984: 16/17)

“Um lugar não é só o seu presente, mas também um labirinto de tempos e épocas diferentes que se entrelaçam numa paisagem e a constituem; do mesmo modo que as pregas, as rugas, as expressões escavadas pela felicidade ou pela melancolia, não só marcam um rosto mas são o rosto dessa pessoa, que nunca tem só a idade ou o estado de ânimo daquele momento, mas o conjunto de todas as idades e de todos os estados de ânimo da sua vida.” (Magris, 2008: 19)

No âmbito da investigação efectuada pelo CEA/UAL, propôs-se aos alunos do 3º ano de História da Arquitectura do Departamento de Arquitectura o desenvolvimento de trabalhos que abrangessem e equacionassem diferentes metodologias para a abordagem da Praça do Comércio. Hoje a história urbana e arquitectónica não é apenas entendida como um conhecimento literário erudito, mas como estudo e investigação sobre uma realidade concreta, objectos, edifícios, pessoas vivas e mesmo fantasmas que por nós passeiam quotidianamente.

É sempre um pouco mais difícil sair dos esquemas académicos usuais. Porque também aos alunos se está a pedir que se esforcem um pouco mais, que aprendam um pouco mais, leiam um pouco mais, saiam para a rua e falem com as pessoas um pouco mais... afinal que estudem uma cidade viva, não um deserto imaginário. E quer queiram ou não os profetas da desgraça, o espaço da Praça do Comércio existe e persiste, e encanta quem a vê com olhos de descoberta, ou desencanta quem já se cansou de tanto abandono.

“Assim George Perec: ‘Quando, num determinado quarto se muda o lugar²² da cama, pode-se dizer que se muda de quarto, ou o quê?’ Mudar o lugar da cama, é mudar o quarto? E ainda, o que é um quarto? Mudar o lugar de um quarto, é mudar a casa ou mudar de casa, e o que é uma casa? Mudar o lugar de uma praça, é mudar na cidade ou mudar de cidade? E ainda, o que é uma cidade? Lugar duma coisa, lugares de coisas num conjunto que as contém, lugar dum conjunto, lugares desses conjuntos; relações entre as coisas, entre os lugares das coisas, entre os conjuntos que as contém; lugares das pessoas, relações das pessoas com as coisas, com o lugar das coisas, entre elas, entre os seus lugares, com os conjuntos que as contém; representações desses lugares, desses conjuntos e das suas relações, etc. E tudo isso que pode mudar e que muda.” (P.-Lévy: Segaud, 1983: 19)

Dando continuidade ao problema posto por Perec em *Espèces d’espaces*, tentemos conhecer o que caracteriza as praças e as cidades. Fazer pensar... fazer olhar... fazer perguntas às pessoas... contribuir para a urgente tarefa de imaginar a Praça do Comércio nos dias de hoje.

Pretendeu-se dar aos estudantes de arquitectura uma outra visão sobre o que é a história e a cidade, levando-os ao encontro de outros olhares e figuras que habitam este espaço. Quem são afinal as pessoas que povoam a Baixa da cidade, em especial a Praça do Comércio, facto urbano maior da Reconstrução Pombalina, que criou no centro de Lisboa uma arquitectura ordenada e regular? Que uns amam e outros detestam. Que uns gostariam de ver esquecida, e que de facto a esquecem e a trocam por outras praças e outros ambientes mais higienizados e homogeneizados – fechados, controlados, asseptizados, sem calor nem frio...

Como abordar, como estudar um espaço histórico tão emblemático? E como caracterizá-lo e entendê-lo nos dias de hoje, neste vai e vem dos movimentos pendulares dos habitantes da cidade?

Vejamos o que nos sugerem alguns teóricos que têm aprofundado as questões urbanas. Aldo Rossi, em *A arquitectura da cidade*, destaca dois aspectos fundamentais: a realidade concreta da cidade, enquanto objecto físico, e o papel fundamental dos seus monumentos, enquanto pólos organizativos de uma estrutura policêntrica. Ou seja:

“Por arquitectura da cidade podem entender-se dois aspectos diferentes; no primeiro caso é possível assimilar a cidade a um grande manufacto, uma obra de engenharia e de arquitectura, mais ou menos grande, mais ou menos complexa, que cresce no tempo; no segundo caso podemos referir-nos a áreas mais limitadas dentro da cidade, a factos

²² Lugar, como tradução do francês “place”, que neste texto é usado também como praça; interrogando o conceito de sítio/lugar, passa-se da casa para a praça, e da praça para a cidade.

urbanos caracterizados por uma arquitectura própria e também por uma forma específica. Num e noutro caso damo-nos conta de que a arquitectura não representa senão um aspecto de uma realidade mais complexa, com uma estrutura particular, mas simultaneamente, sendo o último dado verificável desta realidade, ela constitui o ponto de vista mais concreto com que abordar o problema.” (Rossi, 1984: 23)

Mas também:

“A colectividade, enquanto conjunto, parece exprimir-se pelo contrário com características de permanência, nos monumentos urbanos. Os monumentos, símbolos da vontade colectiva expressos através dos princípios da arquitectura, parecem situar-se como elementos primários, pontos fixos da dinâmica urbana. (...) Sou levado a crer com efeito que os factos urbanos persistentes se identifiquem com os monumentos; e que os monumentos sejam persistentes na cidade e efectivamente persistam também fisicamente. Esta persistência e esta permanência são-lhe dadas pelo valor da sua constituição; pela história de arte, pelo ser e pela memória.” (Rossi, 1984: 13)

Que papel desempenha hoje a Praça do Comércio no contexto da baixa de Lisboa? O que se passa hoje nessa arquitectura pensada para ser o centro das actividades comerciais e governamentais no século XVIII? De novo Rossi:

“Consideremos agora os elementos primários no seu aspecto espacial, independentemente da sua função; identificam-se pela sua presença na cidade. Possuem um valor “em si” mas possuem também um valor posicional. Neste sentido um edifício histórico pode ser entendido como um facto urbano primário; ele desliga-se da sua função originária, ou apresenta ao longo do tempo funções diferentes, no sentido do uso a que está destinado, mas não modifica a sua qualidade de facto urbano gerador de uma forma da cidade.” (Rossi, 1984: 108)

Vemos assim como uma praça monumental manteve a sua importância de pólo e fulcro urbano, em directa conexão com a quadrícula do plano pombalino, e com a inter-relação e dependência do rio e da margem sul. Embora as suas vivências se tenham alterado ao longo dos séculos, as potencialidades da sua estrutura urbana mantêm-se.

“Estes elementos têm pois um papel efectivamente primário na dinâmica da cidade, através deles, e da ordem como estão dispostos, o facto urbano apresenta uma qualidade específica própria que lhe é dada principalmente pelo seu insistir num lugar, por desenvolver uma acção concreta, pela sua individualidade. A arquitectura é o momento último deste processo e é também o aspecto que é visível desta estrutura complexa. (...) Assim o facto urbano e a sua arquitectura, que são todo um, constituem uma obra de arte.” (Rossi, 1984: 108)

E cita Francesco Milizia, e os seus *Principi di Architettura Civile*, para concluir:

“Mas o mesmo é dizer bela cidade, quanto boa arquitectura, porque nesta última se concretiza a intencionalidade estética dos factos urbanos.” (Rossi, 1984: 108)

Depois de expostas estas questões aos alunos, foram por eles desenvolvidos estudos nos seguintes âmbitos: caracterização da arquitectura da Praça: morfologia, acessos e usos actuais; os fluxos na Praça; inquérito sobre as imagens mentais da Praça, enquanto “imagens públicas”, as representações do monumento para os habitantes da cidade.

Incluem-se no presente trabalho excertos de alguns trabalhos os aspectos que se mostraram mais inovadores e interessantes, e que se enquadram na área das imagens públicas. Como é lida a Praça do Comércio pelas pessoas? Qual é a “imagem mental” que lhe está correntemente associada? O método utilizado pelos alunos teve como base as propostas de Kevin Lynch em *A Imagem da Cidade*, devidamente adaptadas ao objecto de estudo. Foram feitas entrevistas seguindo um questionário previamente definido: pretendia-se saber o que as pessoas pensam sobre o seu meio, neste caso específico sobre a imagem pública de um sítio monumental da cidade. As pessoas foram inquiridas no local, e tinham sempre algum contacto com a Praça, por trabalharem na Baixa ou aí habitarem, ou por aí passarem em direcção/ou vindo da margem Sul. Houve também a preocupação de escolher pessoas de idades diferentes, e desenvolver o trabalho em diferentes dias e horas. Apenas se impôs uma reserva, não entrevistar pessoas ligadas à arquitectura ou história de arte, por se entender que se obteriam respostas muito elaboradas e especializadas, o que desvirtuaria a pesquisa que se pretendeu que incidisse sobre o cidadão comum. Para que os estudantes pudessem confrontar o seu conhecimento específico com a realidade vista por outros. Foi também pedido aos alunos que não comentassem ou influenciassem as respostas, embora o tom da entrevista se pudesse aproximar a uma conversa, e não tanto a um inquérito formal. Mais do que os aspectos estatísticos, o que se pretendeu foi testar um método, num duplo sentido. Em direcção às pessoas, o que perguntar e como? Como conseguir a disponibilidade amável de desconhecidos e interpretar as suas respostas? E como aprendizagem para os alunos, de que maneira os elementos assim obtidos nos ensinam a ver a Praça do Comércio e a Baixa com outra perspectiva. Como podemos analisar as visões transmitidas pelos esboços rapidamente feitos, no momento, pelos inquiridos? Como se orientam as pessoas na cidade, o que vêem, o que cheiram, o que sentem?

Mostram-se e comentam-se alguns dos exemplos gráficos, recolhidos num dos trabalhos elaborados, que se crê serem bastante sugestivos quanto à imagem mental que transmitem (fig. 45). Temos assim:

1 - Em geral desenha-se o rio, incluindo-o com fazendo parte da Praça - 3, 4, 5, 6, 7, 8, 11, 12; a Praça é mostrada aberta, só com três lados, mais raramente – 1, 11, 12.

2- A Praça tem uma forma quadrada, apresentando-se o Rossio com um contorno curvo (oval) (1, 3, 6, 11).

3 - Há uma percepção de que as duas praças, o Rossio e a Praça do Comércio, são equivalentes em termos de dimensões, sobretudo nos desenhos mais abstractos e esquemáticos (3, 5, 7, 8, 9, 10).

4 - Em geral a Baixa é apresentada como uma rectícula, desde a simples quadrícula a desenhos com os quarteirões e as praças cuidadosamente delimitados. Nota-se a inclusão frequente da Praça da Figueira, e mais raramente a Igreja de São Domingos e o Elevador de Santa Justa, ou a relação próxima da Praça dos Restauradores. Em termos práticos nenhum outro edifício ou sítio é marcado como referência em toda esta área central. Na Praça do Comércio inclui-se quase sempre a indicação da estátua, esporadicamente o Arco; quanto ao Rossio a estátua desaparece e surgem as duas fontes - 11, 12, 13. Apenas nos esquemas muito abstractos e simplificados e em que se marcam quase simetricamente os quadrados das duas praças, também se inclui um círculo para localizar a estátua central – 7, 8, 6.

5 - De notar que num dos desenhos mais simplificados – 12 - se inclui uma anotação na Praça do Comércio com uma figura humana e pontos de interrogação, lembrando o acidente mortal que aqui houve junto aos semáforos não há muito tempo. Os perigos do trânsito para os peões não deixam de estar subjacentes à leitura do lugar, e serem uma marca importante na vivência destes espaços, pelo que foi deixado no papel um alerta muito expressivo.

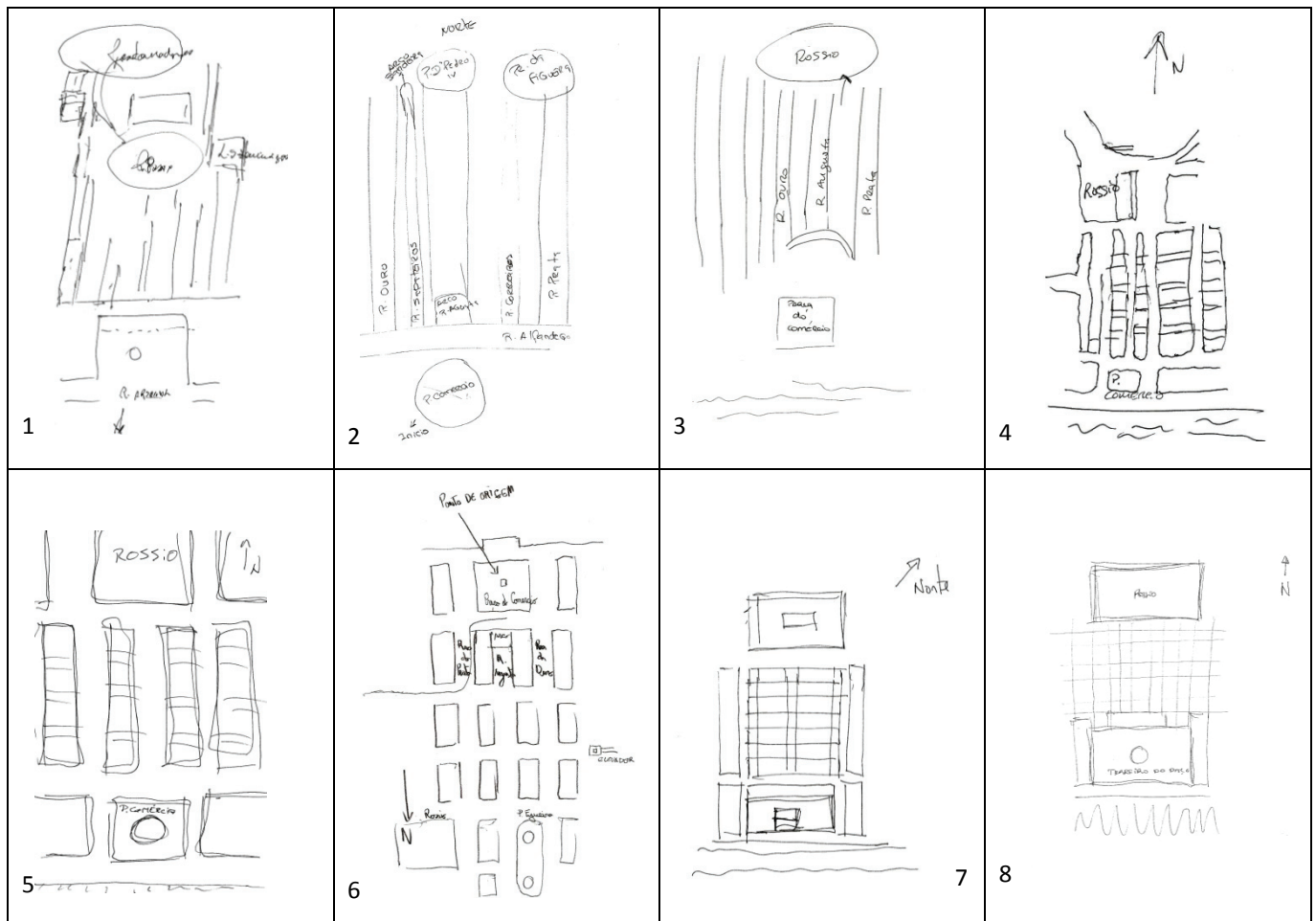
6 - Quanto à malha da Baixa destacam-se dois tipos de leitura perfeitamente opostos: a que privilegia as ruas transversais, chegando ao ponto de as identificar com os nomes, enquanto que nem sequer são desenhadas as ruas principais - 9,10, e quem apenas indica estas, ignorando a existência das travessas, desenhando unicamente várias linhas paralelas – 1, 2, 3.

7 - Em geral o esboço é feito colocando a Praça do Comércio (local onde estão a ser feitas as perguntas) na parte de baixo da folha. Em dois casos, em que se escolheu inverter a posição – 6 e 9 -, nota-se que a localização do Rossio e da Praça da Figueira estão também invertidas, embora num deles em que as formas estão correctas – uma praça oval com dois pequenos círculos, e uma praça quadrada – dir-se-ia que a dificuldade apenas surge para pôr a legenda adequada.

8 - Num caso curioso, em que eventualmente a pessoa terá percebido que se pedia um desenho da Praça, e não uma planta, foi primorosamente desenhada a fachada norte da Praça:

Como conclusão, pensamos que estes trabalhos revelam a importância dos factos urbanos. Apesar de o tópico ser a Praça do Comércio, a visão inclui sempre as ruas da Baixa e o Rossio. Ou seja, estão aqui, interligados, um princípio, um fim, e um meio, três áreas claramente diferenciadas e identificadas, e que correspondem a espaços urbanos com diferentes formas, definidos e delimitados por uma arquitectura de fachadas claramente diferenciadas. Como refere Kevin Lynch *“Potencialmente, a cidade é ela própria o símbolo poderoso duma sociedade complexa. Se visualmente estiver bem delineada, poderá ter ainda uma expressão de intenso significado.”* (Lynch, 1974).

Fig. 48 – Mapas mentais da Praça do Comércio²³



²³ Imagens retiradas de: CATALÃO, André; LOPES, Catilina; SANTOS, Francisco; BAPTISTA, Miguel; MACHADO, Nuno *A Baixa Pombalina – Inquéritos*, trabalho realizado no âmbito da disciplina de História da Arquitectura VI, Lisboa, Universidade Autónoma de Lisboa, Departamento de Arquitectura, 2008.

8. Síntese, conclusões e recomendações

Tal como nos diz Bailly, “Nous pouvons donc dire que si les perceptions sont surtout individuelles, les attitudes reflètent déjà l’influence du milieu.” (Bailly, 1979: 50). Os vários níveis de percepção da Praça do Comércio que aqui foram apresentados, resultado de dados recolhidos com quase meio milhar de indivíduos, entre entrevistas e inquéritos, e estão intrinsecamente relacionados com o meio em que são produzidos. E se, como afirmava Lévi-Strauss, as representações do espaço de uma comunidade são resultado de um modelo colectivo, (Levi-Strauss, 1979), aquilo que observámos reflectem padrões de comportamento colectivo do espaço da Praça do Comércio. Após a apresentação de todos os dados recolhidos e por nós analisados, encontramos-nos, agora, em posição de sistematizar alguns dos aspectos mais importantes, assim como de tecer algumas conclusões e recomendações, que poderão constituir pontes para o futuro da Praça do Comércio.

Manutenção da Praça como espaço de trabalho

Uma parte importante da vivência da Praça está relacionada com a presença da administração central nos edifícios. Como mostrámos, os trabalhadores na Praça e na Baixa constituem uma parte muito importante do movimento e mesmo da imagem da própria Praça – os próprios fluxos de atravessamento, consoante as horas do dia, estão relacionados com horários de trabalho. Os fluxos turísticos são distribuídos de forma irregular, ao longo do ano, com picos de ocupação entre Abril e Agosto, e ao longo do dia (da parte da manhã encontram-se grandes grupos, da parte da tarde grupos pequenos, pares ou indivíduos sozinhos), pelo que dificilmente poderão substituir a vivência quotidiana da cidade, sendo antes complementares, tal como as actividades aos fins-de-semana e feriados.

Promoção de actividades culturais na Praça

A Praça é considerada um espaço cultural privilegiado para a realização de eventos culturais. Embora a discussão sobre o tipo de eventos que nela deverão ter lugar esteja longe de estar encerrada, dado que há quem considere que estas manifestações deverão ser de natureza erudita e quem considere que poderão ser de natureza mais popular, parece ser inegável que as expectativas e os desejos dos cidadãos para o espaço da Praça do Comércio estão relacionados com programações e eventos de natureza cultural. A imagem da Praça como um grande palco, onde algo acontece acompanha a esmagadora maioria das opiniões recolhidas.

Melhoria do espaço

A Praça do Comércio é considerada como sendo um espaço onde se sente algum desconforto, seja pela sua dimensão - que provoca sentimentos relacionados com a aridez e com a extensão dos atravessamentos a efectuar, agravados nos dias de calor e de vento – quer pela falta de algumas estruturas e equipamentos de apoio. Parece ser inquestionável a necessidade de melhoria de alguns aspectos da Praça, nomeadamente a criação de sombras (até mesmo com espaços do tipo esplanada, muitas vezes referidos como algo desejável) a colocação de água e de instalações sanitárias. O piso existente no centro da Praça aquando da recolha de dados foi tido como bom, até porque facilita a deslocação, numa extensão que pode ser grande, aspecto que há que ter em conta em futuras intervenções.

Duas outras questões fundamentais no que diz respeito à percepção do espaço da Praça prendem-se com o desconforto causado pela poluição e pelo ruído (associados ao tráfego automóvel), e pela sensação de insegurança, associada sobretudo a problemas com a circulação pedonal, designadamente com os atravessamentos, e com a presença de sem-abrigo na Praça, sobretudo à noite, causando problemas de higiene pública, e com abordagens em que é proposta a compra de droga.

Como podemos observar, a necessidade de melhorias na Praça trata problemas de diferente grau de complexidade. Para alguns deles foram sugeridas alterações, tais como reduzir (mas não cortar) o tráfego na Praça, a colocação de sombras ou árvores e esplanadas. Para outros, nomeadamente os problemas com raízes sociais mais profundas, repetidas vezes foram considerados problemas cuja solução passaria por propostas mais vastas e integradas nas políticas sociais municipais e nacionais. Contudo, são questões bastante presentes, que não se solucionam por elas próprias, ainda que possam ser deslocadas, em resultado de alterações do próprio espaço. Importa lembrar que a Praça do Comércio é, para uma larga maioria, considerada bastante segura.

Ocupação do espaço

De uma forma geral, podemos dizer que há a percepção da Praça como um espaço vazio, que necessita de alguma forma de ocupação. As árvores, as esplanadas, as actividades diversas foram referências recorrentes. No entanto, o desafogo e a vista para o rio são bastante valorizados. No que diz respeito ao tipo de ocupação, a Praça tem uma forte importância simbólica mas por poucos é sacralizada; pelo contrário, há alguma vontade de que se tome um rumo que resolva alguns problemas dos usos actuais e promova também novos usos, novas ocupações, mais ou menos arrojadas e inovadoras.

Estar ou passar?

É claro, neste momento, que a Praça é – em simultâneo – um espaço de estar e de passar (no limite, é também espaço de viver para algumas dezenas de pessoas), de permanecer e de percorrer, de olhares atentos e apressados. Aquilo que observámos foi que estas duas realidades se cruzam, mas que quem faz uma coisa não faz, habitualmente, a outra. Alterações futuras poderão proporcionar momentos de permanência a quem hoje apenas passa e a proximidade do rio poderá potenciá-lo. Não obstante, cremos que haverá sempre diferenciação entre estes dois tipos de utentes deste espaço.

Monumento e patrimonialidade

A importância da Praça enquanto monumento, enquanto património local e nacional, assim como o facto de pertencer a um conjunto de referência que é a Baixa Pombalina é um aspecto sempre presente. Como tal, é impossível dissociar um conjunto de influências académicas e eruditas, que surgem frequentemente quando se fala em alterar este espaço. Esta é uma questão recorrente nas intervenções em centros históricos, mas parece ter especial relevo neste espaço. As menções constantes ao Arco da Rua Augusta, à estátua de D. José I e mesmo ao Cais das Colunas como os pontos mais importantes e mais apreciados da Praça remetem-nos para a importância deste espaço como espaço de representação, associado ao poder de Estado e à memória colectiva, com a sua lógica própria de funcionamento que, apesar de a ela pertencer, transcende a envolvente, funcionando como um espaço que tem a sua importância própria, as suas referências internas, capazes de ser entendidas e vividas – e assim perpetuadas – individualmente. É certo que existe um discurso de inclusão, que pretende que tudo o que se passa na Praça se relaciona com o exterior. Mas, do ponto de vista estritamente simbólico, ela detém uma autonomia e um valor únicos.

Cenários de intervenções futuras

Os vários cenários de intervenção que foram surgindo ao longo do trabalho, põem de parte a chamada “Intervenção 0”, ou seja, a não-intervenção. Quer a Câmara Municipal de Lisboa, quer os cidadãos reclamam a necessidade de algum tipo de mudança. E embora não haja um consenso alargado em relação ao tipo de intervenção mais desejável, há alguns pontos comuns, que merecem ser explorados, alguns cenários que podem ser traçados, em resultado da análise e dos elementos recolhidos:

1. **Intervenção mínima:** este é o cenário da intervenção que não procede a grandes alterações na Praça, que responde à dignidade do espaço com um nível mínimo de

intervenção, inclusive ao nível das actividades a ser promovidas, que, também elas, devem contribuir para a dignificação da imagem monumental.

2. **Entre a história e a modernidade:** falamos de um tipo de intervenção que inova, nos usos e nos materiais, mas que mantém os elementos formais (forma da Praça, relação entre espaços), que cria alguns usos novos, mas sem comprometer os usos actuais.
3. **Inovação:** cenário que, à semelhança do que aconteceu noutras zonas ribeirinhas, repensa a relação funcional e espacial da Praça com a envolvente, criando uma nova vivência.

Perante estas possibilidades, teóricas, aquilo que verificámos é que a larga maioria das opiniões recolhidas aponta para uma relação de continuidade com o passado, para soluções não muito inovadoras, deixando a inovação mais para a ocupação e actividade a desenvolver e menos para a alteração do espaço propriamente dito. Não quer isto dizer que, caso se equacionasse uma nova lógica para a Praça ela não viesse a ser aceite, mas antes que – espontaneamente – não é isso que surge quando se fala em mudança.

Começar de novo é algo que, em ordenamento do território, não é, realmente, comum. Mesmo os espaços de reconversão total, como o actual Parque das Nações, assentam num conjunto de valores e premissas, de referências que são incorporadas, de forma mais ou menos artificial nos novos espaços. A Praça do Comércio é exactamente o oposto, um espaço (sobre)carregado de referências, no qual é difícil intervir, precisamente por nele estarem presentes inúmeras memórias. Aliás, a própria indiferenciação toponímica entre Praça do Comércio ou Terreiro do Paço reflecte isso mesmo. Possui, assim, um valor imaterial que ultrapassa o valor patrimonial do edificado e se estende para lá do valor histórico *per se*. Neste sentido, a história e a memória social, embora relacionadas são independentes uma da outra e embora, tal como Connerton refere, o poder político possa manipular a história para criar memória, não é possível controlar a forma como a sociedade retém o que para ela é importante.

No caso da Praça do Comércio, temos alguns elementos que são construções eruditas que se vão perpetuando nas memórias, mas temos também referências colectivas que se constroem de forma autónoma, à margem da produção académica e do discurso do poder. Neste estudo, cremos ter demonstrado de que forma estas referências se reflectem na actual vivência na Praça do Comércio e de que forma é que o seu conhecimento e análise podem contribuir para pensar o futuro da cidade, e deste espaço em particular.

Bibliografia

AAVV, *Baixa-Chiado Proposta de revitalização, Relatório e anexos*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 2006.

AAVV, *Baixa Pombalina 250 anos em imagens*, Câmara Municipal de Lisboa, Pelouro do Licenciamento Urbanístico e Planeamento Urbano, 2004.

AAVV, *Baixa Pombalina Pedido de inclusão da lista indicativa nacional para a candidatura a Património Mundial*, Câmara Municipal de Lisboa, Vereação do Licenciamento Urbanístico e Reabilitação Urbana, vol. 1/2, 2004.

AAVV, *Diagnóstico Sócio-urbanístico da cidade de Lisboa Uma perspectiva censitária (2001)*, 2ª ed., Lisboa, Colecção de Estudos Urbanos Lisboa XXI – 4, Câmara Municipal de Lisboa, Pelouro do Licenciamento Urbanístico e Planeamento Urbano, 2005.

AAVV, *Jornadas A Baixa Pombalina e a sua importância para o património mundial, Comunicações das Jornadas de 9-10 de Outubro de 2003*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, Pelouro do Licenciamento Urbanístico e Planeamento Urbano, 2003.

AAVV, *Monumentos, Revista Semestral de Edifícios e Monumentos*, n.º 21, Setembro, Lisboa, Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, 2004.

AAVV, *Reabilitação Urbana Baixa Pombalina: bases para uma intervenção de salvaguarda*, Lisboa, Colecção de Estudos Urbanos Lisboa XXI – 6, Câmara Municipal de Lisboa, Pelouro de Licenciamento Urbanístico e Reabilitação Urbana, 2005.

ADRIÃO, José; PACHECO, Pedro, “Terreiro do Paço/Praça do Comércio” in FARIA, Miguel Figueira (coord) *Praças Reais: Passado, Presente e Futuro*, Lisboa, Livros Horizonte, 2008, 389-394.

AUGÉ, Marc, *Não-lugares, Introdução a uma antropologia da sobremodernidade*, Venda Nova, Bertrand, 1994.

BAILLY, A., “La perception de l’espace urbain: les concepts, les méthodes d’étude, leur utilisation dans la recherche géographique”, *L’information géographique*, Ano 43, n.º 1, Jan/Fev 1979, Paris, Éditions J-B Baillière, 48-51.

BATTY, Michael; COLE, Sam, “Time and Space, Geographic perspectives on the future”, *Futures*, vol. 29, n.º 415, 1997, pp. 217-289.

BRAGA, Pedro Bebiano, “Mobilar a Praça do Comércio (1775-1903)” in FARIA, Miguel Figueira (coord) *Praças Reais: Passado, Presente e Futuro*, Lisboa, Livros Horizonte, 2008, 57-70.

BRANDÃO, Pedro, *A identidade dos lugares e a sua representação colectiva, Bases de orientação para a concepção, qualificação e gestão do espaço público*, Lisboa, Direcção-Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano, 2008.

BRANDÃO, Pedro (coord), *O chão da cidade, Guia de avaliação do design de espaço público*, Lisboa, Centro Português de Design, 2003.

BRETTEL, Alexandra, *The effects of "Order" and "Disorder" on Human Cognitive Perception in navigating through urban environments*, London, University College London, MSc Built Environment: Advanced Architectural Studies, Built Environment Report, 2006, 83 p.

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA, *Objectivo: Terreiro do Paço*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, Departamento de Ambiente e Espaços Verdes, 1998.

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA, *Conceito de Circulação para a Frente Tejo, entre Santa Apolónia e Cais do Sodré*, Lisboa, Dezembro de 2008.

CAPEL, Horacio, "Percepción del medio y comportamiento geográfico", *Revista de Geografía, Departamento de Geografía de la Universidad de Barcelona*, Vol. VII, n.º 1-2, Enero-Diciembre 1973, 58-150.

CASTEL-BRANCO, Cristina, "A Praça do Comércio e os elementos naturais" in FARIA, Miguel Figueira (coord) *Praças Reais: Passado, Presente e Futuro*, Lisboa, Livros Horizonte, 2008, 359-376.

CASTILHO, Júlio de. *A Ribeira de Lisboa*. vol. III, CML, 1948.

CATALÃO, André; LOPES, Catilina; SANTOS, Francisco; BAPTISTA, Miguel; MACHADO, Nuno *A Baixa Pombalina – Inquéritos*, trabalho realizado no âmbito da disciplina de História da Arquitectura VI, Lisboa, Universidade Autónoma de Lisboa, Departamento de Arquitectura, 2008.

CAUVIN, Colette, "Pour une approche de la cognition spatiale intra-urbaine", *Cybergeog, Politique, Culture, Représentations*, article 72, colocado on-line 27/01/1999, modificado a 14/03/2007. URL : www.cybergeog.eu/index5043.html. Consultado a 13/10/2008.

CLAVAL, Paul, "A geografia e a percepção do espaço", *Revista Brasileira de Geografia*, Ano 45, n.º 2, 243-255, Abr/Jun 1983.

CONNERTON, Paul, *Como as sociedades recordam*, Oeiras, Celta, 1999 (2ª ed).

CRISTOVINHO, Catarina; AFONSO, Joana; FLORES, Luís Filipe; PEREIRA, Madalena; VALSASSINA, Marta, *A Praça do Comércio no século XX, Imagem mental da Praça*, trabalho realizado no âmbito da disciplina de História da Arquitectura VI, Lisboa, Universidade Autónoma de Lisboa, Departamento de Arquitectura, 2008.

CULLEN, Gordon, *Paisagem urbana*, Lisboa, Edições 70, col. Arquitectura e urbanismo 1, 2006 (trad. ed. Architectural Press, 1971: 1ª ed. 1959).

Decreto-Lei n.º 117/2008, de 9 de Julho – Constituição da Sociedade Frente Tejo, S.A.

DEMING, Mark, "Louis XVI en l'Ile. Contribution à l'étude des places royales parisiennes à la fin de l'Ancien Régime", *Revue de l'Art*, Volume 83, Numéro 83, 1989, pp. 86–92.

ESTEVES, Alina Isabel Pereira, *A criminalidade urbana e a percepção do espaço na cidade de Lisboa. Uma geografia da insegurança*, dissertação apresentada a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa para obtenção do grau de Mestre e Geografia Humana e Planeamento Regional e Local, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1995.

FARIA, Miguel Figueira, "A Praça Real do Tejo" in FARIA, Miguel Figueira (coord) *Praças Reais: Passado, Presente e Futuro*, Lisboa, Livros Horizonte, 2008, 203-228.

FONSECA, Lucinda, “Lisboa vista pelos lisboetas – Apreensão, leitura e vivência da cidade”, *Revista da faculdade de letras*, 15, 15ª série, 1993, 37-47.

FRANÇA, José Augusto-França. *Lisboa pombalina e o Iluminismo*. Bertrand Editora, 1987 (1966).

GASPAR, Jorge; MARIN, Ana, “A percepção do espaço documentos para o ensino”, Lisboa, *Separata de Finisterra, Revista Portuguesa de Geografia*, Vol. X-20, 1975.

HALL, Edward, *A dimensão oculta*, Lisboa, Relógio d’água, 1986 (1ª ed 1966).

IGREJAS, Francisco; ARRUDA, Gonçalo; HENRIQUES, João, *A Praça do Comércio, Análise da Forma Urbana, Representação do Espaço*, trabalho realizado no âmbito da disciplina de História da Arquitectura VI, Lisboa, Universidade Autónoma de Lisboa, Departamento de Arquitectura, 2008.

Inventário do Património Arquitectónico (IPA), Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, www.monumentos.pt, Março de 2009.

LOUSADA, Maria Alexandre, “Praça e sociabilidade: práticas, representações e memórias” in FARIA, Miguel Figueira (coord) *Praças Reais: Passado, Presente e Futuro*, Lisboa, Livros Horizonte, 2008, 45-56.

LÉVI-STRAUSS, Claude, *Tristes Trópicos*, Lisboa, Edições 70, 1979.

LYNCH, Kevin. *The Image of the City*. MIT Press, 1974 (1960).

LYNCH, Kevin. *What Time Is This Place?*. MIT Press, 1980 (1972).

MAGRIS, Claudio. *El infinito viajar*. Anagrama, 2008.

MATOS, José Sarmiento, “Terreiro do Paço : espaço e função” in FARIA, Miguel Figueira (coord) *Praças Reais: Passado, Presente e Futuro*, Lisboa, Livros Horizonte, 2008, 395-404.

MATOS, Maria João Pereira de, *Espaço público na metrópole contemporânea, O caso da frente ribeirinha de Santa Apolónia / Terreiro do Trigo*, dissertação submetida ao grau de Mestrado em Cidade, Território e Requalificação, Lisboa, ICSTE, 2002.

MÉO, Guy di, “Patrimoine et territoire, une parenté conceptuelle”, in *Espaces et Sociétés*, n.º 78, L’Harmattan, 1995.

MÉO, Guy di (dir.) *Les territoires du quotidien*, Paris, L’Harmattan, Coll. Géographie Sociale, 1996.

MONNET, Jérôme, “La symbolique des lieux : pour une géographie des relations entre espace, pouvoir et identité”, *Cybergeog, Politique, Culture, Représentations*, article 56, colocado on-line 07/04/1998, modificado a 03/05/2007. URL : www.cybergeog.eu/index5316.html. Consultado a 13/10/2008.

P.-LÉVY, Françoise; SEGAUD, Marion. *Anthropologie de l’espace*. Centre Georges Pompidou, 1983.

PARIN, Claire, "The recognition of local specificities in cross-cultural design", *Urban Design International* 9, 2004, 197–207.

PEREC, George. *Espèces d’espaces*. Galilée, 2000 (1974).

Plano de Pormenor da Baixa Pombalina Termos de referência, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 2008.

Resolução do Conselho de Ministros n.º 78/2008, de 15 de Maio – definição das linhas de orientação da requalificação e reabilitação urbana da frente ribeirinha de Lisboa.

Revitalização da Baixa-Chiado Revisão do Relatório – Proposta de Setembro de 2006, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, Gabinete Vereador Manuel Salgado, 2008.

RIBEIRO, Zenilda Lopes, *Praças e lazer: dinâmica de uso e apropriação de espaços públicos em Sorriso-MT*, Cuiabá - Mato Grosso, Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Programa de Pós-graduação Mestrado em Geografia, 2008, 133 p.

ROSSI, Aldo. *L'architettura della città*. Clup, 1984 (1978).

SALGUEIRO, Teresa Barata, “O mundo está cada vez mais pequeno. Reflexão sobre o espaço geográfico”, *Portugal: Uma geografia em mudança?*, *Actas do 1º Congresso de Geografia Portuguesa*, Lisboa, Associação Portuguesa de Geógrafos, 1991, 19-32.

SANTOS, Maria Helena Ribeiro dos, “A Praça do Comércio: questões para um monumento” in FARIA, Miguel Figueira (coord) *Praças Reais: Passado, Presente e Futuro*, Lisboa, Livros Horizonte, 2008, 377-388.

SCHINAZI, Victor Roger, *Spatial representation and low vision: Two studies on the content, accuracy and utility of mental representations*, London, University College London, Centre for Advanced Spatial Analysis, UCL Working paper series, Paper 93 05 | 05, 2005, 13 p.

SILVANO, Filomena, *Antropologia do Espaço, Uma Introdução*, Oeiras, Celta, 2001.

SILVANO, Filomena, *Territórios da identidade*, Oeiras, Celta, 1997.

SMITH, Geoffrey C.; FORD, Robert G., “Urban Mental Maps and Housing Estate Influences of Council Tenants”, *Geoforum*, Vol. 16, n.º 1, 25-36.

Anexo – Inquérito realizado

ID	Inq. n.º	Data	Hora	Local do inq.
1. Dados sobre o inquirido			1.1 Sexo M ☐ F ☐ 1.2 Idade <30 ☐ 30/50 ☐ >50 ☐ 1.3 Nacionalidade _____ 1.4 Escolaridade _____ 1.5 Profissão _____ 1.6 Concelho de residência _____ 1.7 Concelho de trabalho / estudo _____ 1.8 Trabalha na Praça? _____ 1.9 Trabalha na Baixa? _____ 1.10 Tem carro próprio? _____ 1.11 Principal meio de transporte para deslocações diárias _____	

2. Motivos e frequência das deslocações à Praça

2.1 Com que frequência se desloca à Praça do Comércio?	Todos os dias ☐ Várias vezes por semana ☐ Semanal ☐ Mensal ☐ Trimestral ☐ Semestral ☐ Uma vez ou menos ano ☐ É a primeira vez ☐ NS/NR ☐
--	--

2.2.1 Por que razão (razões) se desloca à Praça do Comércio?	2.2.2 Quando se desloca?	2.2.3 Em que momento do dia?
Apanhar transportes ☐ Quais _____	Diariamente ☐ Dias úteis ☐ Fins-de-semana ☐ Férias ☐ NS/NR ☐	Manhã ☐ Tarde ☐ Noite ☐ Hora almoço ☐ Manhã e tarde ☐
Passeio / turismo ☐	Diariamente ☐ Dias úteis ☐ Fins-de-semana ☐ Férias ☐ NS/NR ☐	Manhã ☐ Tarde ☐ Noite ☐ Hora almoço ☐ Manhã e tarde ☐
Deslocação a pé para o trabalho ☐	Diariamente ☐ Dias úteis ☐ Fins-de-semana ☐ Férias ☐ NS/NR ☐	Manhã ☐ Tarde ☐ Noite ☐ Hora almoço ☐ Manhã e tarde ☐
Compras na Baixa ☐	Diariamente ☐ Dias úteis ☐ Fins-de-semana ☐ Férias ☐ NS/NR ☐	Manhã ☐ Tarde ☐ Noite ☐ Hora almoço ☐ Manhã e tarde ☐
Para estar na Praça ☐	Diariamente ☐ Dias úteis ☐ Fins-de-semana ☐ Férias ☐ NS/NR ☐	Manhã ☐ Tarde ☐ Noite ☐ Hora almoço ☐ Manhã e tarde ☐
Utilização de rest./cafés (quais?) ☐ _____	Diariamente ☐ Dias úteis ☐ Fins-de-semana ☐ Férias ☐ NS/NR ☐	Manhã ☐ Tarde ☐ Noite ☐ Hora almoço ☐ Manhã e tarde ☐
Visitar exposições ☐	Diariamente ☐ Dias úteis ☐ Fins-de-semana ☐ Férias ☐ NS/NR ☐	Manhã ☐ Tarde ☐ Noite ☐ Hora almoço ☐ Manhã e tarde ☐
Utilização de serviços (quais?) ☐ _____	Diariamente ☐ Dias úteis ☐ Fins-de-semana ☐ Férias ☐ NS/NR ☐	Manhã ☐ Tarde ☐ Noite ☐ Hora almoço ☐ Manhã e tarde ☐
Para se encontrar com outras pessoas ☐	Diariamente ☐ Dias úteis ☐ Fins-de-semana ☐ Férias ☐ NS/NR ☐	Manhã ☐ Tarde ☐ Noite ☐ Hora almoço ☐ Manhã e tarde ☐
Outro _____	Diariamente ☐ Dias úteis ☐ Fins-de-semana ☐ Férias ☐ NS/NR ☐	Manhã ☐ Tarde ☐ Noite ☐ Hora almoço ☐ Manhã e tarde ☐

3. Circulação e permanência na Praça

3.1 Como se desloca para a Praça?	A pé ☐ Carro ☐ Onde estacionou? _____ Transporte público ☐ Qual? _____
3.2 Nas suas deslocações, a Praça é:	Local de destino ☐ Local de passagem ☐
3.3 Habitualmente, por onde circula, a pé, na Praça do Comércio	Lado Norte ☐ Lado Ocidental ☐ Lado Oriental ☐ Av. Rib. das Naus ☐ Atravessa a praça pelo centro ☐
3.4 Qual o local da Praça onde permanece mais tempo?	Lado Norte ☐ Lado Ocidental ☐ Lado Oriental ☐ Av. Rib. das Naus ☐ No centro ☐ Sob o Arco ☐
3.5 Quanto tempo permanece na Praça?	≤ 5m ☐ 5 a 15m ☐ 15 a 30m ☐ 30 a 60m ☐ ≥ 60m ☐
3.6 Costuma utilizar os bancos da Praça?	Sempre ☐ Ocasionalmente ☐ Nunca ☐
3.7 A iniciativa de encerramento do trânsito ao Domingo é:	Boa ☐ Razoável ☐ Má ☐ Indiferente ☐
3.8 Acha que a Praça deveria permitir a circulação de:	Peões ☐ Bicicletas ☐ Eléctricos ☐ Autocarros ☐ Táxis ☐ Automóveis ☐ Skates ☐ NS/NR ☐
3.9 A circulação do trânsito rodoviário deveria ser:	Mantida tal como está ☐ Mais limitada ☐ Totalmente cortada ☐ NS/NR ☐

4. Opinião sobre a Praça (presente e futuro)

4.1 A Praça é um local:	Muito agradável ☐ Agradável ☐ Desagradável ☐ NS/NR ☐
4.2 Qual a importância da Praça para a história da cidade de Lisboa:	Muito importante ☐ Importante ☐ Pouco importante ☐ Sem importância ☐ NS/NR ☐
4.3 A Praça do Comércio é importante:	Pelo conjunto arquitectónico ☐ Pelos ministérios ☐ Pela proximidade ao rio ☐ Como espaço de lazer / cultura ☐ Por pertencer à Baixa ☐ Outro ☐
4.4 O que pensa da área pedonal? Passeio Arcadas Centro da Praça Atravessamentos	Muito Boa ☐ Boa ☐ Má ☐ NS/NR ☐ Muito Boa ☐ Boa ☐ Má ☐ NS/NR ☐ Muito Boa ☐ Boa ☐ Má ☐ NS/NR ☐ Muito Boa ☐ Boa ☐ Má ☐ NS/NR ☐
4.5 A vista para o rio é:	Muito agradável ☐ Agradável ☐ Desagradável ☐ NS/NR ☐
4.6 O que pensa do acesso ao rio?	Fácil ☐ Difícil ☐ Muito difícil ☐ NS/NR ☐
4.7 Em termos de segurança, a Praça é:	Muito segura ☐ Segura ☐ Insegura ☐ NS/NR ☐
4.8 Em termos de poluição do ar, a Praça tem:	Pouca poluição ☐ Alguma poluição ☐ Muita poluição ☐ NS/NR ☐
4.9 Em termos de ruído, a Praça tem:	Pouco ruído ☐ Algum ruído ☐ Muito ruído ☐ NS/NR ☐
4.10 Gostaria que a Praça tivesse árvores?	Sim ☐ Não ☐ Talvez ☐ NS/NR ☐
4.11 Gostaria que o Arco da Rua Augusta fosse visitável?	Sim ☐ Não ☐ Talvez ☐ NS/NR ☐

4.12 O que gosta mais na Praça? _____

4.13 O que gosta menos na Praça? _____

4.14 O que faz mais falta na Praça? _____

4.15 Qual é(são) o(s) elemento(s) mais marcante(s) da Praça? _____

4.16 Que actividades se deverão realizar na Praça? _____

4.17 (“Inseguro” na pergunta 4.7) O que seria necessário para a tornar mais segura?
